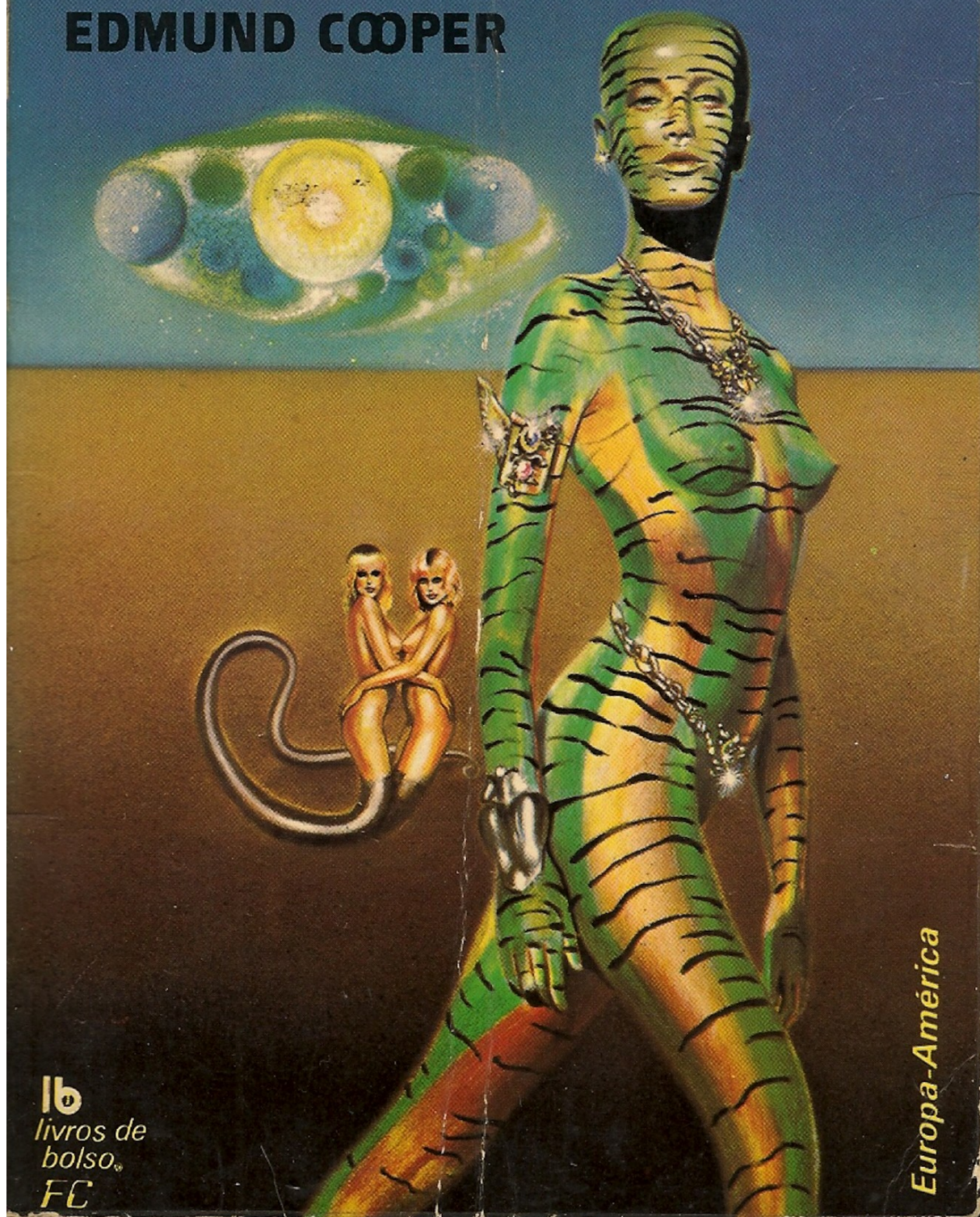


FICÇÃO CIENTÍFICA

FC⁵⁶

AS EXTERMINADORAS

EDMUND COOPER



16
livros de
bolso
FC

Europa-América





Diarmid ignorou-a. Estava atarefado, conferenciando com os seus companheiros. O carro flutuador devia ser deixado à vista, no campo. Rura seria uma armadilha, o bode expiatório. Despiram o corpo de Mirage, um corpo pálido e delgado. Depois atiraram a túnica por cima da cabeça de Rura. Diarmid ajudou-a a vestir as mangas. Ela deixou-se subjugar, flexível como uma boneca, de olhos sem ver, face sem expressão. Eles ataram-lhe as mãos e ligaram-lhe as pernas.



ALGUMAS OPINIÕES SOBRE O LIVRO
KRONK
DE EDMUND COOPER

«Obra de grande densidade temática baseada no comportamento humano.»

DIÁRIO DE COIMBRA

«Uma obra fascinante.»

JORNAL DO FUNDÃO

«Uma criatividade vertiginosa.»

CÁVADO — ESPOSENDE

«Uma capa plenamente conseguida.»

VISEU INFORMAÇÃO

«Cooper escreve com autenticidade e arte.»

ARTHUR C. CLARKE

Obras publicadas nesta colecção:

- 1 — *Batalha no Espaço* — 1.
A Estrela-de-Batalha,
Glen A. Larson e Robert Thurston
- 2 — *Batalha no Espaço* — 2.
A Armadilha Mortal,
Glen A. Larson e Robert Thurston
- 3 — *Os Nossos Filhos Serão Mutantes*,
Bob Stickgold e Mark Noble
- 4 — *A Última Fome*, John Christopher
- 5 — *O Labirinto*, Robert Silverberg
- 6 — *Ubik*, Philip K. Dick
- 7 — *Saturno 3*, Steve Gallagher
- 8 — *Os Possessores*, John Christopher
- 9 — *O Abismo Negro*, Alan Dean Foster
- 10 — *Os 3 Estigmas de Palmer Eldritch*,
Philip K. Dick
- 11 — *O Avatar* — I, Poul Anderson
- 12 — *O Avatar* — II, Poul Anderson
- 13 — *A Torre de Vidro*, Robert Silverberg
- 14 — *O Ano do Cometa*, John Christopher
- 15 — *Ofiúco, o Aviso*, John Varley
- 16 — *Marune: Alastor 933*, Jack Vance
- 17 — *Um Estranho Numa Terra Estranha*,
Robert A. Heinlein
- 18 — *A Cidade da Neblina Verde*,
Michael Moorcock
- 19 — *O Monstro do Espaço*,
Robert A. Heinlein
- 20 — *Batalha no Espaço* — 3.
Os Túmulos de Kobol,
Glen A. Larson e Robert Thurston
- 21 — *A Rapariga de Marte*,
Robert A. Heinlein
- 22 — *Kronk*, Edmund Cooper
- 23 — *O Planeta Vermelho*,
Robert A. Heinlein
- 24 — *A Máquina Assassina*, Jack Vance
- 25 — *Tempestade no Tempo* — I,
Gordon R. Dickson
- 26 — *Tempestade no Tempo* — II,
Gordon R. Dickson
- 27 — *O Bailado das Estrelas*,
Spider e Jeanne Robinson
- 28 — *O Décimo Planeta*, Edmund Cooper
- 29 — *Regresso à Vida*, Robert Silverberg
- 30 — *Missão nas Estrelas*, A. E. van Vogt
- 31 — *Choque de Titãs*, Alan Dean Foster
- 32 — *O Céu Silencioso*, Lloyd Biggle, Jr.
- 33 — *Os Filhos de Matusalém*,
Robert A. Heinlein
- 34 — *Os Foragidos do Céu*, Joan D. Vinge
- 35 — *A Prisioneira do Fogo*,
Edmund Cooper
- 36 — *Os Guerreiros da Madrugada*,
M. A. Foster
- 37 — *Tembreabrezi — O Lugar do Início*,
Ursula K. Le Guin
- 38 — *Lorde Tedric*, E. E. «Doc» Smith
- 39 — *O Castigo dos Yurth*, Andre Norton
- 40 — *O Senhor das Aranhas*,
Michael Moorcock
- 41 — *Traidor à Humanidade*,
Philip José Farmer
- 42 — *Lorde Tedric — Piratas do Espaço*,
E. E. «Doc» Smith
- 43 — *Blade Runner — Perigo Iminente*,
Philip K. Dick
- 44 — *E. T. — O Extraterrestre*,
William Kotzwinkle
- 45 — *Batalha no Espaço* — 4.
Os Jovens Guerreiros,
Glen A. Larson e Robert Thurston
- 46 — *Os Despojados* — I,
Ursula K. Le Guin
- 47 — *Os Despojados* — II,
Ursula K. Le Guin
- 48 — *Os Senhores do Fosso*,
Michael Moorcock
- 49 — *Batalha no Espaço* — 5
*A «Galáctica» Descobre o Planeta
Terra*, Glen A. Larson e Michael
Resnick
- 50 — *Lorde Tedric — O Cavaleiro Negro*,
E. E. «Doc» Smith
- 51 — *A Rainha de Gelo* — I,
Joan D. Vinge
- 52 — *A Rainha de Gelo* — II,
Joan D. Vinge
- 53 — *Filha da Lua Brilhante* — 1,
Lynn Abbey
- 54 — *Filha da Lua Brilhante* — 2,
Lynn Abbey
- 55 — *Serpente do Espaço*,
Vanda N. McIntyre
- 56 — *As Exterminadoras*,
Edmund Cooper

EDMUND COOPER

**AS
EXTERMINADORAS**

Publicações Europa-América

Título original: Who Needs Men?

Tradução de Ana Paula Cunha

Capa: arranjo gráfico de estúdios P. E. A.

sobre ilustração de José Lança Semedo

© 1972 by Edmund Cooper

*Direitos reservados por
Publicações Europa-América, Lda.*

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

Edição n.º 35 056/3340

*Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins*

CAPÍTULO I

Estava uma linda manhã de Estio - perfeita para o Dia da Exterminação. Rura tinha o carro flutuador a média elevação, para uma duração média de viagem, elementos que se adequavam quase exatamente aos escarpados vales de Cumberland. Cento e cinquenta quilômetros à hora, um metro acima do solo. Àquela velocidade não era provável ter quaisquer surpresas pelo caminho. Tinha muito tempo para chegar às Terras Altas da Escócia e fazer derramar sangue antes do anoitecer. De qualquer modo, o detector de caça que girava preguiçosamente sobre a sua cabeça podia apontar a existência de alvos convenientes muito antes de chegarem às Terras Altas. Alguns dos rebeldes aventuravam-se já a avançar para sul.

Rura estava cansada. Assim estavam, provavelmente, as suas companheiras, Moryn e Olane. A tradicional orgia da véspera da extinção tinha este ano batido todos os recordes. Sem dúvida entraria para a história da Universidade como uma das maiores do século XXV. Rura lembrava-se ainda de ter feito amor com três moças. Depois disso, as coisas tornavam-se confusas. Sabiam as deusas quantas moças a tinham então amado.

Agora, o carro flutuador sibilava ao longo da encosta de Windermere. A luz do Sol inclinava-se sobre os baldios, transformando montes, rochedos e charnecas em texturas de infinita beleza. Num dia destes... Num dia destes, pensou Rura, como era fastidioso ter de ir caçar homens e borrar-se no seu revoltante sangue. Mas a tradição era a tradição. O Dia da Formatura na Universidade das Exterminadoras tinha sempre incluído este derrame de sangue simbólico. Era uma afirmação de fé e marcava o fim de dois anos de intensiva aprendizagem e treino.

«Mais duas semanas», pensou Rura, «e terei vinte anos. Terei direito à plena Condição de Mulher. Passarei a usar a caveira de ouro e os ossos cruzados, símbolos de uma exterminadora qualificada. As mulheres desejar-me-ão. E eu poderei escolher.»

Rura sentiu o peso da culpa. Devia estar feliz. Mas sentia-se culpada. Culpada por que não estava feliz? Então por que não estava feliz? Não sabia. Tentou lembrar-se das moças que abraçara e com quem fizera amor. Tentou lembrar o largo olhar de surpresa estampado nos olhos delas. Tentou lembrar-se de lábios, seios, toque, intimidade, dádiva e aceitação. Mas só conseguia trazer à mente o vazio. Talvez tivesse andado a trabalhar de mais.

- Dirige para a água! - disse Moryn. - Querida, dirige para a água. Vamos fazer um vale de espuma sob a luz do Sol. Deixemos atrás de nós uma pista para assinalar o Dia da Exterminação!

Rura sorriu e fez rodar o carro de utilização terrestre para o lago. Tinha sido um lago calmo, assim como um lençol de vidro. Mas agora o jato de ar do carro flutuador retalhava-o, erguendo e abandonando atrás de si pulverizadas paredes de água, através das quais o Sol construía efémeros arco-íris.

Olane olhou para trás, para a esteira que morria.

- Escrevemos na água, escrevemos no ar - disse ela de modo estranho. - Mas nenhuma de nós escreverá na rocha!

Olane era uma das moças que Rura tinha beijado e abraçado e levado ao êxtase na véspera da exterminação, Rura lançou-lhe um olhar rápido, viu a tristeza nos seus olhos e, no mesmo instante, sentiu-se deprimida.

- Olane querida, não podemos viver para sempre!

- Às vezes - disse Olane - acho que não podemos viver, muito simplesmente.

Moryn sentiu a melancolia no ar e quis combatê-la com uma instantânea excitação.

- Tenho aqui comigo uma garrafa de brande! - disse ela. Bebamos a um bom derrame de sangue!

Rura estava surpreendida.

- O álcool é estritamente proibido no Dia da Exterminação. Podemos ser expulsas.

- Quem poderá vir a saber? Haverá sangue nos nossos rostos e a garrafa de brande estará bem no fundo de qualquer lago escocês. Bebamos e alegremo-nos porque hoje... nós matamos.

Rura verteu o seu brande logo que se afastou de Windermere e se elevou sobre as montanhas. Ao todo, havia cinco carros flutuadores e quinze novatas na caçada. Mas não havia nenhum outro carro à vista agora. Apenas o detector de caça, circulando e flutuando como uma ave de rapina que realmente era. A tenente Kayt estava à frente do detector. Corriam rumores de que ela podia farejar um homem a cinco quilômetros de distância.

Olane estava a embebedar-se de brande.

- Queridas, não me julguem pateta, mas eu estou com medo do sangue. Não sei porquê. Estou só com medo.

Moryn beijou-a.

- Doçura, não há de que ter medo. Falo a sério. Não há nada que recear. Aqueles porcos não têm senão espadas, facas e lanças. Talvez bestas, se estiverem com sorte. Nós temos granadas, temos gás e temos pistolas *laser*. Assim, o que é que nos pode magoar?

- Talvez nós próprias. Talvez sejamos nós a magoar-nos.

- Não sejas tonta. Odeias os homens?

- Claro que odeio os homens!

- Então não há problema. Kayt vai dar-nos um belo alvo. Pintamo-nos com o sangue deles e vamos para casa. E é o fim do Dia da Exterminação. O fim de dois duros anos.

- Dois anos! - suspirou Olane. - Eu nunca quis realmente ser uma exterminadora. Mas a minha mãe tinha ambições para mim. Foi isto que ela sempre desejou.

Moryn ergueu o sobrolho.

- Tens uma mãe de útero? - perguntou.

- Não sejas tão felina! - censurou Olane desabridamente. Sabes bem que eu nasci por reprodução assexuada: um bebê entre quatro. Mas não faz qualquer diferença. Continuo a pensar em Sirlol como minha mãe.

- Ela é apenas tua superior no processo de reprodução!

- Irra! Ela é minha mãe!

- Meninas! Meninas! - Rura tentava serenar os ânimos. - Vão discutir precisamente hoje, entre todos os dias?

Moryn serviu-se de mais brande.

- Desculpa, querida. Se queres que Sirlol seja a tua mãe, ela *será* a tua mãe.

Olane estava arrependida e envergonhada.

- A culpa foi minha. Não devia ser tão susceptível. Vou sentir--me melhor logo que termine esta miserável sangria...

- Vou chamar a Kayt - disse Rura. - Quero saber o que está acontecendo.

Rura rodou o botão do receptor e falou com o detector de caça.

Nos assentos traseiros do carro flutuador, Moryn e Olane descansavam, bebiam brande, observavam as montanhas e as charnecas de Cumberland cruzando-se como relâmpagos.. Olhando em frente na direção da Escócia, elas estavam impacientes por chegar aos Planaltos do Sul - os começos da região rebelde. Terra de porcos.

- A Kayt diz que os outros quatro carros estão cerca de dez quilômetros à nossa frente - transmitiu Rura às outras.

- Raios! Vão fazer sangue antes de nós! - Moryn olhou para o mapa. - Rura, vamos tomar um atalho. Pede permissão a Kayt para sobrevoarmos Solway Firth. Se formos por rota marítima podemos ganhar cinquenta quilômetros.

Rura conferiu os dados com o detector.

- Permissão concedida. Mas Kayt diz que tem de ficar com os outros quatro carros. Se houver alguns alvos antes do encontro geral nos Planaltos do Sul, os outros terão direito sobre eles.

- Pff! Ora, nós encontraremos os nossos próprios alvos. Podes ir a direito através de Solway e pôr-nos meia hora à frente das outras. Já estaremos sangradas quando o resto da equipe lá chegar. E além disso o mar vai estar uma maravilha esta manhã. Bebam mais um pouco de brande.

- Não, muito obrigada! - Rura foi peremptória. - Eu tenho de pilotar esta coisa. Se o sangue nas nossas faces viesse a ser o nosso próprio, seríamos o motivo de riso de toda a Londres.

Rura rodou o carro numa curva apertada, erguendo-o acima dos milhares de metros de altura de Skiddaw. Estava uma manhã bem clara. Quinze quilômetros à frente quedava-se o mar, cegando de tão inundado pela luz do Sol - belo...

Com Skiddaw para trás de si, Rura carregou no acelerador. O carro flutuador saltou para a frente a cento e oitenta quilômetros por hora. Duzentos. Duzentos e vinte. Velocidade máxima, alta elevação média. Era maravilhoso correr assim numa coluna de ar até ao mar.

Estava um dia de ouro! Que pena ter que o desperdiçar com a morte, ainda que apenas com a morte de um homem.

- A Deusa seja louvada! - berrou Moryn bebendo mais brande. - A Deusa seja louvada! Nós somos o escol, as invencíveis, as imortais. Neste dia, hoje, homens vão morrer às nossas mãos. Eu sei! Recordaremos para sempre este dia.

O mar não era aqui tão calmo e liso como em Windermere. Mas era um mar agradável, com a mais leve das ondulações. O carro flutuador mergulhou um pouco, mas ninguém se sentiu nauseado. O mar era ouro e o azul hipnotizava.

Olane começou a chorar quando despontou à sua frente a costa da Escócia.

- Não quero matar ninguém! - soluçou ela. - O dia está lindo de mais para matar!

- Não vais matar ninguém! - disse Moryn. - Só vais matar homens. Um homem. Um homem não é nada. Um homem é um animal. Queres que um animal se deite em cima de ti? Queres que ele te force a abrir as pernas, te morda os seios, te encha o ventre com a semente da destruição?

- Não! Não! Não!

- Então ouve-me, garota! Vamos encontrar o nosso animal. Vamos caçá-lo e matá-lo! Vamos sentir o seu sangue sobre as nossas faces. E depois, regressaremos a Londres como conquistadoras, como verdadeiras mulheres. Seremos livres de espírito e de coração. Já teremos destruído o grande conto-do-vigário, a degradação de mi-

lhões de anos!

- Eu não quero matar!
- Descansa e acalma-te! Rura e eu faremos a matança!

Rura disse então:

- Sigo este rio ou volto na direção este para o encontro com as outras?

Moryn olhou para o mapa.

- São só trinta ou quarenta quilômetros fora do nosso caminho. Segue o rio. Os homens precisam de água fresca e - por esta vez nós precisamos de homens.

CAPÍTULO II

Era agradável deslizar rio afora sob a luz do Sol, com as montanhas escocesas erguendo-se de ambos os lados, pensava Rura. Estava um daqueles dias em que apetecia um piquenique - um indolente piquenique à beira-mar. E depois, seria bom nadar nua no mar e correr ao longo da areia e sentir formarem-se cristais de sal enquanto o corpo seca em contato com o ar tépido. Rura suspirou. Olane tinha razão. O dia estava demasiado belo para matar.

O detector de caça estava fora de alcance há já algum tempo. Movia-se na direção leste, dando pistas aos outros quatro carros flutuadores. Os prognósticos apostavam que Kayt encontraria alvos para as exterminadoras dentro do próximo par de horas. A seguir a isso, elas pintar-se-iam com sangue e voltariam para casa. Por outro lado, tinha certamente mais mérito encontrar os seus próprios alvos de caça. Isso seria registrado no diário. E seria lembrado quando se levantasse a questão das promoções.

De vez em quando, Rura chamava a tenente Kayt para saber do andamento da perseguição. Tinha sido avistado alguém - um macho solitário de kilt, que tinha tido sorte em estar perto de umas árvores. Um carro flutuador tinha aterrado, enquanto as três exterminadoras tinham partido para caçar a pé. Mas ele tinha-se escapulido e andava no monte. Era quase impossível encontrar um homem deitado, escondido na urze da encosta de um monte escocês. Impossível e perigoso, porque um homem só seria visível quando se tropeçasse nele, e, nessa altura, antes da exterminadora carregar no gatilho, já um punhal escocês se teria cravado no seu estômago.

Moryn tinha verificado o equipamento e esquadrinhava, agora, as margens do rio com binóculos. Olane continuava a encharcar-se no brande. Pobre Olane! Ela tinha razão. Nunca daria uma verdadeira exterminadora. Não tinha temperamento para isso. E agora estava embriagando-se até a completa insensibilidade; de um modo ou de outro, Rura e Moryn teriam de a proteger.

- O rio leva-nos até Castle Douglas e depois até ao Lago Carlingwark - disse Moryn. - Estamos numa boa pista, Rura. Pressinto-o!

- Que é Castle Douglas?

- Uma cidade fantasma, morta há dois séculos ou mais ainda. Mas pode ainda haver metal nas ruínas. Aqueles porcos precisam desesperadamente de metal. Metal para os punhais e para as pontas das setas, metal para as marmitas e para as suas imundas lâminas. Encontraremos alvos perto de Castle Douglas. Aposto contigo vinte euros.

- Como é que está a Olane?

- Estourando de felicidade. Deixa-a estar como está. Ela é boa na cama, mas não tem estômago para trabalhos de mulher.

Rura lançou um olhar para o espelho do piloto. Olane estava deitada, meia estatelada no assento traseiro, agarrando com força a garrafa de brande. Tinha desabotoa-

do a sua camisa preta de exterminadora e descobriam-se-lhe os seios. Enquanto o carro saltava em pequenas ondas, assim saltavam também os seus seios. Na véspera à noite tinham sido seios bastante amorosos, firmes, vibrantes, sensíveis. Mas agora o álcool tinha-os enfraquecido. Eram meros pedaços informes de carne, no corpo de uma moça que tinha medo de fazer derramar sangue e nele se pintar, num brilhante dia de Estio.

- Afasta o brande dela! Moryn, afasta o brande dela!

- Cala essa boca, cabra! Eu ouvi! - disse Olane pesadamente. - Tu nasceste de uma amante de porcos homens. A tua mãe grunhiu enquanto era deitada.

- Afasta o brande dela!

- Calma, Rura! Calma! Nós vamos tratar dela! Pomos-lhe o sangue na cara enquanto ela estiver dormindo. Ela nem se vai aperceber de nada.

- Eu sou a piloto deste carro flutuador. Atira a garrafa pela borda fora. É uma ordem!

Uma ordem fútil porque, tal como Rura viu, Olane já quase esvaziara a garrafa.

- Suína! Cabra! - gritou Olane. - Tiveste-me a noite passada. Não fui suficientemente boa? Os meus seios não estiveram a teu gosto? Não fiz o que devia com a minha língua?

- Moryn, olha a garrafa! Afasta-a!

Moryn arrancou o brande a Olane. Olane protestou debilmente. Então, fechou os olhos, voltou a afundar-se e começou a risonar.

- Foste estúpida em ter trazido a bebida!

- Querida, como é que eu podia saber que a Olane estava tão mal? De qualquer modo, para ela, é melhor assim. Não vai dar conta de nada!

- Tu planejaste tudo!

- Claro que planejei! - disse Moryn. - Eu amo-a, ouves? Eu amo-a! Tu podes ter dormido com ela, mas eu amo-a!

- Está bem, Moryn. Recebi a mensagem alto e bom som... Amigas como dantes!

- Amigas como dantes!

- Então, encontra-nos um maldito alvo! O dia vai azedo!

Moryn pegou nas lentes uma vez mais e pesquisou as margens do rio.

O tempo passava, o Sol batia forte. Apesar do ar condicionado, dentro do carro flutuador estava ficando abafado. Rura baixou o vidro das janelas, deixando que a amena brisa e a fresca umidade escocesas a refrescassem. Olane gemia no seu torpor. Moryn investigava as margens com uma intensidade feroz.

- Posso sentir o cheiro dos porcos. Estão algures por aqui, mas não os consigo ver. O problema é que eles "podem ouvir a nossa aproximação.

- Vou desacelerar para trinta quilômetros hora! - disse Rura. - A essa velocidade somos pouco mais que um murmúrio. - Sangue e pós-nascimento! - disse Moryn. - Se não encontrarmos nada depressa, teremos de nos juntar ao rebanho.

Mas, precisamente enquanto ela falava, o carro flutuador rodeou uma apertada curva do rio e houve um súbito e breve indício de movimento na margem esquerda. Movimento nas urzes.

- Busca! - gritou Moryn, - Porcos para a matança! Às dez horas em ponto. Carrega no acelerador, querida. Carrega no acelerador. Às dez horas em ponto na direção das urzes. Alcance de cento e cinquenta metros.

Rura acelerou e tomou altura. Inclinou o aparelho para a margem esquerda, às dez horas em ponto. Enquanto se voltava, Rura reparou numa velha ponte, cerca de quinhentos metros acima do rio. Era, sem dúvida, o caminho para Castle Douglas. Moryn estava com razão. Os rebeldes eram estúpidos em ficar perto das cidades em

ruínas, mas se eles precisavam de metal, para onde mais poderiam ir?

A charneca estendia-se abrupta a partir do rio. A erva dava lugar à urze, à densa urze da Escócia. Rura interceptou os intensificadores dos jatos e o carro flutuador saltou como doido pela fragosa encosta do monte.

Moryn estava armando-se - espingarda *laser*, granadas.

- Quinhentos metros... cem metros... Sobe, amor! Sobe... agora! Gira. Podemos ter sorte e vê-los. Eles têm de se mover. Não vão gostar da rajada de um carro exterminador queimando-lhes os gordos traseiros.

Rura girou e flutuou. Mas para além da rajada de ar do carro flutuador que alisava a urze, não se notava qualquer movimento.

- Para o solo! - disse Moryn. - Vamos sair lá para fora e queimar-lhes as cabeças.

- Quantos é que vês?

- Três, penso eu. Sim, três.

- De acordo com o livro, não estamos autorizadas a aterrisar a menos que saibamos a localização exata,

- Esquece o livro. Sei que eles estão aqui! É isso que conta. Que a Deusa te castigue! Para terra, Rura! Se estás com medo de caçar a pé, podes só cobrir-me!

Rura fez descer o carro flutuador. Parou num ângulo oblíquo, fazendo voltar para baixo a face de Olane. Ela ressonava e resmungava por entre o sono, mas não se movia.

Moryn saltou do carro.

- Espera por mim! - chamou Rura.

- Vens comigo, então?

- Claro que vou. Achas que te ia deixar andar no monte, sozinha?

Rura pegou na sua espingarda. Não gostava de granadas.

Por um ou dois minutos, as duas moças estacaram na urze, à escuta. Não ouviram nada para além do leve murmurar da brisa. Era uma brisa doce, acariciando o corpo, acariciando o cabelo com dedos invisíveis. Rura olhou à sua volta. Céu azul, Sol brilhante, hectares de aprazível charneca e um fio de água azul-dourado correndo lá em baixo no vale. Bem lá no alto, sob a sua cabeça, planava um pássaro. Um grande pássaro. Seria uma águia, um falcão? Que dia maravilhoso! Maravilhoso de mais para a morte.

- Vamos lá, Rura! Não comeces a sonhar acordada! Ainda apanhas com uma seta no peito. Mantém-te dez metros atrás de mim.

Tinha dado apenas alguns passos quando veio a primeira seta. Destinava-se a Moryn e desferiu fagulhas no cano de proteção da sua espingarda; veio cair depois, com um som forte, na urze. Tinha sido disparada da direita, lá mais do alto da encosta do monte.

- Busca! - disse Moryn. - Os porcos estão em pânico.

Começou a trepar pelo morro. Subitamente, uma figura ergueu-se de entre as urzes. Uma silhueta de kilt e usando barbas recortou-se de encontro ao céu. Tinha adaptado um arco à sua besta, mas antes que o pudesse erguer, Moryn fez uso da sua espingarda. Houve uma explosão de fumo e um relâmpago de fogo no ombro do homem. Ele gritou de dor, deixou cair a besta e tombou para as urzes, contorcendo-se.

- Busca! - Moryn trepou até onde se agitava a urze.

Ele estava sujo e tisonado pelo sol; o seu cabelo caía comprido, a barba era rude e densa e havia dor nos seus olhos. Dore ódio.

- Vigia os outros, Rura, enquanto eu olho bem no fundo dos olhos deste porco e o mato!

Uma outra figura ergueu-se da urze, a quinze ou vinte metros de distância. Era um rapaz, um rapazito, tentando em vão colocar uma seta no seu arco.

- Não! - suplicou o homem. - Não o mates!

Moryn praguejou, girou a sua espingarda e fez pontaria certa para a criança. O rapazito gritou e caiu.

- Dois abaixo! É o dia dos dias. Dois abatidos!

O homem aos pés de Moryn deixou escapar um grito de angústia e tentou levantar-se. Moryn acertou-lhe na cara com um pontapé. Ele voltou a cair, gemendo.

- Meu filho! O meu filho!

- Porco! Viverás o tempo suficiente para nos veres pintar no sangue do teu filho!

Rura gritou.

- Moryn! Moryn, por amor da Deusa, a morte é suficiente! Basta a morte!

Moryn fez-lhe um sorriso estranho.

- Estes porcos têm de entender. É o fim da linha. A evolução acabou com eles. Eles são obsoletos... Repara neste. Vou pegar no que resta da sua prole. Depois, pintar-nos-emos finalmente. A passos largos, cheia de energia, Moryn foi até ao sítio onde o rapaz tinha caído. Mas quando se movia, levantou-se outra figura, a uns escassos três metros dela. Era uma mulher de longos cabelos, face distorcida e olhos selvagens. Deu um grito medonho e apressou-se na direção de Moryn até que a espingarda *laser* surgiu.

Moryn devia ter cortado em dois o seu corpo, mas de qualquer forma ela continuou a avançar. Deu um profundo suspiro e caiu contra o corpo de Moryn, escorregando depois para o solo.

Moryn cambaleou um pouco, voltou-se lentamente e olhou para Rura. Havia uma expressão de imensa e gélida surpresa nos seus olhos. Do seu peito saía o cabo de um punhal escocês. Os seus lábios moveram-se. As palavras foram quase inaudíveis.

- Uma grande sangria! - disse. - Olha pela Olane. Eu... Moryn caiu dobrando-se pelos joelhos.

- Eu... eu formei-me com honra e distinção!

Depois caiu para a frente e o punhal atravessou o seu corpo.

Rura mantinha-se de pé, imóvel, petrificada. Depois correu para Moryn e voltou-a. Os seus olhos abertos já não viam. O sangue gotejava-lhe da boca. Rura tentou limpá-lo, afastá-lo dali. O sangue estava quente, tão quente...

Teve consciência de um movimento perto de si. Arrebatou a espingarda *laser*. O homem que fora ferido tentava pôr-se de pé. Rura apontou para ele a arma, sem segurança, sem certeza.

- Posso ir até ao meu filho? Posso pô-lo ao lado da minha esposa?

À palavra «esposa» Rura quase carregou no gatilho. Aquela era a mais suja e obscena palavra em toda a língua. Tresandava a posse e a escravatura e à suada submissão e repugnante peso do Homem.

- Que é que te pode importar o lugar onde eu vou morrer? perguntou ele.

A sua voz era calma, sensata até. Não era uma voz desagradável. Não havia qualquer súplica, nem nenhuma raiva.

Mesmo assim, Rura não se atrevia a falar. Não confiava em si.

- Diabos! Vou até ele de qualquer maneira. Se disparares não importa. Nada importa.

Dolorosamente, ele conseguiu pôr-se de pé. Escorria-lhe sangue pelo braço vindo da ferida do ombro. Pela primeira vez na sua vida, Rura sentia o cheiro terrível de roupa ardida e carne queimada.

A face do homem estava cinzenta de dor. Avançou cambaleando para o corpo do

rapazito e tentou erguê-lo com o braço sã. Não foi capaz. Sem pensar no que fazia, Rura abandonou a espingarda e foi ajudá-lo ,

- Deixe-me ajudar! - disse ela, falando pela primeira vez.

Ele olhou-a no mais completo espanto.

Rura levantou a criança. Tão magra, tão leve e tão pálida - mas com um grande buraco no peito. Um buraco h e negro.

Tomou a criança e deitou-a ao lado da mulher. Esta tinha caído sobre a face. Rura tentou voltá-la, mas o corpo estava quase separado.

O homem ajoelhou na urze, tocou primeiro no cabelo de seu filho, depois no da esposa, depois de novo no do rapazito. Tinha dedos grossos e ásperos, mas pareciam ser delicados no toque.

Ajoelhado na urze, acariciando o cabelo da criança, ele não via Rura, não via nada.

- Podes matar-me agora! Sim, cabra dos infernos, podes matar--me agora!

Depois afundou-se na urze, inconsciente.

CAPÍTULO III

Havia um estojo médico no carro flutuador. Rura pegou nele e fez o que pôde pelo ombro do homem. Tinha sido queimado quase até ao osso, mas só na extremidade do ombro; assim, talvez os seus músculos recuperassem.

Rura tomou os cilindros-aerosol um a um. Primeiro pulverizou a ferida com anestésico, depois com a geleia regeneradora e, finalmente, aplicou uma dose liberal de pele sintética. Porque estaria ela fazendo aquilo por um porco que com a sua lâmina tinha acabado de matar Moryn? Não o sabia. Talvez fosse porque a luz do Sol e a morte se incompatibilizavam. Era um paradoxo. Não o sabia. De qualquer forma, aquela não era a altura de saber. Era preciso agir.

Moryn não tinha atirado fora a garrafa de brande. Ainda havia algum no fundo. O homem recuperava a consciência. Ela ajudou-o a sentar-se e passou-lhe o brande. Ele bebeu, engasgou-se um pouco, voltou de novo a beber. Depois arremessou a garrafa vazia para o meio das urzes e olhou para Rura.

- És treinada para matar e ainda assim não matas. Porquê?

- Não sei.

- Talvez me poupes para algum divertimento íntimo com as tuas amigas.

- Não. Não é isso. De momento, tenho de partir... e tu deves ir também, se puderes. As adjudicadoras virão aqui para inspecionar os mortos e investigar a morte da minha colega.

Ele deu-lhe um sorriso sinistro como resposta.

-Ainda não te pintaste no sangue. Oh, sim! Eu sei tudo sobre o Dia da Exterminação. Vejamos, qual é o sangue que escolhes - o da minha esposa ou o do meu filho?

- Cala-te, porco! - disse ela, ferozmente. - Agradece por ainda estares vivo.

Ele tocou na cabeça de seu filho.

- Sim, tenho muito para agradecer, não é verdade? Os mortos são disso testemunho.

- Tu mantinha-los na escravatura! - ripostou Rura. - Eles eram coisa tua, teus escravos.

- Foste bem ensinada. Sim, eles eram coisa minha. Eram a minha mulher, o meu filho. Eles amavam-me.

- Tu dominavas sobre eles. Aniquilavas as suas emoções.

- Talvez. Mas também os amava. Eu também teria morrido por eles, como eles morreram por mim... Por quem seria a senhora capaz de morrer, Dona Exterminadora?

- Ainda te posso matar! - gritou Rura.

- Prestar-me-ias um grande favor neste momento, ventre seco. Porque os mortos são para mim mais preciosos que qualquer ser vivo.

Rura pegou na espingarda *laser*. - Estás a pedir a morte!

- Sim, brilhante menina, estou a pedi-la. Tu deves ter, imagino eu, uns vinte anos. E não és uma mulher, és uma máquina de matar. Tu e a tua laia. Vocês estão no poder e a raça humana está acabada. Não desejo ouvir o réquiem Tenho os meus próprios mortos para chorar. Eles, pelo menos, eram gente. Pessoas!

O dedo de Rura estava no gatilho.

- Desde que começou a história que os homens têm sido os destruidores.

Ele sorriu.

- Tudo o que nós podemos fazer, vocês fazem-no com menos estilo. Vocês, higiênicas assassinas sem amor. Carrega no gatilho, criança. Diarmid MacDiarmid agradecer-te-á por uma morte rápida.

Ela baixou imediatamente a arma. - Diarmid MacDiarmid!

- Nem menos... Satanás, Belzebu, o grande rebelde, o violador dos direitos da mulher, o porco dos porcos está à tua mercê. Dispara essa arma e vai para o inferno! Será uma formatura para recordar. - Diarmid MacDiarmid!

- Faz-me um favor. Diz-lhes, às outras, que eu não chorei. As lágrimas são íntimas. O meu filho e a minha esposa já sabem que eu chorei.

- Ouço falar de ti desde criança! - disse Rura surpreendida. Se eu me mostrava anti-social, elas costumavam dizer: «O Diarmid apanha-te!» - Rura sorria. - Costumava imaginar-te como um monstro informe, engolindo tudo quando pela calada da noite fazia a sua aparição"

Por sua vez, ele deu a sombra de um sorriso.

- Não estou totalmente informe, espero! Mas não é qualquer homem que se torna em lenda. Bem, vais ou não matar o monstro-engole-tudo?

- Eu... Eu...

Rura estava confundida.

Subitamente, ele mexeu-se. Com uma imensa agilidade e velocidade, saltando como um gato. Rura, sem defesa, foi atirada para as urzes. Ele, de pé em cima dela, segurava com firmeza a espingarda *laser* na mão sã.

- O Dia da Formatura - disse ele calmamente - está cheio de surpresas. Agora estamos quites, tu e eu, porque eu devolvo-te a tua vida.

- Que é que pretendes?

Surpreendentemente, Rura não sentia medo. Não conseguia compreender porque é que não tinha medo. Moryn estava morta e tudo tinha corrido mal. E ela, Rura, tinha sido incrivelmente estúpida.

- Que é que eu pretendo? Fazer de si uma traidora, Senhora Exterminadora. Fui honesto contigo. Agora, desculpa-me na minha loucura e diz-me o teu nome.

- Rura Alexandra.

- Nascida por reprodução assexuada?

- Não, por partenogénese!

-Oh! Oh! As assim chamadas naturais. O que é que te contaram sobre mim?

- Disseram-me que violas mulheres, que as obrigas a beber a tua urina, que lhes cortas os seios e as matas.

- Tudo verdade. Tudo muito verdadeiro, mesmo. Ele arremessou-lhe a arma.

- Acabei agora mesmo de te violar, etc., etc., etc., e és já um fantasma. Como é que te sentes?

De súbito, o cérebro de Rura voltou a entrar em funcionamento.

- Ouve-me. Não temos tempo para estas brincadeiras. O detector vai querer saber porque é que não dei conta do ocorrido. Em breve virão investigar.

- Tens aí o teu brinquedo. - disse ele. - Também tu te podes formar com honra e distinção.

- Não te quero matar! - gritou ela num desespero.
- Ah, não? Uma exterminadora que não quer matar. Uma verdadeira traidora!
- Tens de fugir daqui.
- Talvez eu não queira sair daqui.
- Mas tens de sair! Deves!

Ele suspirou.

- Estamos perdendo a guerra, Rura Alexandra. Um bom general prefere morrer no campo de batalha. Não sou um bom general, mas sou um sentimentalista. Quero ficar um pouco com os meus mortos.

- Não há tempo. O detector vai investigar.

- Para mim, há tempo. Um pouco. É que, sabes, descobri algo esta manhã. Descobri-o quando a tua letal amiga destruiu aqueles a quem amo. Já não tenho medo de morrer. É uma sensação agradável esta... És tu quem tem de fugir. Eu posso arriscar-me ficando, mas tu, antes de partires, partilha uma coisa comigo. Olha para os rostos dos meus mortos.

Docemente, ele voltou a mulher até que os seus olhos já sem expressão fitassem o céu. A face dela era magra, sulcada e queimada pelo Sol. Os lábios eram cheios. Havia faixas brancas no seu cabelo. Parecia velha.

- Flora MacDiarmid, trinta e dois anos de idade, filha das urzes. Deu-me dois filhos. Um morreu de fome demasiado jovem ainda para chegar a conhecer este mundo. Um morreu de... Bom, Rura Alexandra, de que teria morrido o meu outro filho?

Ele beijou os lábios da mulher morta e fechou-lhe os olhos. Depois, voltou-se para a criança.

- Ewan MacDiarmid, dez anos de idade, filho das urzes, filho da fome, filho do medo. Teve a infelicidade de ter nascido do amor e ser sustentado pelo amor num mundo envenenado pelo ódio. Olhe para o rosto dele, Senhora Exterminadora. Tenha orgulho na sua camarada que a salvou da violação e do sadismo às mãos de Ewan.

Rura olhou para a criança, pálida, pacífica. Não havia nela sinais de animalidade. O seu aspecto era o de uma criança doce e boa.

Em silêncio as lágrimas brotaram-lhe dos olhos, correram-lhe pela face.

- Bem, de fato, o meu tempo acabou! Vivi o suficiente para ver um milagre! - disse Diarmid. - Vivi para ver uma exterminadora chorar por uma criança, um rapaz-criança!

- Cala a boca, raios! Preciso pensar! Tenho de pensar. O tempo foge-nos. Um elemento da minha tripulação está morto, outro está embriagado no carro flutuador, há dois mortos nas urzes... e tu ainda estás vivo!

Ele fez um gesto na direção da espingarda.

- O último problema resolve-se facilmente. Depois podes chamar a tua comandante, contar-lhe a terrível batalha que aqui teve lugar, pintar-te com o sangue, arranjar testemunhas para a contagem dos corpos e receber a tua menção honrosa. Tens um grande futuro à tua frente, Rura Alexandra!

- Queres realmente morrer?

- Digamos que estou cansado de viver. A corrida não é para os velozes, nem a luta é para os fortes.

- Que quer isso dizer?

- Apenas que estou cansado!

- Então vive com a tua fadiga. Já alguma vez viajaste num carro flutuador?

- Nunca!

- Vou levar-te para longe daqui. Depois voltarei para arranjar as coisas.

Ele sorriu.

- Alguma vez foste beijada por um homem?

- Nunca! - o pensamento repugnava-a.

Ignorando a espingarda, ele tomou-a.

- Então vou beijar-te e, se não me matares, viajarei contigo no carro flutuador ,

Ele beijou-a nos lábios. Ela debateu-se, mas só com um braço ele conseguiu sustê-la. A espingarda tombou. Houve algo de terrível no beijo. Foi diferente de qualquer outro beijo que ela conhecera. Foi humilhante, foi degradante, foi perturbador. Bebeu-lhe toda a força dos membros e encheu-lhe a cabeça de pesadelos.

Ele soltou-a.

- Bem, exterminadora. Isto foi uma espécie de violação, não foi? Por acaso, deixas-te cair a tua espingarda.

- Sim! - foi tudo o que ela pôde dizer. - Sim, deixei cair a espingarda!

Depois pegou na arma.

- E agora, se não me matas, vou viajar no teu carro flutuador Para onde havemos de ir?

- Talvez para Castle Douglas, não?

- Perfeito! Castle Douglas é seguro para mim. Há muitas ruínas, entendes? As ruínas dão cobertura. Com exceção de ti, as exterminadoras não se importam com o combate individual e é isso que quer dizer ter cobertura.

- Vais ter de viajar com a Olane, que está embriagada. Não lhe toques. Não deixes que ela te veja.

Ele teve um riso amargo.

- Já somos conspiradores!

Ela levou-o para Castle Douglas. Quando o carro flutuador se pôs em movimento, Olane resmungou no meio do sono. Depois de algum tempo soltou um gemido estranho e ficou silenciosa. Foram apenas alguns minutos de ascensão ao longo do rio.

Kayt chamou duas vezes e das duas vezes foi ignorada. Rura saltou a ponte com um reforço de energia, depois elevou-se num salto e flutuou sobre cascalho e alvenaria até ao que restava da praça central da cidade fantasma. Desligou os motores. Não se ouvia nada, a não ser um silêncio varrido pelo vento.

Rura saiu do carro flutuador , Diarmid MacDiarmid seguiu-a.

- Não te demores por aqui. - avisou ele. - Alguns dos meus amigos são bastante ágeis com a besta!

- Como sabes que eles estão aqui?

- Não sei, suspeito! Suspeito sempre!

A luz do Sol fazia a cidade em ruínas parecer muito mais desolada. Aqui e ali brigavam pássaros, erguendo-se depois ruidosamente para o azul do céu.

- Deixei-te uma recordação minha no carro! - disse Diarmid MacDiarmid - Vou afastar-me! Vou dar-te tempo para decidires se vais ou não atirar sobre mim. Mas agradeço-te pela cortesia. Por Flora e por Ewan, fico-te agradecido pela cortesia.

- Vive! - exclamou Rura sem saber o que dizia. - Que vivas por muito tempo! Ensiná-nos a ser mulheres!

Depois regressou ao carro flutuador e encontrou Olane com um punhal escocês cravado através do peito. Rura ergueu a espingarda *laser* e assentou mira na espinha de Diarmid MacDiarmid. Mas não foi capaz de carregar no gatilho.

Sobre a sua cabeça agitavam-se ruidosamente os pássaros e ela tentou decidir o que tinha de fazer.

CAPÍTULO IV

Algo de estranho se produzia no espírito de Rura e ele sabia-o.

Na sua psique havia um louco demônio à solta. Toda a sua aprendizagem e treino de nada lhe serviram. Estava cheia de angústia e medo e algo de medonho a obrigava a ocultar a obscena verdade.

Já não pensava - os pensamentos eram-lhe dolorosos. Estava apenas a seguir o demônio que lhe tinha prometido que os acontecimentos dessa manhã podiam ser apagados, como se não tivessem ocorrido. ,

De um modo ou de outro, ela tinha levado o carro flutuador de volta à terrível encosta. De um modo ou de outro, ela tinha transportado a pobre e tímida Olane - que fora morta, como Moryn o tinha sido - e depositara-a ao lado da mulher que amara. Na morte, ambas pareciam tão pequenas, quase tão pálidas e pequenas como Ewan MacDiarmid, o rapaz-criança.

Os seios de Olane, sangrentos e fracos, estavam expostos ao vento e ao céu. Rura tivera medo de retirar o punhal. Estranhamente, este estava enterrado em Olane, quase no mesmo ponto em que o punhal de Flora MacDiarmid tinha ferido Moryn. Estranhamente, jazendo ali, Olane e Moryn pareciam dois amantes que tinham encontrado numa morte compartilhada o alívio para alguma secreta angústia. Talvez isso não estivesse muito longe da verdade.

Rura pôs o braço de Moryn, já um pouco enrijecido, à volta dos ombros de Olane numa atitude de proteção Olhou para elas pela última vez.

Depois, o demônio disse-lhe o que tinha fazendo.

Uma brisa ligeira subia a encosta do monte. Decidida, Rura desceu os poucos metros até ao ponto onde tinha estacionado o carro flutuador. Deu o máximo poder à sua espingarda *laser*, carregou no gatilho e fez balançar a arma à sua volta, numa larga curva, incendiando a urze. Estava verde, mas há dias que não chovia, a brisa era conveniente e, assim, o sítio ardeu bem. Como era óbvio, o demônio sabia fazer as coisas.

Uma linha de chamas e fumo ergueu-se trepando pela encosta acima. O fumo seria visível para a tripulação alerta no detector, a quarenta ou a cinquenta quilômetros de distância.

Rura sentou-se nas urzes, abaixo da linha de fogo, descansando o rosto nas mãos, os cotovelos nos joelhos... Meditava no que se teria passado com ela, meditava na identidade e no objetivo do demônio que a habitava. Não se moveu sequer quando o carro flutuador foi destruído com um poderoso estouro e em enormes labaredas.

Não se moveu quando o detector chegou e começou a descrever círculos. Não se moveu quando o detector aterrisou e a tenente Kayt veio na sua direção. Ela devia ter saltado vivamente em sentido mas continuou sentada ali.

Kayt dizia qualquer coisa. Kayt estava sempre a dizer qualquer coisa. Era uma mu-

lher grande e gostava de se deitar com noviças. Tinha-se deitado uma vez com Rura, mas isso tinha sido num outro lugar e, além disso, a garotinha tinha morrido em Rura.

Kayt era amável. Continuava a falar, a adular e a acalmar. E, no momento certo, o demônio deu a Rura as palavras certas.

- Havia oito deles, penso eu. Mas a princípio não o sabíamos. Só vimos dois. Circulamos e investigamos, de acordo com o procedimento regular. Depois, aterrei e cobri a Moryn enquanto ela saía para apanhar um macho de barbas que transportava uma besta. Ele tentou atirar, mas ela acertou-lhe num ombro. Depois, outros começaram a saltar para nós, vindos das urzes. Um tinha uma arma *laser*. Tentei derrubá-lo mas havia outros mais perto. Não vi o que aconteceu a Olane. Ela estava cobrindo-me. Quando a ouvi gritar, tentei ir ajudá-la. Mas ela morreu. E depois, não havia mais nada a não ser a urze a arder. Eu... eu transportei a Olane... Levei-a e depois vi o que tinha acontecido a Moryn... E a urze ardia, e os porcos tinha-se ido embora. E não havia nada, ninguém.

- Nem todos os porcos tinham desaparecido! - disse Kayt. Encontramos dois... e há sangue no teu rosto.

Sangue no meu rosto?, pensava Rura. Sangue de quem? De Olane? Com toda a certeza era de Olane.

- É minha opinião formada - disse Kayt acariciando o cabelo de Rura - que tu te formaste com honra e distinção. E é assim que rezeirá o meu relatório.

Quando estiveres recomposta, juntaremos os fatos e analisá-los-emos cuidadosamente. É claro que vai haver um inquérito. Mas há sangue no teu rosto e dois rebeldes estão mortos... Entendes, Rura? Dois estão mortos! Um por Moryn. Outro por Olane. Formaste-te com honra e distinção.

Houve depois um tribunal de inquérito.

Bastante recompostos, Rura e o demônio assistiram ao julgamento. A história do demônio foi mais coerente desta vez. As pontas soltas foram reunidas.

Rura foi triunfantemente ilibada das acusações formadas de covardia e negligência. Graduou-se como exterminadora de primeira classe e foi-lhe concedido o Mamilo de Prata pela bravura demonstrada.

A tenente Kayt tornou-se sua amante.

CAPÍTULO V

A Casa da Libertação, outrora o Palácio de Buckingham, estava ligada por uma larga e esplêndida avenida de três faixas à Praça da Emancipação, anteriormente Trafalgar Square, e ao semi-sagrado santuário da Agulha de Germaine, outrora Coluna de Nelson. A Casa da Libertação era a residência da Faculdade de Exterminadoras. Era também o destino, na República de Anglia, de qualquer moça de sangue vermelho, enérgica e ambiciosa, que tivesse um quociente de agressividade de mais de cento e vinte.

A admissão à Faculdade de Exterminadoras obtinha-se por bolsas de estudo estatais, proteção e competição aberta. De dois em dois anos, um milhar de noviças famintas - a nata da condição feminina da República - entrava para a Casa da Libertação, para aprender as disciplinas e adquirir as capacidades que as levariam, eventualmente, à caveira e aos ossos cruzados de ouro. De dois em dois anos, cerca de oitocentas exterminadoras qualificadas - em média, uma em cada cinco iam ficando pelo caminho - diziam bem-vindas e adeus às noviças no Último e Primeiro Dia.

Havia discursos, celebrações, vigílias, trocas. A tradição tinha sido estabelecida há quase um século.

Rura estava feliz e triste. Já tinham decorrido dez dias sobre a formatura e sobre as mortes de Olane e Moryn; e agora, ali estava o Último e Primeiro Dia, o fim do noviciado, o começo de uma carreira.

Estava uma manhã úmida. A chuva pingava monotonamente, descendo pelo vidro da janela da sua cela. Ela estava deitada no seu leito amarrotado, enquanto a tenente Kayt a beijava e a acariciava, murmurando coisas com grande ternura e fazendo planos para o futuro.

Rura tinha consciência das mãos de Kayt sobre o seu corpo, mas não sentia nada. Kayt era uma mulher doce e realmente agressiva. Mas faltava qualquer coisa. Ela não tinha o toque de fogo. E assim, aquele caso amoroso estava condenado, mesmo que Kayt não o soubesse ainda.

Porque é que Rura não conseguia sentir nada? Seria por causa de Olane, que morrera sem saber de nada? Seria por causa de Moryn, cuja morte era tão absurda como heroica? Seria por causa de um macho sujo e barbado que acariciava os cabelos de um rapaz-criança, sem se importar se iria viver ou morrer?

Rura estava demasiado confusa, demasiado vazia para poder pensar coerentemente. Tentou corresponder às carícias de Kayt, mas não havia magia alguma cantando no seu sangue. Não havia amor, nem êxtase. Nada.

- Que é que se passa, querida? - perguntou Kayt, tentando conter o seu exaspero.
- Tens a Ordem de Primeira Classe e o Mamilo de Prata. Fui eu quem tos coloquei. Que é que há de errado?

- Não sei, doce amazona. Muito simplesmente, não sei. Talvez esteja cansada. É

um curso difícil. Talvez que agora que tudo terminou o cansaço se tenha abatido sobre mim.

- Férias, é isso! - exclamou Kayt acariciando-lhe os cabelos. Vais ter uma semana livre antes de tomar o teu posto. Posso pedir uma licença especial... as parvas das noviças nunca fazem nada de jeito na primeira semana... e nós podemos partir juntas para um local sossegado onde...

- Não, por favor!

- Não queres partir comigo?

- Não é isso! Palavra que não é!

- Bom, que é então?

- Já te disse. Não sei!

Kayt suspirou.

- Bom, eu posso esperar. Acho que posso esperar. Sei que estamos bem uma para a outra. Eu arranjei tudo para ti, Rura. Lembra-te disso: eu arranjei tudo. Não sei ao certo o que é que se passou lá nas urzes e tu nunca precisarás me contar. Mas o que eu sei é que não foi aquilo que constou no meu relatório.

- Lamento. Lamento mesmo.

A tenente Kayt saiu da cama e olhou para o relógio.

- São duas horas e meia até à morada do Último e Primeiro Dia. A essa altura, as tuas malas já têm de estar feitas, a cela tem de estar limpa, a noviça apresentada e tu tens de envergar o vestido-uniforme. Meu tesouro, é melhor saltares daí.

Rura suspirou e saiu da cama. Ela teria preferido mil vezes puxar os lençóis sobre a cabeça, fechar os olhos e afundar-se num estado de não existência.

Kayt abraçou-a, seios com seios, ventre com ventre, lábios com lábios.

- Amas-me de fato, Rura?

- Sim, eu... eu amo-te, de verdade.

- Então está tudo bem. Havemos de arranjar uma saída. E agora, vamos comer alguma coisa. Nunca tiveste de estar sentada durante um discurso da Curie Milford no Último e Primeiro Dia? Eu já! É preciso estar de estômago cheio. Depois, com alguma sorte, podes cochilar um pouco.

Rura olhou através da janela. A chuva começara a cair constante, o céu estava de um cinzento sem par. Rura pensou em todas as ansiosas e nervosas noviças que estavam a caminho da Casa da Libertação. Pensou nela própria, tão ansiosa e nervosa como elas, há dois anos atrás. Nessa altura, o Dia da Formatura e o Último e Primeiro Dia pareciam os dois acontecimentos da maior importância que jamais poderiam ocorrer à superfície da Terra.

E agora ela não sentia nada. E a chuva caía. E quando ela olhou através da janela e fixou o olhar no Mall, não conseguiu ver mais nada senão fantasmas e urzes a arder.

E o homem a quem ela não tivera coragem de matar.

CAPÍTULO VI

Desde a expansão da Faculdade de Exterminadoras, nas remotas décadas do século XXIII, que a Casa da Libertação não possuía um átrio suficientemente espaçoso para conter as três mil mulheres convidadas, formadas, noviças e outro pessoal que assistia às cerimônias do Último e Primeiro Dia. O serviço de saudação e despedida era, assim, levado a efeito na Sala da Luz, uma grande mansão de *hidumínio* e vidro leitoso, que fora a última grande obra da architecta Cleo Castle, antes de ter sido cegada por um porco, enquanto caçava nos montes do País de Gales.

Tradicionalmente, o discurso do Último e Primeiro Dia era feito pela primeira-ministro. A Sra. Curie Milford já tinha batido todos os recordes desde as idades negras por ser a primeira-ministro da República de Anglia a manter-se no exercício das suas funções por mais de doze anos. Esta era a sexta vez que assistia oficialmente aos protocolos na Sala da Luz.

Na sua condição de recém-formada exterminadora de primeira classe, Rura, com a sua noviça de cela à direita, tinha assento a apenas quatro filas de distância do palco. Diretamente à sua frente, na ribalta, estava a estante onde se salientava agora a figura de Curie Milford. Atrás da primeira-ministro sentava-se uma fila de dignitárias e diretoras da Faculdade. Atrás delas, em várias filas ascendentes, estava sentado o resto do pessoal da Faculdade, incluindo a tenente Kayt ,

Kayt surpreendeu o olhar de Rura e sorriu. Rura tentou sorrir-lhe, mas sentiu a sua face gelada. Estava imensamente consciente da presença a seu lado da moça de túnica branca, Jolan Knight , de dezoito anos de idade.

Rura tinha sido apresentada a Jolan apenas uma hora antes da cerimônia, quando, formalmente, tinha passado de mão a chave da sua célula. Jolan olhara esgazeada para a túnica negra, a divisa de primeira classe, o Mamilo de Prata e a caveira com os ossos cruzados de ouro, com um respeito que resvalava para a adoração.

Ela compreendera que estava tomando posse da célula de uma graduada fora de série. Formulou esperanças de que viesse a ser digna da honra. De modo não muito sutil, ela tentara oferecer-se. Talvez tivesse aumentado a sua confiança, se ela pudesse ter sido abraçada por uma graduada que tinha ganhado o Mamilo de Prata pela bravura demonstrada. Ou talvez ela só quisesse gabar-se. Era uma mocinha bonita, cheia de artifícios, inocência e entusiasmo. Rura sentiu uma enorme pena dela. Assimilar a teoria da extinção era uma coisa. Outra, totalmente diferente, era encarar face a face um rebelde, nas urzes... Rura pensou no que diria a idólatra Jolan se soubesse que aquela graduada de Mamilo de Prata tinha escolhido não exterminar Diarmid MacDiarmid...

Terminara o hino *Ó Deusa, a Nossa Ajuda nas Idades Passadas*. Na Sala da Luz tinha caído o silêncio. Era altura de falar Curie Milford.

Era uma mulher alta, surpreendentemente alta, com quase dois metros, mas de

belas proporções. E ia suportando bem a idade. Devia ter perto de sessenta anos, mas tinha um longo cabelo dourado, brilhantes olhos azuis e a face de uma mulher que podia ser serena, apaixonada ou dominadora a seu livre gosto. Na verdade, ela hipnotizava. Corriam rumores de que três das suas amantes se tinham suicidado quando ela as afastara.

- Irmãs, mulheres, exterminadoras - começou Curie Milford. - Este dia é de tão grande orgulho para mim como o é para vocês, que usam a caveira e os ossos cruzados depois de dois anos de dedicação, depois de dois anos de severa disciplina e intensivo treino. É um dia de orgulho para mim, porque é a sexta vez que tenho o privilégio de falar na Sala da Luz, um recorde na nossa história política, como certamente sabem. Pode bem ser que esta seja a última vez. Os caprichos da política são tão incertos como os caprichos das corridas equestres.

Risos polidos, cépticos, e uns poucos gritos de: «Fica connosco, Curie!»

- Portanto - continuou a primeira-ministro, atirando para trás o cabelo dourado e chamando assim, sutilmente, a atenção para o seu comprimento e juventude - quero falar-vos como se fosse a última vez. Se não for reconduzida nas eleições que se avizinham, terei ao menos a satisfação de saber que, a vocês, exterminadoras de quem depende grandemente a paz do Estado, eu disse exatamente aquilo que queria dizer.

Já passaram mais de dois séculos e meio desde que atiramos fora o jugo da escravidão, desde que expulsamos os últimos homens, os últimos agitadores da sociedade civilizada da República de Anglia. Eles pensavam ser indispensáveis. Pensavam que o gênero feminino não poderia sobreviver sem eles. A história mostra como eles estavam enganados. Como eles estavam redondamente enganados.

Aplausos, risos e vivas.

- Em duzentos e cinquenta anos - prosseguiu Curie Milford, retirando força da receptibilidade da audiência - não têm ocorrido guerras de monta pelo mundo fora. Entramos na Idade de Ouro da história humana. E porquê? Claro que vocês sabem a resposta. Porque as nossas irmãs na Europa, na Ásia e na América aproveitaram o nosso exemplo. Também elas atiraram fora o jugo da escravidão. Também elas retiraram o homem da circulação .

Mais aplausos, prolongados desta vez. A primeira-ministro não tentou pará-los. Estava contente, deixando-os crescer, esperando que se abatessem.

- Contudo... posso ser herética por um momento? Posso esquecer o meu alto cargo e falar como mulher?

Gritos: «Sim! Sim! Diz-nos Curie. Diz-nos o que queres.»

- Serei então honesta. Penso que as nossas antecessoras, aquelas mulheres corajosas que lançaram os alicerces da liberdade, se traíram a si próprias. E assim, em última instância, traíram-nos a nós. Traíram-se, minhas irmãs, por causa da sua própria fraqueza. Elas não deviam ter afastado os homens.

A audiência ficou em silêncio.

- Repito: não deviam ter expulso os últimos homens sobreviventes. Foi um grande erro. Custou-nos muito a nós. Fez que fôssemos obrigadas a criar um escol de mulheres que estão preparadas para se arriscar, para aceitar riscos impensáveis pela segurança do Estado. Não, minhas irmãs e amigas, as nossas reverendas antecessoras não deviam ter afastado os homens. Deviam tê-los exterminado de uma vez por todas!

Aplausos históricos. A primeira-ministro fruía a sensação de não poder continuar a discursar por algum tempo. Mas finalmente foi-lhe permitido continuar.

- Nós, hoje e aqui, somos todas testemunhas desse erro. Os rebeldes nas Terras Altas da Escócia são poucos. Os do País de Gales, alegra-me dizê-lo, estão tentando

desesperadamente aumentar o seu número. Ocasionalmente conseguiram atacar as nossas vilas mais expostas, os nossos seminários e várias escolas. Eles precisam desesperadamente de mulheres, e eu não preciso de vos dizer para que abominável fim elas são necessárias. A questão é esta: por que é que estes rebeldes querem ver engrossadas as suas fileiras? Só há uma resposta possível: é porque eles não aceitam a sua derrota como definitiva. São suficientemente loucos para terem essa esperança num tempo em que o homem possa ser de novo o dono e a mulher seja, uma vez mais, reduzida a objecto sexual, a máquina reprodutora, a criatura de cativeiro. Vamos algum dia permitir que regressem as idades negras?

Gritos: «Não! Não! Nunca mais! Os porcos têm de morrer!»

- Sim! - continuou Curie Milford. - A mensagem é clara. Os porcos têm de morrer. A natureza e a evolução já lhes deram a sua chance. Eles falharam, não corresponderam ao desafio. Usaram as mulheres como animais. Produziram civilizações que floresceram a golpes de espada e a golpes de espada pereceram. O seu credo era a violência, a sua força baseava-se na escravatura. Mas, no final, só conseguiram voltar contra si próprios as suas armas biológicas. Foram os homens que recorreram à guerra microbiológica. Foram os homens quem, num ato de desespero, desatrelaram a Morte Negra a meio do século XXI. Talvez tenha sido fruto de uma justiça poética, o fato de a Morte Negra ter destruído mais crianças machos que crianças fêmeas. Ou talvez seja outra explicação. Será, minhas irmãs, que nós éramos mais fortes que eles? Será que a nossa constituição se adaptava melhor à sobrevivência?

Na Sala da Luz as mulheres começaram a bater palmas, a bater os pés e a gritar: «Nós fomos mais fortes! Nós somos mais fortes! Os porcos são fracos! Nós somos as herdeiras! Basta de homens! Basta de homens! Basta de homens!»

Curie Milford deixou o cantocho crescer de intensidade até parecer que a grande mansão ia ser despedaçada pelo volume de som. Então ergueu a mão e fez-se silêncio.

- Os seus papas diziam-lhes que abusassem dos nossos corpos para produzir carne para canhão! - disse ela.

- Sim, sim! - foi a resposta. - Malditos sejam os papas! Malditos os padres! Maldita seja a divindade masculina!

- Os seus ditadores diziam-lhes que fabricassem pistolas e bombas para destruir mulheres e crianças!

- Sim, sim! Napoleão, Hitler, Stalin, Mao Tsé-Tung... Todos os homens!

- Os seus escritores retratavam as mulheres como seres fracos, mesquinhos, irresponsáveis e inferiores!

- Sim, sim! Lawrence, Zola, Tolstoi... Todos mistificadores!

- Queremos voltar a ver a sua espécie aqui? Nós?

- Não! Nunca! Matem-se os porcos! Não os deixemos erguer nunca mais! Nunca mais!

A primeira-ministro, descontraída, esperou que a agitação e a histeria acabassem por morrer.

- Não os deixemos erguer nunca mais! - ecoou ela. - É nisso que acredito, minhas irmãs. Acredito apaixonadamente. Acredito de todo o coração! É por isso que este Último e Primeiro Dia é para mim um dia muito especial. Nesta nossa ilha, o número de rebeldes cai lenta mas constantemente. E o número de exterminadoras especializadas está a aumentar, como vemos pelas esplêndidas filas de caveiras e ossos cruzados de ouro aqui presentes.

A Faculdade de Exterminadoras é uma grande instituição. Mas digo-vos agora, e digo-vos francamente, que espero ansiosa pela época em que as disciplinas da Casa

da Libertação já não tenham nada a ver com a morte, mas apenas com a libertação. Nós podemos alcançar esta época, minhas amigas e irmãs. Podemos alcançá-la em breve. Creio que, havendo vontade, a geração de noviças que aqui vemos, as dedicadas moças que temos ante nós nas suas túnicas brancas, e as filas negras de exterminadoras recentemente qualificadas serão as últimas necessárias para limpar esta ilha dos parasitas. Nessa altura, acredito, não haverá mais necessidade de nos defendermos desse animal perigoso que é o homem. Porque o homem terá cessado de existir. A isto me comprometo e à minha administração. A este fim todas nós nos dedicaremos. Quem pode, então, levantar-se contra nós?

As ovações duraram mais de cinco minutos.

A moça ao lado de Rura ria, chorava e gritava.

- Não é maravilhosa, ela? Não é esplêndida, a Curie Milford?

- Sim - disse Rura molemente. - Ela não pertence a este mundo.

Rura pensava em Olane, que não tinha querido matar, e em Diarmid MacDiarmid, que não queria viver.

CAPÍTULO VII

Rura foi destacada para a terceira companhia do Regimento de Fronteira da Inglaterra com a Escócia, cujo quartel-general era em Carlisle, a norte do distrito dos Lagos, a sul de Solway Firth. Antes de se apresentar ao serviço, Rura tinha quase uma semana à sua frente. Não quisera passar esse tempo com Kayt - pelo menos não todo. Não o quisera passar com ninguém.

O que era estranho.

A formatura era uma ocasião para celebrações. A graduação e o vigésimo aniversário eram o tempo das festas e das amizades. Um tempo de excitação e antecipação. «Agora sou verdadeiramente uma mulher», pensou Rura. «Agora tenho tanto o direito de matar como o de votar.» Devia significar muito. Mas parecia não significar nada.

Houvera ocasiões em que a ideia de matar homens parecera romântica, cheia de gozo. Mas Rura estivera presente na morte de quatro pessoas e o odor de carne queimada perdurava nas suas narinas. E vinham-lhe pesadelos. E levantavam-se questões no seu espírito questões que eram heréticas, obscenas... irrespondíveis!

Tradicionalmente, na noite do Último e Primeiro Dia, a Casa da Libertação era palco de uma super-colossal festa, durante a qual noviças, graduadas e outro pessoal se esqueciam das suas respectivas categorias e se tratavam como mulheres alegres, sensuais e sensíveis. Tradicionalmente, o Baile Dia-Noite celebrava fins e começos sem olhar a categorias ou protocolos. Para as graduadas havia muito para lembrar; para as noviças havia muito para aprender. Que se poderia fazer de melhor senão combinar as duas operações nos braços de alguém, aos acordes melódicos de uma valsa, ou nas tensões de um leito extático?

Rura apresentou-se obedientemente e dançou duas vezes com Kayt e outras duas com Jolan. Devia estar numa disposição passiva, porque tanto Kayt como Jolan assumiram o papel agressivo. Elas dançaram com ela, beijaram-na e afagaram-na. E nada daquilo teve qualquer significado. Muito antes da meia-noite já Rura se conseguira escapulir.

Levou as suas malas para o Hotel Pankhurst, em Park Lane, reservou um quarto, mandou vir uma garrafa de uísque e sentou-se na cama, bebendo até ao torpor, até ao vazio.

Fez brindes íntimos.

-A Moryn. Sem medo, sem motivo. Descansa em paz, Moryn. Formaste-te com honra e distinção.

Engoliu uma generosa dose de uísque puro.

- À doce Olane, que não soube e que nunca saberá.

Outra dose generosa.

- A Flora MacDiarmid, escrava do homem. Dorme agora em paz na libertação.

O uísque desaparecia facilmente. Mas Rura continuava ainda a ver a face marcada, o cabelo branco.

- A Ewan MacDiarmid, filho do homem, que morreu antes de ter vivido.

Rura estremeceu. O uísque tinha um sabor amargo.

- A Diarmid MacDiarmid - gritou ela. - Porco, destruidor, dono de escravos. Maldito sejas no inferno!

Bebeu o uísque de um só trago. Depois caiu para trás, para a cama, e deixou que viessem as lágrimas. Lágrimas de uísque. Não significavam nada. Apenas diziam que Rura Alexandra, exterminadora de primeira classe, estava bêbeda e era estúpida. Era estúpida e estava bêbeda.

O quarto começou a rodopiar e não houve mais nada para além de uma sombria angústia até de manhã.

Rura acordou cedo. As suas mãos tremiam. Toda ela tremia. Foi para a casa de banho, despiu-se e deixou-se ficar sob o jato do chuveiro. Podia ter escolhido entre uma ducha quente ou uma ducha morna e uma tépida. Mas preferiu tomar uma ducha gelada, como uma forma de punição. Deixou-se ficar debaixo de água até o seu corpo tremer, até que toda ela ficasse entorpecida. Depois desligou o chuveiro, secou-se e vestiu-se.

O dia mal raiara ainda. Rura saiu sorrateiramente do calmo hotel e foi passear até Hide Park. O ar tinha um perfume maravilhoso e limpo. Havia orvalho na relva.

Ela deambulou pelo parque, fruindo a calma intimidade da manhã por nascer. «É uma das ocasiões», pensou ela, «em que se pode estar verdadeiramente sozinha; e, ainda assim, não se está só; é-se parte da relva, das árvores, do céu!» Foi até ao Serpentine e ficou rígida, de olhar fixo no estático lençol de água. Não havia uma só corrente de vento e o Serpentine estava límpido como um espelho. Rura olhou para os reflexos das árvores, maravilhando-se com aquele mundo invertido sob as águas, com a maravilhosa simetria entre objecto e imagem. Tentava desesperadamente não pensar - e por instantes conseguiu-o.

No momento estava de pé, exatamente à borda de água, olhando para baixo, para o seu rosto. Parecia-lhe vazio. Era este, realmente, o rosto de uma dedicada exterminadora? Era este o rosto de uma daquelas mulheres que pertencia - como profetizara Curie Milford - à geração que eliminaria para sempre os homens?

Subitamente, outra face apareceu, para além da sua.

- Dá-me um euro para o desjejum, querida, e boa sorte para ti! Acabou-se a festa, mas o Mamilo de Prata diz que tu sangraste bem. Haverá honoráveis manchas nesse uniforme antes de o ano acabar.

Rura voltou-se para encarar a mulher que tinha invadido a sua privacidade. Uma vagabunda. Uma mulher velha e batida, talvez com sessenta anos. Envergava umas coisas informes e esfarrapadas. Transportava uma mala de viagem despedaçada. Uma mala de exterminadora. A caveira e os ossos cruzados de ouro estavam gravados no couro negro do saco. Era ilegal para um civil o uso do equipamento de exterminadora.

-Onde é que arranjaste isso?

A mulher riu, correu a mão pelo seu cabelo cinzento e crespo. - Não me detenhas, querida. Nada ganhas. Fui capitã da Guarda Galesa. Em condições de reforma, é dado o direito, às oficiais de comissão, de manter as insígnias e equipamento, salvo em caso de afastamento desonroso.

- E tu não foste despedida com desonra?

- Não, renunciei à comissão.

- Porquê?

- Estava grávida, querida! Já deves ter ouvido esta palavra. Grávida! Tinha sido possuída por um homem!

Rura quis estar doente. O uísque da noite anterior regressou à sua garganta. Mas a curiosidade ultrapassou a náusea.

- Que é que queres dizer com isso de teres sido possuída por um homem?

- É só isso que quero dizer. Foi há vinte anos atrás... pela altura em que tu estavas a ser produzida assexuadamente, diria eu.

- Nasci por partenogénese.

- Ah, a escol! Os meus parabéns. Bom, vais ou não dar-me um euro para o desjejum?

Rura sabia que de qualquer modo lhe iria dar algum dinheiro. Mas fingiu estar indecisa.

- Pode bem ser que to dê! Conta-me mais coisas.

- É a história da minha vida que queres? Isso custa-te mais que um euro.

- Não é a história da tua vida que eu quero e, além disso, tenho mais que um euro.

A velha mulher sorriu.

- Era previsível! Só os pormenores fascinantes e sangrentos. Bem, Senhora Dona Exterminadora, faça-me uma oferta.

Rura sentiu-se enojada. Enojada e suja. Mas queria saber. Fez um esforço para controlar as suas emoções.

- Se a história for tão boa como verdadeira - disse ela como por acaso -, dou-te cinco euros.

- Dez! Vale a pena, para uma e para outra!

- Decidirei depois!

- É bastante justo. Sendo uma recém-graduada e ingênua, és sem dúvida uma mulher de honra. Tens erva?

- Maldita sejas pela Deusa! Sabes que eu não devo ter erva!

- Bem, hás-de aprender... Tal como eu disse, foi há vinte anos atrás. Naquela ocasião havia imensos porcos no País de Gales. O suficiente para nos manter alegres e proveitosamente ocupadas... Já alguma vez estiveste em Caernarvon? É uma cidade morta, claro. Deve ter tido alguma importância religiosa ou monárquica, assim mo disseram. Antes das idades negras, acho eu.

- Não, nunca estive em Caernarvon.

- Também não importa. Eu estava lá aquartelada. Era um ponto bastante quente nos meus tempos. É que, sabes, o País de Gales abarrotava de porcos. Era uma glória... Sim, era um grande triunfo. Saltávamos para os carros flutuadores ao raiar do dia e praticamente eram garantidas meia dúzia de sangrias até à hora do almoço. Depois costumávamos folgar durante o resto do dia. Voltávamos à base, dávamos conta das mortes e fazíamos amor. Dias de Halcion. Nunca mais voltaremos a ter outros assim!

A velha mulher olhou ao longo do Serpentine, não vendo nada e sorrindo para si própria.

- Vamos ao que interessa. Estás perdendo dinheiro rapidamente.

- Ah, sim! Onde é que eu estava! Caernarvon... Foi numa maravilhosa manhã de Junho. Uma maravilhosa manhã de Junho. Um Verão clássico... Nós gostávamos daqueles dias assim. Pusemo-nos em movimento antes de aparecer a luz do Sol. Pensamos que assim podíamos detectar uma das suas fogueiras, percebes? Eu tinha planeado uma rota bonita, à volta do sopé de Snowdon, descendo depois até à península de Llyn através do mar até ao Sul de Gales e área de Milford Haven. Supunha-se

que havia ainda várias tribos de porcos à volta de Milford Haven... eles ainda podiam extrair óleo das refinarias abandonadas... e, de qualquer modo, havia chance de surpreendermos um ou dois barcos de pesca no caminho. Eles tinham de pescar. Não conseguiam tirar da terra toda a comida necessária. Sim, estava uma linda manhã, o mar como um espelho... - A mulher suspirou.

- Despacha-te! - interrompeu Rura.

- Ansiosa pelo sexo, não?

Rura voltou-se para se afastar.

- Não, espera. Aconteceu depois de almoço. Tínhamos avistado um barco de pesca de regresso (iam dois porcos nele, parece-me) e queimamo-los fora d'água. Assim não havia necessidade para mais escalpos. Mas a minha tripulação era jovem e recém-saída da Faculdade e por isso... Tínhamos estacionado numa encosta de um monte adorável. Estava um dia quente e eu quis apanhar banhos de Sol, elas queriam sair para fazer mais sangue. Finalmente, deixei-as levar o carro flutuador, enquanto eu ficava ali a bronzear-me, com uma espingarda *laser* à mão, para o caso de vir a ser precisa. A mulher sorriu. - O problema é que nós tínhamos tomado um copo de vinho. Estava uma tarde amena e agradável e eu adormeci... As capitãs da Guarda Galesa não devem cair no sono, na encosta de um monte, em território de porcos, em tardes de sol. A seguir, só me lembro de me terem batido na cabeça e de me darem um pontapé no estômago, não tão forte que me causasse sérios ferimentos, mas suficientemente rijo para me pôr fora de combate. Quando consegui focalizar a minha visão, tudo o que vi foi o cano da minha própria espingarda *laser*.. Ele era um homem grande, grande mas magro de fome. Grande e queimado pelo sol; de cabelos vermelho-vivos e uma barba vermelha. - Ela riu. - Parecia um dos piratas cujas aventuras eu lia quando criança, antes desses inocentes livros terem sido remediados para o Index.

- Ele estava... ele estava sozinho? - perguntou Rura.

- Ele estava sozinho, sim! Por fim deixei de ver. Ele disse muito calmamente: «Cabra dos infernos, acabou-se-te a sorte!» Pensei que ele ia matar-me. Esqueci-me já do que lhe disse, mas acho que foi algo de estúpido para que. ele visse que eu não ia gritar. Ele apenas riu sardonicamente e disse: «Despe o teu uniforme, exterminadora, antes que eu o queime no teu corpo!» Não me mexi e ele pôs a espingarda na posição de poder mínimo e começou lentamente a assar-me... Digo-te, gaiata, eu estava fora do uniforme em dois segundos. E ali fiquei, nua, na encosta daquele monte escocês, com aquele grande animal de cabelo vermelho rindo, quase estourando de riso. Depois largou a espingarda vagarosamente e disse: «Fizeram de ti uma exterminadora. Agora eu vou fazer de ti uma mulher.» Era a minha oportunidade, pensei eu. Dei-lhe um pontapé no ar. Caímos os dois. Mas antes que eu me pudesse levantar, já ele estava em cima de mim. Debatí-me, claro. Ele bateu-me uma série de vezes de novo... não tanto que chegasse a ferir-me seriamente, mas apenas o necessário para me fazer entender que a sua força era muito maior que a minha... Sabes alguma coisa acerca de violação, criança?

Rura estremeceu.

- Claro que sei!

A mulher riu medonhamente, exibindo dentes partidos e amarelos.

- Bom, eu posso agora revelar-te que se trata de um mito, criança, de um mito. Nenhuma mulher, e em especial uma exterminadora, que esteja consciente e sã, pode ser violada. Assim, vou contar-te o que aconteceu, doçura. Fartei-me de ser esmurrada e fartei-me de lutar em vão. E a revulsão e o sentido de nojo como que de repente morreram. O peso em cima de mim pareceu-me ser... bem... interessante. E quan-

do ele aprisionou os meus braços, mordeu a minha garganta e cravou os seus dedos no meu peito... tudo me doeu, c'os diabos! Mas excitou-me, menina. Deusa, como tudo aquilo me excitou! E por isso eu deixei-o entrar. E ele ofegava e eu gemia, e agitamo-nos os dois violentamente, como um casal de criaturas sem espírito, num frenesi. Digo-te: nunca soube o que era um clímax até aquele animal de cabelos vermelhos ter injetado o seu sêmen para dentro do meu ventre.

Rura vacilou. Sentiu que ia desmaiar. Sentiu que ia ficando enjoada. Mas, raio!, ela não faria nada disso. Não iria dar àquela maldita mulher a satisfação de saber o terrível efeito que nela estava produzindo.

- Que é que se passa, criança? Estás pálida. Sentes-te bem?

- Claro que me sinto bem!

- Não tem importância. Já ouviste o pior. Eu estava demasiado afetada para ouvir o carro flutuador. Mas o Barba Ruiva ouviu-o... Saiu de cima de mim, pôs-se de pé e tentou correr pela encosta abaixo enquanto apertava as suas calças axadrezadas. Eu saí do transe e recompus-me mesmo a tempo de ver uma das lindas pequenas da minha tripulação queimar a cabeça dele. Não me lembro de muito mais. Mantiveram-me sob o efeito de sedativos durante alguns dias. Os problemas a sério começaram quando descobri que estava grávida. Aborto, claro. Não havia problema. Mas a graça toda, criança, foi que eu não quis abortar. Assim, renunciei à minha comissão e agarrei o primeiro emprego que consegui arranjar: trabalhei nessa ocasião numa quinta hidropônica. No entanto, o mais engraçado estava para acontecer. Ao quinto mês tive um aborto natural. Era um rapaz, claro. Que tal?

Rura não respondeu, não confiava em si própria para falar.

A mulher riu de novo.

- Desde então tenho deambulado por todo o lado. Não pareço ser capaz de me fixar a nada. Não sei, talvez ainda esteja à espera de uma repetição com um inexistente pirata de cabelo ruivo. Não achas tudo isto engraçado?

Rura não conseguia enfrentar a mulher. Voltou-se, olhou para o lago Serpentine, para a clara e límpida água. - Sim, tem muita graça.

- Bem te disse que a história valia dez euros.

Mecanicamente, Rura procurou a sua carteira. Não conseguia de todo em todo voltar a encarar a mulher.

- Toma, aqui tens. Leva o que precisares!

- Obrigada. Estás bem fornecida, garota. Por isso tiro-te três de cinco. Está bem?

- Sim, está bem!

Sentiu os dedos ásperos da mulher quando ela lhe devolveu a carteira, mas não se voltou.

- Boa caçada, Senhora Exterminadora!

- Bom... Boa... - Rura não conseguiu acabar. Não conseguia pensar em nada de racional para dizer que comesse pela palavra bom. Não conseguia mesmo pensar em nada para dizer. O seu espírito estava paralisado.

Ouviu os passos morrerem ao longe. Ficou ali, simplesmente, nas margens do Serpentine, de olhar fito na água, dizendo-se, silenciosa e freneticamente, como pareciam claras aquelas águas. Ficou ali muito tempo. Quando partiu, já o Sol estava bem acima da linha do horizonte.

CAPÍTULO VIII

Rura conseguiu ter uns dias a sós antes de Kayt a encontrar. Durante esse tempo, limitou-se a deambular ao acaso à volta de Londres, a beber e a pensar. Ou tentando não pensar.

Na manhã do seu encontro com a ex-capitã da Guarda Galesa, Rura regressou ao Hotel Pankhurst e, de um modo ou de outro, conseguiu tomar o desjejum. A comida era boa, mas não sentia gosto de nada. Era apenas algo para a manter ocupada. Comer era apenas ter alguma coisa para fazer. Sentou-se sozinha a uma mesa, observou os outros hóspedes e tentou assumir um comportamento normal. Duas ou três moças, com uma evidente paixão por fardas, tentavam atrair o seu interesse e sorriam convidativamente sempre que a supunham a olhar na direção delas. Uma mulher, incrivelmente bonita, de puros cabelos brancos, dirigiu-se para a sua mesa e perguntou-lhe se estava sozinha. A mulher usava um enorme anel de diamante, as suas roupas tinham bom corte e o seu aspecto era demasiado próspero para ser uma mera prostituta de hotel. Rura respondeu-lhe que esperava a todo o momento que alguém se lhe viesse juntar. A mulher presenteou-a com um sorriso doce e afastou-se.

Depois do desjejum, Rura subiu ao seu quarto. A criada tinha deixado tudo limpo, em boa ordem, e o quarto estava de novo anônimo. Rura olhou-se ao espelho. Rosto longo mas não isento de beleza ou atração. Cabelo liso, castanho, pouco longo, como o exigiam as normas. Olheiras sob os olhos. Maças do rosto um pouco proeminentes. Lábios cheios. Sem expressão nenhuma. O rosto de uma estranha, de uma perturbadora estranha.

Rura quis fugir a esta estranha que olhava inexpressivamente para ela. Por isso, voltou a sair do hotel e começou a andar. Deu por si em Piccadilly Circus, onde havia uma estátua. Outrora, há muito tempo, era uma estátua de Eros. Agora a estátua era de Afrodite.

«Seriam, de fato, as mulheres os únicos seres a poder amar? Os homens não seriam nada mais que destruidores? Claro, toda a gente sabia que Shakespeare e Leonardo eram mulheres disfarçadas, Mulheres competindo num mundo de homens. Mas devia ter havido grandes homens que não tivessem sido destruidores. Homens que tinham sido capazes de amar...

E por que é que teriam existido homens capazes de amar? A história humana - a História dos Homens - era um longo e sangrento registo de angústias. Até as mulheres terem afastado os homens e instaurando a sensatez. Governo estável, economia racional e o fim de todas as guerras.

E ainda assim, exterminar é destruir! Eu sou uma exterminadora, portanto sou uma destruidora. Mas que é que eu devo destruir? Só as próprias sementes da destruição! Só os homens!»

Mais tarde, Rura deu consigo a passear ao longo de Enbankment, a olhar para

aquilo que dantes era o Queens College, atual Faculdade das Inseminadoras.

- Devia ter estudado para inseminadora! - disse Rura para si própria. - Devia ter-me preocupado mais com a criação da vida do que com a sua destruição.

A ponte de Waterloo estava sendo demolida. Muitas pontes que atravessavam o Tamisa estavam sendo demolidas. Quem precisa de pontes quando existem carros flutuadores que podem murmurar docemente sobre as águas? Deixem correr livre o Tamisa!

Waterloo. Uma batalha. Uma orgia de destruição concebida e executada por homens. Como se poderia avaliar uma tal batalha, uma tal vitória, por oposição às dores de parto de todas as mulheres que tinham trazido ao mundo todos os soldados cujo sangue fora derramado?

«Curie Milford tem razão», pensou Rura. «Todo mundo tem razão. Eu tenho razão. Não haverá paz duradoura enquanto o último homem não for exterminado.

«E a capitã da Guarda Galesa que tinha encontrado o seu Waterloo numa encosta ensolarada há muito tempo atrás?»

- Ela gostou! - gritou Rura com horror. - Ela gostou! Pessoas que por ali iam passando ficavam a olhar para ela. Rura não se apercebia.

«Um homem sujo e suado reduzindo uma mulher inteligente e treinada a um monte de carne palpitante! Era revoltante, era degradante e era impensável»

- Ela perdeu o bebê! Ela devia ter morto o fedelho! Ela devia tê-lo morto!

E ainda assim, a ex-capitã da Guarda Galesa passara vinte anos de luto. Vinte anos e a destruição de uma carreira só por causa de um homem que tinha forçado nela a sua carne.

Rura continuou a caminhar, sem pensar, sem nada ver. Trabalhadoras musculosas, de seios como granito, estavam construindo, um bloco de trinta andares para alojar um novo departamento governamental. Assobiaram-lhe... mas ela não ouviu.

Acabara de encontrar um bar; entrou e começou a beber. Depois, mais tarde, descobriu, para seu grande espanto, que o Sol já se fora há muito e que as estrelas tinham já saído para a noite. Ainda podia se equilibrar de pé. Ainda era capaz de andar, de certa maneira. Encontrou um táxi flutuador e explicou cuidadosamente que desejava ser depositada no Hotel Pankhurst.

Quando aí chegou, a bela mulher de cabelo branco estava estendida na sua cama. Rura não se queixou. Estava para além da queixa. Muito simplesmente, despiu-se, enfiou-se na cama e deixou a mulher de cabelo branco fazer o que lhe apeteceu.

De manhã, a mulher de cabelo branco partiu, deixando atrás de si uma nota de cem euros. Rura - apesar de lhe doer abominavelmente a cabeça - conseguiu arranjar forças para rir. Quem paga o quê a quem?

Rura tomou uma ducha e desceu para o desjejum. A mulher de cabelo branco não se via em lado nenhum. Estaria a lançar a armadilha para outra vítima? E teria isso importância?

Rura saiu novamente para passear. E para beber. Quando, por acaso, resolveu regressar ao hotel, encontrou a tenente Kayt no seu quarto.

Déjà-vu. Rura quis rir. Riu.

- Que raio significa tudo isto? - exigiu Kayt saber. - Tenho-te procurado por toda a parte. Que é que andas tentando fazer?

- Nada. Não tenho andado fazendo nada.

- Rura, alguma coisa te aconteceu. Aqueles danados porcos! Precisas de alguém que olhe por ti. Do contrário vais-te descontrolar por completo. Eu amo-te, Rura. Eu amo-te.

- Eu também te amo.

- Então, por amor da Deusa, temos algo que celebrar. Cortei com a Faculdade, Rura. Malditas sejam as noviças para sempre. Consegui ser transferida. Grande lance.

- Sim?

- Não queres saber para onde é que me transferi?

- Diz-me tu, Kayt querida. Diz-me tu.

- Para o Regimento de Fronteira! - Kayt exultava com o triunfo. - O Regimento de Fronteira. Que tal te parece, então?

- Ótimo! - disse Rura mecanicamente.

- Bom, tesouro... Vem para a cama e... sê amada!

CAPÍTULO IX

Kayt e Rura viajaram juntas para Carlisle. O Regimento ficava quase a quinhentos quilômetros de Londres - no carro flutuador chegava-se lá facilmente em meio dia. Mas não havia pressa. Tinham dois dias inteiros para gozar até terem de se apresentar à comandante do Regimento de Fronteira. Viajaram aprazivelmente, com Kayt ao volante e maior parte das vezes. Se o tempo estava bom - e estava-o - elas iam planejando excursões paisagísticas no distrito de Peak e no distrito dos Lagos.

Antigamente, há muito tempo, há um mês atrás, Rura pouca importância dava à erva, ao álcool, ao tabaco - os refrigerios da sociedade. Continuava a não se interessar pela erva ou pelo tabaco; mas começara a depender grandemente do álcool. Era melhor que os tranquilizantes e soporíferos. Era mais simpático. E assim ela ficava satisfeita, deixando Kayt estar ao volante, deixando-a fazer as honras da conversa. O uísque varreu temporariamente da memória de Rura as coisas que ela iria recordar para sempre.

O esplêndido tempo de Verão mantinha-se. Parecia que toda a Anglia estava banhada na luz do Sol; e era agradável entregar-se ao lazer, atravessando a paisagem num carro flutuador, sem quaisquer instruções para matar, sem necessidade de fazer mais nada para além de recostar-se no assento e tentar alcançar a descontração, tentar o esquecimento.

No caminho exploraram várias cidades-fantasmas. Era romântico explorar cidades-fantasmas, esperando ouvir as vozes há muito mortas dos habitantes, ouvindo murmúrios no vento. Outrora, a ilha da Grã-Bretanha tinha sido habitada por setenta milhões de pessoas, nas épocas anteriores às idades negras. Agora, a República de Anglia tinha cerca de três milhões de mulheres. Havia, talvez, trinta mil porcos disperses pelas Terras Altas. Mas mesmo estes estavam sendo exterminados a uma média fenomenal e, como sugeria Curie Milford, num futuro já previsível, o último homem seria morto.

Rura estremeceu. Havia um tom de tanta finalidade naquele conceito: o último homem seria morto. Os homens eram animais, porcos. Mas deveriam eles ser completamente apagados da face da Terra? Não poderiam eles ser mantidos, em zoológicos, em reservas? Não se poderia dar-lhes o direito de terem as suas porcas, os seus porquinhos? Não teriam eles direito a reproduzir-se - claro, de uma forma planejada e limitada? Seria um favor prestado à condição feminina! As gerações futuras teriam oportunidade de observar o seu ciclo de vida - à maneira de um terrível aviso.

- Não acho que devêssemos exterminar todos os homens - declarou Rura, depois de passar através da cidade-fantasma de Derby e enquanto o álcool gotejava para as suas veias como uma fina corrente de fogo.

- Malditos sejam os ovários! - explodiu Kayt. - Foi para isso que foste treinada? Durante dois anos especializaste-te na arte de matar homens. E agora dizes: «Deixemo-

los viver!»

- Eu não disse isso!

- Meu amor, se mais alguém, além de mim, te tivesse ouvido, era isso que pensaria que tu tinhas dito.

- Temos de os varrer a todos?

- Se não os varrermos, eles tentarão varrer-nos a nós.

- Ora, eles não são em número suficiente para isso!

- Podiam ser! - disse Kayt sombriamente. - Podiam sê-lo mais cedo do que aquilo que pensas. Eles têm hábitos repugnantes.

- Podiam estabelecê-los em reservas.

Kayt riu.

- O único índio bom é o índio morto... Francamente, doçura. Não comeces a espalhar esses sentimentos peculiares quando chegarmos a Carlisle. O Regimento de Fronteira é bastante rígido no que respeita às tradições.

Rura bebeu mais uísque.

- Por que é que Derby se teria transformado numa cidade-fantasma?

Os edifícios em ruínas tinham-lhe parecido muito tristes. Era triste, também, ver árvores e arbustos crescendo através das estradas de asfalto cobertas de musgo, onde outrora longas filas de antiquado tráfego executavam uma infindável e monótona música.

Kayt encolheu os ombros.

- Pela mesma razão porque quatro quintos das cidades são cidades-fantasmas. Não temos um número suficiente de mulheres para as povoar. E, raios, não queremos ter um número suficiente de mulheres para as povoar. Regressemos à verde e aprazível terra de Anglia, como outrora o disseram algumas poetisas... Tive uma enorme paixão pela História Antiga, Rura. Sabes, outrora houve quinze milhões de carros de terra cuspidos monóxido de carbono e compostos de chumbo. Metade da população tinha doenças de pulmões. Era esse o trabalho dos homens... Dentro de vinte minutos estaremos no coração do distrito de Peak. Vamos almoçar no cume de Mam Tor. Num dia limpo, pode-se até ver o mar irlandês.

- Mas porquê Derby? - insistiu Rura. - Por que não Leicester?

- Como diabo vou eu saber isso? - disse Kayt irritada. - Talvez porque lá há mais água potável que em Leicester. Talvez porque lá expulsaram mais depressa os porcos. Talvez porque as mulheres estavam melhor organizadas... Vou-te dizer uma coisa. Acabamos de passar por aquele que foi o coração industrial da Inglaterra: Coventry, Birmingham, Nottingham, Derby. Há quatro séculos atrás, os homens recebiam o seu salário às sextas-feiras. Depois iam para casa e à noite atiravam-se para cima das mulheres e depois saíam para se embebedarem. Depois regressavam e atiravam-se de novo para cima delas. Aos sábados repetia-se o programa. Aos domingos, os homens ficavam na cama descansando, enquanto as mulheres faziam todos os trabalhos e olhavam pelos filhos. Muitas das mulheres tinham quatro ou cinco filhos. Estavam velhas aos trinta anos, decrépitas aos quarenta e acabadas aos cinquenta. Os homens nem se importavam. Para eles havia sempre outras mulheres.

Kayt teve de parar o carro flutuador. Rura estava enjoada.

CAPÍTULO X

Carlisle Castle, o castelo sede do Regimento de Fronteira, ficava ao sul do rio Éden. Tinha já sofrido alterações, alargamentos, ataques, destruições e modificações há mais de dois mil anos. Fora outrora um forte romano de cavalaria, fora depois uma praça forte saxônica. Depois, no século XI, William Rufus conferira-lhe a estrutura permanente de pedra. Era uma veterana muralha cicatrizada pelas guerras de fronteira. Maria Stuart, rainha dos Escoceses, tinha vindo como convidada e ali ficara como prisioneira. No início do século XIX, três quartos da sua estrutura total tinham sido demolidos. Uma centena de anos mais tarde foi renovada para se transformar no velho Regimento de Fronteira - o Regimento dos Porcos -, que tinha formado dezesseis batalhões para a primeira guerra mundial e derramado o seu sangue na França, em Flandres, na Macedônia e em Galípoli. Por volta do fim do século XX, os velhos guardadores da fronteira estavam mortos. E dois séculos mais tarde, depois das idades negras, nascera o novo Regimento de Fronteira ou, como elas orgulhosamente se intitulavam, o Regimento Monstruoso. Uma escol dedicado à extinção dos homens.

O castelo de Carlisle vira tudo isto, sofrera tudo isto e tinha sobrevivido. Havia ainda ali pedras que tinham sido colocadas por William Rufus. Mas a pedra de fundação da área restaurada tinha sido lançada por Curie Milford.

Kayt e Rura chegaram já ao fim da tarde. A luz do Sol esmorecendo inclinava-se sobre o castelo, envolvendo a sua parte antiga - agora não mais que um museu - numa atmosfera feérica, banhando a nova secção numa luz que fazia os blocos de betão armado lembrar vagamente as pedras batidas pelo tempo. Kayt já tinha estado antes em Carlisle e conhecia a disposição do edifício e muitas das suas oficiais. Levou Rura a confirmar o posto com a adjuvante Sharl Martell, uma velha amiga.

- Kayt! Há quanto tempo não tomamos juntas um copo! Como é que estás?

Beijaram-se as duas e jocosamente deram-se socos no peito.

- Sharl! Quanto à bebida, pomos tudo em dia hoje à noite. Trouxe-te uma muito boa. Rura Alexandra.

Sharl olhou para Rura apreciativamente.

- Mamilo de Prata, ao que vejo. Deves ser realmente boa.

- Tive sorte - disse Rura. - Foi só sorte!

- És tu e a terceira companhia - disse a adjuvante. - Perderam duas a semana passada. Vais ser mais que bem-vinda.

- Como é que estão as coisas? - perguntou Kayt.

- Bastante ativas. Os porcos continuam a avançar para sul. A minha teoria é de que eles têm um período de gestação de três meses em vez dos nove normais. E acho também que eles crescem a uma média correspondente. Quantos mais queimas, mais te aparecem a saltar das urzes.

- Não te preocupes - disse Kayt, pondo a sua mão à volta do ombro de Rura. - Rura e eu somos a cavalaria dos Estados Unidos. Fui eu própria quem a treinou. Ela fareja um porco a quinhentos metros.

Sharl Martell olhou para ela pensativamente.

- Rura e tu?

- Sim, é isso mesmo. Rura e eu. Há algo entre nós. Ela é de um curso principal.

- Eu podia ser simpática! - disse Sharl. - A terceira precisa de outra oficial. Interessada nisso?

- Sharl, és uma delícia!

- Pode ser que tenhas de me subornar!

- Subornar-te-ei... Oh, sim, eu sei que não estou autorizada a confraternizar com as mais novas da minha companhia. Mas as regras fizeram-se para serem flexíveis. Nós trabalhamos bem juntas e isso é um fato!

- Bom - disse Sharl. - Vou ser generosa com vocês, mas lembrem-se que isso me concede direito a crédito. A terceira precisa de uma assistente. Tendo em conta o Mamilo de Prata posso recomendar que...

- Sharl, tens crédito ilimitado. - Kayt bateu nas costas de Rura. - Assistente Alexandra; tu nasceste, ou foste reproduzida assexuadamente, com uma sorte dos diabos. Vamos poder jantar juntas na messe e partilharemos das mesmas patrulhas.

- Por amor da Deusa, mantém-te serena em frente da velha! disse Sharl. - A coronel Claire crê que a disciplina é a óctupla via.

- Manteremos a disciplina - disse Kayt. - O suficiente para fazê-la feliz. Assim ela terá uma grande promoção quando a terceira começar a queimar um número mais elevado de porcos. A última vez que estive no serviço ativo conheci o recorde de caça por dois anos a fio.

Sharl sorriu.

- Isso não foi esquecido. Foi por isso que vieste logo para o Regimento de Fronteira, quando há uma lista tão longa de espera.

- Ótimo. Mostra-nos onde é que dormimos e depois vamos refrescar-nos, enquanto o champanhe gela.

- Vais-te refrescar, sim, mas não há tempo para os copos esta noite, queridinha.

- E por que não?

- A terceira e a quinta têm quarto de alvorada. Há movimentação nos Grampians. Os Serviços Secretos dizem que MacDiarmid ergueu de novo o seu horrível nariz. Parece que está erguendo uma nova frente!

Kayt roncou de raiva.

- Punhais e bestas! C'os diabos!

- Esqueci-me de te dizer que tivemos uma grande baixa na segunda companhia há três dias atrás. Um helicóptero detector, cinco carros flutuadores e nove exterminadoras. Parece que ele e alguns da sua manada conseguiram apoderar-se de alguns *lasers*. Agora, ele tem mais armas. O porco tornou-se interessante. E portanto perigoso.

- Com *lasers* ou sem eles - disse Kayt -, ele será meramente um instrumento de promoção... Bom, adorada Rura, é melhor irmos até aos nossos aposentos e manter a calma. Qualquer uma de nós vai precisar estar em boa forma na nossa primeira patrulha. Se nós pudermos pintar no sangue dessa criatura Diarmid, o fato não pasará despercebido em Londres.

Rura sentiu-se desfalecer. Ela sabia que devia dizer alguma coisa - até agora pouca tinha sido a sua contribuição para a conversa -, mas não lhe ocorria nada para dizer.

- Ela está muito pálida - disse a adjuvante. - Sentes-te bem, querida?

Rura acenou com a cabeça, não confiando em si para falar.

- É a excitação! - disse Kayt , - Formatura, Mamilo de Prata e agora assistente. Está acontecendo-lhe tudo. Do que ela precisa é de uma boa noite de descanso.

Rura, controlando-se ao máximo, deixou-se conduzir ao quarto.

Quando ficou sozinha, caiu na cama e começou a bater na almofada com os punhos. Não sabia o que é que a levava fazendo aquilo. Recusava-se a saber. O próprio pensamento era repugnante.

CAPÍTULO XI

O tempo piorara e estava uma manhã cinzenta e chuvosa. «Para o diabo com o Verão!», pensou Rura tristemente. «Este devia ser o Grande Verão para mim. Formatura e plena condição feminina! Olane, Moryn e eu teríamos concorrido para atuar juntas como equipe de patrulha. Tínhamos tudo planejado. Seríamos sempre um grupo alegre, levando a vida a brincar por algum tempo, transformando as patrulhas de rotina em piqueniques e a caça aos porcos num desporto.

«E agora acabou-se a festa que nunca houve. Olane e Moryn estão mortas, e Diarmid MacDiarmid, a quem eu devia ter morto quando tive oportunidade, destruiu mais nove exterminadoras. Essas mortes pesar-me-ão na consciência para sempre. Parece que estão todas certas e eu sou a única errada: os porcos devem ser varridos daqui. Especialmente Diarmid MacDiarmid. Enquanto ele viver, eu não estou limpa.

«E aqui estou eu, com completas estranhas, numa manhã ociosa, tentando caçar um homem que já devia estar morto. Que fariam elas se soubessem que eu podia tê-lo morto e não o fiz? Matar-me-iam? Foram as suas camaradas que morreram há alguns dias, as suas Olanes, as suas Moryns... »

Não era inteiramente verdade que Rura estivesse na companhia de completas estranhas. Os membros da sua tripulação tinham-lhe sido apresentados na noite anterior. Robin Deyn e Mirage Mathilde: exterminadoras maduras. Tinham-se formado há um ano atrás.

Robin era a piloto do carro flutuador. Mirage ia sentada atrás com Rura, polindo uma marca na coronha da sua espingarda *laser*. Cada uma representava uma morte.

O *écran* rotativo do carro flutuador espalhava as gotas de chuva em redemoinho mal elas tocavam o vidro, mas a visibilidade era fraca, por vezes de apenas cinquenta metros de alcance, e o carro flutuador perdia tempo, deambulando por ali a sessenta e cinco quilômetros por hora. Algures lá por cima, os helicópteros detectores de caça abriam o seu caminho impotentemente através do nevoeiro e das nuvens baixas. Algures lá por cima, Kayt devia encolerizar-se com o fato das chances de luta com os incursores do bando de MacDiarmid diminuir rapidamente.

- É pena que esteja um dia tão mau para a tua primeira missão! - disse Mirage. - Mesmo assim, o tempo pode mudar muito antes de chegarmos a Fort William.

- Se conseguirmos chegar a Fort William! - interviu Robin. Os boletins meteorológicos são pessimistas. Algo me diz que, antes da hora de almoço, vão mandar-nos anular a missão.

- O tempo vai melhorar! - disse Mirage. - Pressinto!

- Tesouro - riu Robin -, é um pressentimento bem louco. Devias estar aqui ouvindo as comunicações do detector.

Mirage conferiu a posição no mapa.

- Glásgua está cerca de vinte quilômetros à nossa frente. Andamos de volta ou

atravessamos a direito?

- Espera um pouco. Vou verificar com o comando. - Robin estabeleceu uma comunicação rádio com o detector-chave. Rura não conseguiu ouvir o que ela disse. Nem sequer estava interessada em ouvir.

- O comando diz que se acabou toda a inspeção aérea. Há bancos de nuvens estendendo-se até duzentos quilômetros norte. Cada carro age por sua iniciativa. As da quinta companhia findaram por hoje. Uma delas aterrisou em cima de uma árvore e outra teve uma pequena desavença com a encosta de um monte. Má pilotagem, se querem saber a minha opinião.

- Hurra! - disse Mirage. - Quanto a mim, devia era cancelar-se tudo. Mas se as da quinta se amedrontaram, vamos lá nós ver o que se pode encontrar.

- Certo! - Robin prestou de novo atenção à rádio. - Cinco da nossa companhia estão regressando. Possibilidade de riscos no solo não aceitáveis, dizem elas.

- Porcas! - Mirage voltou-se para Rura. - Que é que achas, doçura? Devemos regressar ou não?

- Continuemos! - disse Rura fatalistamente. - Só se morre uma vez!

- Assim é que gosto dela! Ouviste, Robin? A criança é mais do que suficiente!

- Ouvi! - disse Robin. - Então agora podemos operar independentemente. Vou precisar de uma navegação exata, Mirage, especialmente quando chegarmos a solo alto. Entretanto, que é que fazemos em relação à Glásgua?

- Atravessamo-la! - disse Mirage. - Que é que havemos de fazer? Há sempre chances de encontrarmos um porco a caça de metal. E, além disso, eu gosto de cidades mortas. São românticas.

Glásgua era, de fato, uma cidade morta. Enquanto o carro flutuador, a média altitude, penetrava prudentemente pelos subúrbios, Rura ficou ainda mais deprimida à vista das filas de casas, lojas, fábricas e mansões arruinadas. Outrora, muitos milhares de pessoas - mulheres e homens - tinham vivido, trabalhado e morrido ali. Mas agora, cardos, convólulos, urtigas e dentes-de-leão reclamavam o seu espaço à selva de betão armado.

Regressando aos dias em que os homens estavam ainda a ser expulsos das cidades, Glásgua fora palco de algumas das mais sangrentas batalhas da Guerra da Libertação. As baixas tinham sido tão elevadas em ambas as frentes que, quando finalmente os homens foram derrotados e banidos, não havia mulheres sobreviventes que chegassem para manter sequer o centro da cidade. Além disso, a região era demasiado vulnerável, demasiado próxima das Terras Altas. Não se justificava a existência de uma guarnição para defender a cidade. Assim, as mulheres sobreviventes tinham sido evacuadas e restabelecidas a sul, em áreas mais seguras da República de Anglia. Ocasionalmente, quando os Serviços Secretos denunciavam sinais de atividade, o Regimento de Fronteira voltava em força, sitiava a cidade em ruínas e trabalhava no interior, queimando os homens que varriam as ruas em busca de materiais. Mas os resultados raramente justificavam o esforço. Já tinham passado mais de dois anos desde a última vez que Glásgua tinha sido cercada. Na sua maior parte, a cidade tinha ficado uma terra-de-ninguém - nem de homens nem de mulheres -, insegura para que nela entrassem quer porcos quer exterminadoras.

A chuva parecia estar tornando-se mais densa. .

Rura e Mirage pegaram nas suas espingardas prontas a disparar.

Se debaixo daquele temporal havia porcos a vasculhar a cidade, eles deviam estar sentindo-se bastante miseráveis.

Já nenhuma das pontes sobre o rio Clyde estava no lugar, mas isso não era impedimento para um carro flutuador. Robin cruzou o rio, próximo das ruínas da ponte

Eduardo V, subiu, passando a velha Estação Central destruída, e virou à esquerda, ao longo da atual pista semeada de buracos, que fora um dia Argyle Street , em direção ao velho complexo da Universidade. Por razões sem dúvida mais psicológicas que práticas, a Universidade era o retiro favorito dos porcos. Mas enquanto o carro flutuador sibilava, flutuando pelos muros escurecidos, não pareceu haver qualquer indicação de recente atividade ou de algo que se parecesse.

Rura sentiu-se satisfeita. Não estava com disposição para matar porcos. Não estava com disposição para nada.

- Perdemos o contato pela rádio - disse Robin. - A estática está assustadora. Não consigo me comunicar com o comando de forma nenhuma.

- Quem é que se importa com o comando? - A disposição de Mirage parecia subir à medida que a de Rura descia. - Estamos melhor sozinhas! Vamos fazer uma caçada dos diabos e ser as autoras da única matança do dia! Depois disso, todas nos odiam!

- Ao diabo com Fort William! - disse Robin. - O tempo não está bom para uma patrulha tão longa. Vamos dar uma vista de olhos aos lagos. Os porcos têm uma predileção especial por acampamentos à beira de lagos. Podemos subir até ao Lomond, através do Tay, e depois girar para sul de volta a Edimburgo. Este trajeto dá-nos três oportunidades razoáveis. E é uma viagem suficientemente longa sob estas condições atmosféricas. Que é que dizes, Rura?

- Por mim, está bem. Eu sou nova aqui!

- Bom, então! É ao longo de Clyde e sobre o Loch Lomond que vamos viajar. Tenham os olhos bem abertos em busca de fogueiras. Num dia destes não estão à nossa espera. Vão pensar que podem armar tendas, fazer fogueiras e comer refeições quentes.

O céu fez-se mais e mais escuro, mas a visibilidade aumentou enquanto o nevoeiro se dissipava. Parecia mais um dia de Novembro que de Agosto. O carro flutuador voou ao longo das águas cinzentas do Clyde e virou depois para norte, para a larga extensão do Loch Lomond. Rura sentiu frio, mas não fisicamente. Era o frio da angústia. Ela não tinha qualquer direito a estar ali em patrulha com aquelas inspiradíssimas exterminadoras de fronteira. Ela era uma fraude. Ela era a exterminadora que tinha deixado MacDiarmid viver.

Tinha-se levantado o vento. As águas do Loch Lomond estavam turbulentas. Robin colocou o carro flutuador a alta elevação. Comeram um almoço ligeiro enquanto patrulhavam.

Foi Mirage quem detectou os fogos - na margem leste do lago, abaixo das montanhas cujos picos estavam ocultos em bruma.

- Busca! - gritou Mirage. - Porcos às três horas. Duas fogueiras, quatro tendas, acho eu. Alcance: dois mil metros positivos.

- Uma vez que estamos na água - disse Robin -, só se forem cegos é que não nos vêem, mesmo com este tempo. Vamos avançar depressa e queimar toda a área antes de aterrissarmos.

Robin inclinou o carro num ângulo vertiginoso, dando toda a aceleração que podia. O carro saltou atravessando a água. Mirage e Rura desceram os vidros das janelas, apontando as espingardas. A chuva batia-lhes no rosto em agulhas finas. O ar frio travava-lhes a respiração. A distância diminuía.

- Mil metros! - cantou Mirage, - Ausência de movimento. Estão cegos, surdos e bêbados. Estão suando em cima das suas porcas. Esta vai ser a corrida clássica de extinção Quinhentos metros... Rura querida, foste um presente de boa sorte. Duzentos e cinquenta metros.

Rura estava tremendo. Sentia enjoos e tremia. «Por que é que eles não se arriscam? Devem ter-nos ouvido. Devem ter-nos visto. Por que é que não se arriscam?» Estava gelada, mas as mãos escorregavam-lhe de suor e a espingarda laser parecia pesar cem quilos.

As fogueiras e as tendas estavam em terreno baixo. Atrás delas, talvez a uns cem metros de distância, ficavam as orlas de uma floresta de pinheiros e para além dela erguiam-se as montanhas, desertas e escuras.

«Devem ter-nos ouvido. Devem ter-nos visto», pensou Rura. «Por que é que eles não correm para as árvores? Alguns podiam-no conseguir. »

Mas já era demasiado tarde.

- Abrir fogo! - ordenou Robin. - Potência máxima. Vou circular e assim vocês podem atingi-los de todos os ângulos. Vamos assá-los nas suas tendas.

Mirage estava gostando. Grandes e breves línguas de fogo caíram sobre duas das tendas. O carro flutuador tinha chegado aos limites do lago e deslizava sobre o solo, que se elevava vagarosamente, sobrevoando o acampamento à distância de cinquenta metros.

- Que é que se passa, Alexandra? Por que tu não estás disparando?

- Não sei! Não consigo! Não consigo! - gritou Rura desesperadamente. As mãos não lhe obedeciam. Transpirava e tremia. Sentia a chuva estranhamente, como se fossem os céus que choravam...

- Dispara, raios! Isto vai direito para a tua folha de serviço.

- Deixa-a! - riu Mirage. - Não são precisos bebês. E eu já tenho tudo liquidado.

Todas as tendas estavam agora a arder. A chuva silvava e soltava vapor, enquanto madeira, peles e roupa incandesciam. Nenhum porco avançava.

Robin sobrevoou o acampamento. Mirage continuou a disparar e a rir. O local tornou-se num pequeno inferno. Rura perguntava-se tristemente se estariam a ser assadas mulheres e crianças. Como exterminadora, ela tinha chegado ao fim da carreira. Sabia-o.

Robin fez aterrisar o carro.

- Alexandra - disse ela asperamente -, haverá um tribunal marcial para julgar o teu procedimento. Agora, salta daqui e ajuda-nos a inspecionar as cinzas.

Mirage já estava na erva úmida e ardente, de espingarda a postos, o rosto franzido numa expressão feroz de lobo, não prestando atenção à chuva, não prestando atenção a mais nada para além do fumo e das chamas que se iam extinguindo.

Rura saiu de dentro do carro flutuador, sentiu o solo encharcado sob os seus pés, sentiu o terrível odor a queimado. Era um dia funesto, um dia triste e cinzento. Já não havia razão nenhuma para viver. Ela era um completo fracasso.

- Mata-me! - disse ela simplesmente. - Faz que pareça obra dos porcos.

- Demasiado fácil! - ripostou-lhe Robin. - O Regimento prefere fazer de mulheres como tu um exemplo para as outras. Agora, cabra, faz-te útil e procura os corpos.

Rura atirou para o chão a espingarda. Ouviu, com espanto, a sua própria voz, calma e controlada:

- Mata-me! Ou eu vou aí, apanho-te e enrolo-te a malvada da espingarda à volta do pescoço. - Rura começou a andar lentamente na direção de Robin.

De súbito, Mirage berrou:

- Porcos!

Ergueu a sua espingarda e começou a disparar na direção da floresta de pinheiros. Continuou a disparar, mesmo depois de a sua face estar já queimada. Disparava ainda quando caiu por terra.

Houve um rápido som de assobio. Robin gemeu e olhou estupidamente para a seta

entre os seus seios. Vacilou um pouco, a boca mexeu-se como se ela quisesse ainda dizer alguma coisa. Uma outra seta acertou-lhe na barriga. Caiu para trás, agitou-se por momentos e depois ficou imóvel.

Rura ficou ali rígida, gelada. Teria dado as boas-vindas a uma seta, à grande queimadura do *laser*. Pelo menos seria uma morte com honra. As suas costas estavam voltadas para a floresta de pinheiros.

Permaneceu imóvel, de olhar fixo sobre o lago. Seria melhor morrer num dia escuro, ou morrer na luz do Sol, com o céu azul e os pássaros cantando? Ela não sabia. Não tinha importância. O fim era tudo o que importava.

- Volta-te, cabra dos infernos! - disse uma voz. Uma voz de homem: - Gostarias de te abrir para mim?

Rura voltou-se e encarou o porco. Barbado. Todos eles tinham barba. Desgrenhados. Animais selvagens. Destruidores. Mas aquelas que destroem os destruidores são também destruidoras. Algures, tinha de haver um fim.

- Quero morrer! - disse ela.

Ele riu.

-Sim!? Eu quero que tu vivas, para gáudio, treino e recompensa dos meus camaradas.

Vários porcos já tinham saído do pinhal. Alguns estavam armados de arcos, alguns de bestas, dois com espingardas *laser*. Estavam de pé, à sua volta, num semicírculo. Tinham todos o mesmo aspecto. Barbudos, desgrehados. Fora por causa de seres como aqueles que se tinha recusado a fazer fogo?

Não! Talvez tivesse sido por uma mulher e um rapazito ,

- Dispam-na! - disse alguém. - Deixem-na sentir a relva úmida debaixo do rabo!

- Quanto tempo aguentará ela? - disse outro. - Aceitam-se apostas!

Rura olhou para a espingarda que tinha largado.

«Se tento agarrá-la agora», pensou ela, «eles matam-me. E isso será um fim. Não um bom fim. Não numa boa ocasião. Não num bom local. Mas, nestas coisas, ninguém pode escolher»

Rura baixou-se em busca da espingarda. Não chegou a tocá-la. Alguém lhe deu um pontapé. Alguém lhe rasgou as roupas no corpo. E depois, por um momento, Rura viu faces sobre si. Faces diferentes mas todas semelhantes. E às vezes a dor entre as pernas era terrível e por vezes era apenas estranha, suportável até. Ouviu-se, a ela própria, gemer e suspirar. Sentiu a chuva batendo-lhe no rosto e agradeceu aquela sensação. Sentiu mãos nos seus seios, dentes no seu pescoço. E depois, uma vez mais, a dor era terrível e outras vezes não. Sentiu lábios contra os seus, e fugiu-lhes. Por momentos. Depois não houve mais luta. Só uma muda aceitação.

Misericordiosamente, as faces que mudavam perderam os contornos no nevoeiro. E depois, já nada mais teve importância. E só existia a escuridão.

CAPÍTULO XII

O pesadelo da humilhação e degradação continuou. Na escuridão, Rura ouviu alguém chamar, longe, muito longe. Não, não era chamar. Eram gemidos e grunhidos - como os de um animal. Teve consciência de uma sensação pungente e descerrou os olhos. Alguém a esbofeteava. E era ela quem gemia e suspirava. Como um animal. Ela, Rura Alexandra, Mamilo de Prata, assistente da terceira companhia do Regimento de Fronteira. Ela, Rura Alexandra, emitia ruídos estranhos, sub-humanos.

Sentiu a chuva. As bofetadas tinham parado. Sentiu a chuva no rosto - abençoada chuva. Sentiu a chuva nos seios descobertos, no ventre, nas pernas. Sentiu frio, mas essa era uma sensação sem valor. Era pouca aquela chuva que caía. Nunca choveria o suficiente para apagar o que tinha acontecido.

- Acorda, cabra! - disse uma voz. - Diz-nos se gostaste!

Ela tentou falar racionalmente e não conseguiu. Havia uma viscosidade qualquer, um gosto estranho na sua boca. Tossiu, engoliu em seco e voltou a tossir. Sangue. Devia ter mordido os lábios. Alguém lhe tinha mordido os lábios.

- Matem-me! - conseguiu dizer. - Matem-me!

Houve gargalhadas.

- Matem-me! - troçou medonhamente uma voz. - Fui seduzida, violada, violentada por selvagens porcos das Terras Altas e não quero dar à luz uma ninhada. Matem-me, porque gostei, e os meus olhos dispararam e a minha língua se colou. E porque posso muito bem querer repetir.

Mais gargalhadas. E outra voz:

- Levanta-te, cabra, ou apanhas com a repetição. Veste o teu lindo uniformezinho ou o que resta dele. Sabes pilotar o carro flutuador?

- Matem-me, por favor! - Rura não queria suplicar, mas estava a fazê-lo.

Alguém lhe pôs um pé no peito. Havia pregos na sola daquele calçado. Os pregos rasgaram-lhe a carne. Ela olhou para cima, para além das andrajosas calças axadrezadas, da túnica cor de urze, e viu uma cara. De frente grotescamente curta, aquela cara. Marcada, barbada, parecia assentar no alto de um maciço par de pernas. Era a cara do homem, do destruidor, do maior dos porcos.

A bota girou. Rura gemeu de dor. O seu olhar fixava-se estupidamente enquanto finos fios de sangue lhe escorriam do peito e se confundiam com a chuva que continuava a cair.

- Sabes pilotar o carro flutuador?

- Sim! - conseguiu ela dizer. - Sim!

O pé retirou-se.

- Então acho melhor que te ponhas a andar para o pilotares, minha cabra! E agora vê se te recompões e se te vestes. Qualquer um diria que acabaste de sair de uma orgia.

Mais risos e gargalhadas.

Lenta e dolorosamente, Rura ergueu-se. Ninguém a ajudou. Havia algo viscoso escorrendo pelas suas pernas. Tentou não pensar nisso. Ajoelhou-se, nua, e olhou para os homens que olhavam para ela.

Era estranho. Eles podiam enfrentar o seu olhar. Mas ela não podia encontrar o deles. Nunca a nudez lhe tinha parecido tão horrível. Alguém lhe estendeu a túnica. Estava rasgada na frente. Mas o maldito Mamilo de Prata continuava no lugar. Não vestiu a túnica. Enrolou-a à sua volta e tentou ficar de pé. Mas caiu.

Houve vivas.

Com o rosto de encontro ao chão, alguém lhe deu um pontapé no rabo, não causando muita dor.

- Basta disso! - disse uma voz. - Preservemos o que resta. Temos de preservar o que resta para o julgamento.

Sentiu mãos nos seus ombros e vacilou. As mãos eram firmes mas gentis. Ajudaram-na a vestir as suas roupas úmidas, a retirar a lama do rosto. Não se atreveu a olhar para o rosto do homem que lhe prestava auxílio. Tinha medo do que podia ver à sua frente.

- Vais pilotar o carro flutuador, cabra dos infernos. Vais fazer uma viagem. Vais ver o *laird*. (*Proprietário de terras na Escócia. (N. da T)*)

Rura foi empurrada rapidamente até ao carro e arremessada para o lugar do piloto. Dois homens sentaram-se atrás dela. Ela sentiu o cano de uma espingarda *laser* no pescoço.

- Não tentes ligar as comunicações rádio! - disse uma voz. Nós não íamos gostar disso. Claro que não te iríamos matar. Só assar-te um pouco. Era um bocado desagradável. Compreendes?

Ela tremia e vacilava. Tremia de frio. Vacilava com medo.

- Não estou em condições de pilotar esta coisa! - disse ela desesperadamente. - Não conseguem ver isso? Nem consigo pegar no raio do manete!

- Também não queremos que vás esmagar-te! - acrescentou a voz. - Entre outras coisas, havíamos de te tostar um pouco. Todavia somos homens sensatos, às vezes... Bebe um gole disto. Deixa-o penetrar-te no sangue. Depois partiremos.

Estenderam-lhe um pequeno frasco. Ela nem se importou com o que podia conter. Bebeu simplesmente, agradecida. Era uísque. Ardeu-lhe na garganta e fê-la tossir. Bebeu um pouco mais, engolindo-o como se fosse água. Naquele momento, os seus pulmões começavam a latejar, mas tinham parado os tremores e as vertigens.

«A única coisa a fazer», ordenou Rura a si própria, «é não pensar. Pensar destruiu-me. Para onde quer que vá, o que quer que faça, transporto em mim a antecipação da morte. Portanto, Rura, não penses!»

- Bom, Senhora Dona Exterminadora, o seu tempo chegou ao fim. Arranca, Sobe e sobrevoa o lago. Eu encarrego-me da navegação por ti. Mas, se te ajuda alguma coisa, posso dizer-te qual é o nosso destino. Tobermory, na ilha de Mull. Mull é um lugar inóspito. Não há nada naquela ilha que valha a pena possuir, não há nada que mereça a atenção do teu monstruoso regimento sangrento. Foi por isso que o *laird* o escolheu. Mull, para ti, é provavelmente o fim da linha, grande cabra! Vê se consegues lá chegar sem sermos obrigados a torrar-te o peito!

Obedientemente, Rura levantou o carro flutuador do solo e num giro saiu de Loch Lomond. O céu escurecia, a chuva era cada vez mais densa. O *écran* rotativo dispersava as gotas de chuva em hélice, mas a visibilidade era muito fraca e as águas estavam revoltas.

«Eu podia largar a alavanca de ascensão e afogar-nos a todos!», pensou Rura.

«Seria o fim para tudo isto. O meu corpo limpar-se-ia ,nas águas do lago e os ossos destes dois porcos haviam de apodrecer ao lado dos meus.» Rura estremeceu, mas não largou o acelerador. Talvez que, inconscientemente, ela procurasse uma morte mais horrenda, uma humilhação mais profunda.

- Gira para a baía! - disse um dos porcos. - Há um vale que circunda Ben Lui e conduz ao topo do Loch Awe e depois ao extremo marítimo do Loch Etive. Depois disso podemos dar uma rápida curva ascendente para Sound of Mull. Por acaso enjoas, cabra?

Ela não respondeu. Limitou-se a cumprir à risca as ordens, como um robô afinado. Rura Alexandra, Mamilo de Prata, submetia-se às ordens de um nojentos porco. Como se costuma dizer, há sempre uma história por detrás de um quadro.

O Loch Lomond ficara para trás. Despontaram as montanhas, vagas, envoltas numa bruma acinzentada. Montanhas e desfiladeiros. Depois, outra extensa superfície aquática. Os porcos pareciam saber o que faziam, para onde se dirigiam. Rura já nem se preocupava. Não havia nada com que se preocupar. Finalmente, chegaram ao mar. Rura mal se apercebeu disso. A ondulação era pesada e foi assim que ela soube que era ali o mar. Mas aquilo não tinha importância. Já nada mais tinha importância.

Ali, em Sound of Mull, a chuva caía grossa e o céu estava realmente escuro.

«Parece o fim do mundo!» pensou Rura. «Bem, é o fim do mundo para mim. Tenho vinte anos e estou prestes a herdar uma eternidade de vazio. Talvez existam fantasmas. Espero que não. Como poderia eu explicar tudo isto a Moryn e às outras?

Rura ligou o único e penetrante farol do carro flutuador, mas imediatamente lhe ordenaram que o desligasse.

- Não me parece que tenhas por aí nas alturas algum dos teus helicópteros detectores, cabra. E também não creio que eles pudessem detectar o que quer que fosse. Mas é melhor não desafiarmos o diabo. O *laird* não iria gostar!

- Não consigo ver! - disse ela.

- Não te rales, robô de carne! - Houve gargalhadas. - Não te preocupes com as carabinas. Nós somos os teus olhos.

Rura não conseguia distinguir nada para além da chuva e da água varrida pelo vento. E no entanto os dois porcos pareciam saber exatamente onde se encontravam. Guiaram-na por sobre o fiorde e fizeram-na acostar o carro flutuador perto das ruínas da vila de Tobermory. Ordenaram-lhe que parasse os motores e aterrisasse. Depois usaram o farol para dar sinal.

Vindos do nevoeiro e da chuva saíram figuras humanas. Rura foi arrastada para fora do carro flutuador e arremessada para a pedregosa praia. Veio um homem e olhou para baixo, na sua direção. Ela pôde ver os seus sapatos, uns sapatos gastos e despedaçados. Mas não se atreveu a erguer o olhar.

- Saudações, *laird*! - disse um dos porcos. - Trazemos despojos. Um carro flutuador cheio de combustível até três quartos, espingardas *laser*, granadas e esta cabra dos infernos.

- Saudações, Fergus MacKinnon. O dia, embora triste, correu--nos bem, pelo que vejo. Tivemos baixas?

- Não, senhor! As cabras caíram na armadilha. Não houve baixas. Mas matamos duas e trouxemos esta. Ela não lutou.

- Não lutou?! Interessante! O Regimento de Fronteira não é conhecido pelo pacifismo.

Subitamente, Rura conheceu aquela voz. Talvez a tivesse conhecido no próprio momento em que a ouvira soar. Talvez não a tivesse querido reconhecer. Rura er-

gueu o olhar até ao rosto de Diarmid MacDiarmid.

CAPÍTULO XIII

Na vila de Tobermory, na ilha de Mull, havia ainda uma meia dúzia de casas de pé. Eram casas que tinham sobrevivido durante grande parte dos últimos quatrocentos anos. Eram feitas de pedra e os telhados eram de lousa. Como domicílios rudimentares que eram, tinham a qualidade rudimentar necessária à sobrevivência.

Rura foi levada até um desses domicílios. Havia uma fogueira acesa numa lareira que vomitava para a sala tanto fumo como o que era engolido pela chaminé. Diarmid MacDiarmid estava sentado numa cadeira que parecia, embora de modo estranho, um trono. Rura ficou de pé à sua frente. Atrás dele estavam, de pé também, vários homens e mulheres vestidos de peles e tecidos de lã.

- O julgamento! - disse uma voz. - Façamos o julgamento!

Diarmid MacDiarmid olhou para ela. Depois para os que estavam por detrás de si.

- Haverá um julgamento! - disse ele. - Mas eu quero e devo reconhecer publicamente a minha parcialidade. Conheço esta mulher. Por isso, cedo o lugar de juiz a quem quer que o reclame.

- Só a ti pertence, *laird*! Só a ti!

- Pergunto de novo. Alguém reclama o lugar de juiz?

Não houve resposta.

- Então, que ninguém duvide ou ponha em causa o seu juízo final.

Alguém picou Rura por trás.

- Ajoelha-te perante o *laird*, cabra!

- Não ajoelharei! - disse Rura, A sua voz não era mais que um breve sussurro. Com grande esforço ela ergueu-a. - Não ajoelharei. Podem bater-me até que caia, mas não ajoelharei.

Houve gargalhadas.

- Grande cena!

- Esta ainda mexe!

- Aceita o convite, *laird*!

- Silêncio! - A voz de Diarmid era como um gume cortante. As risadas e os murmúrios pararam. O chefe do clã voltou-se para um dos homens que trouxeram Rura.

- Jethro, como vos veio parar às mãos esta cabra?

- *Laird*, o dia estava mau, miserável. Mas nós partimos para lançar a armadilha como tu tinhas ordenado. Nenhum de nós esperava ver as guardadoras de fronteira. Os helicópteros delas não podiam detectar nada e o dia estava tremendamente lúgubre. Estávamos pensando em abandonar a operação quando apareceu este carro flutuador a agitar as águas do lago. Era bom de mais para ser verdade. Um só carro flutuador e nem sinal de helicóptero detector. Assim, digo-vos eu, amontoamos madeira seca nas fogueiras, derramamos uma gota de óleo para ajudar a queimar e corremos para as árvores. Estas estúpidas pensaram que tinham acertado em cheio.

Avançaram com o carro, sobrevoaram o campo e fizeram-no arder. E depois, depois cometeram o erro dos erros. aterrissaram e saíram. Pareceu haver qualquer tipo de discussão. Esta... - desafiador, relanceou o olhar para Rura -... atirou a espingarda para o chão. Depois, *laird*, caímo-lhes em cima. Só havia três cabras. Às duas com armas mandamo-las para melhor. Mas esta... esta parecia uma estátua. Nem se importava com nada. E assim deixamo-la viver. O dia estava acabrunhante e por isso sentimo-nos no direito de ter algum prazer.

- Ela deu-vos esse prazer?

- Sim, *laird*, isso ela fez!

- Eles violaram-me! - disse Rura sem emoção. - Os teus valentes correligionários atiraram-me para a relva, rasgaram-me as roupas e tiveram o seu divertimento. Tinham-me dito como eram os homens, tinham-me dito que eles eram porcos. Agora eu sei.

Diarmid MacDiarmid ignorou-a.

- Jethro, ela tentou em algum momento matar qualquer um de vocês?

Jethro riu.

- A moça estava estupidificada. Estupidificada para além de toda a compreensão. Rígida como uma pedra. Não tentou matar ninguém. Disse que queria morrer. E teve graça a ideia. Foi realmente divertido!

Rura olhou para Diarmid MacDiarmid.

- Como está o teu ombro? Curou-se já?

- Está a curar-se... Mas há feridas que não saram!

Friamente, Rura ripostou:

- Tenho os meus próprios mortos para chorar. Se te tivesse destruído quando tive oportunidade, hoje teria menos mortos a lamentar.

- A sentença, *laird*! - berrou alguém. - Façamos o julgamento!

- Que ela faça amor com um punhal escocês!

- Deitem-na aos homens!

- Não! Deem-na às mulheres!

Houve gargalhadas estrondosas.

Diarmid estava imperturbável

- Basta - disse ele calmamente. - Querem que esta educadíssima fêmea pense que está no meio de selvagens?

Irromperam mais gargalhadas.

Diarmid olhou para Rura uma vez mais.

- Sabes o que acontece quando a tua gente faz prisioneiros?

- As exterminadoras raramente fazem prisioneiros. Somos treinadas para destruir.

- Mesmo assim, Senhora Dona Exterminadora, são feitos alguns prisioneiros. Os felizardos apenas têm de desfrutar das atenções das tuas companheiras por uns momentos. Depois são castrados e mortos. Os que não têm essa sorte vão logo para os campos de morte. As nossas mulheres, se são bonitas, são enviadas para os bordéis. Se a sorte e a beleza não as favoreceram, são usadas como máquinas reprodutoras. As nossas crianças são simplesmente usadas como alvos de treino.

- Mentos!

- Faço muitas coisas, mas raramente minto. A menos que tenha de o fazer. Aqui eu não tenho de mentir. Sou o senhor!

- Julga-a! A cabra tem de ser destruída. É só uma questão de se decidir como vai ela morrer!

- Ou viver! - disse Diarmid. - A sentença é minha! Ele olhou para os homens de pé, atrás de Rura.

- Por razões que não vou discutir ou esmiuçar, vocês, meus amigos e companheiros, adquiriram confiança em mim. Mais: vocês escolheram-me para vos conduzir na nossa incessante luta contra a perversa sociedade de mulheres. Por isso, ouçam o que eu tenho a dizer. Esta criatura, Rura Alexandra, exterminadora do Regimento de Fronteira, é nossa prisioneira. Até agora, ninguém aqui presente a viu matar. Ninguém a viu tentar matar. E eu vi-a recusar-se a matar. Como sabem, perdi recentemente a minha mulher e o meu filho. Esta exterminadora estava presente. Ela não teve qualquer participação nas suas mortes. Podia ter-me morto, mas não o fez. Por tudo isso, é minha sentença que ela viva. E mais: uma vez que me encontro sem mulher, ela será a minha esposa. E uma vez que não tenho filhos, ela carregará um filho meu. Assim será restaurado aquilo que se perdeu. Esta é a minha sentença e vontade. Algum dos presentes quer contestar a minha decisão?

Por um ou dois momentos houve um silêncio elétrico, que terminou no momento exato em que um punhal voou pelo ar e penetrou na madeira do assento de onde MacDiarmid presidia. O punhal atingiu as costas da cadeira a poucos centímetros da cabeça de Diarmid.

- *Laird*, eu desafio!

O homem que tinha lançado o punhal avançou. Era um homem pesado e musculoso, vestido quase só de peles.

- Ah, tu, Douglas! - disse Diarmid. - Há muito que lutas pela chefia, não é verdade?

- Sim, *laird*. Acho que tenho mais capacidades do que tu para o trabalho que temos em mãos.

- E esta é a tua oportunidade?!

- Esta é a minha oportunidade!

Diarmid MacDiarmid ergueu-se.

- A minha sentença foi desafiada! A questão será decidida pelo combate corpo a corpo, aqui e agora.

- *Laird*, sejamos sensatos! - disse Douglas. - Ordena a morte dessa cabra e descansa um pouco. Não posso lutar com um homem que ainda se está a se recompor de ferimentos.

- O punhal foi o teu mensageiro. - disse Diarmid. - Eu declarei a minha parcialidade. A cabra será minha mulher. Lutaremos perante a nossa gente e a chefia será decidida.

- Não! - disse Rura. - Matem-me já e evitem que se derrame mais sangue.

- Cala-te, mulher! Tu falas demais! - disse Diarmid MacDiarmid.

- *Laird*, eu não vou lutar agora! - disse Douglas. - A vitória seria uma vergonha que eu não poderia suportar. - Retiras o desafio?

- Não!

- Lamento. Lamento verdadeiramente. Então vamos ter de lutar.

Houve uns poucos segundos de vozeria.

- Retira-te, Douglas!

- Dá-lhe a morte que ela merece, *laird*!

- Mata essa cabra dos infernos!

- Ela divide-nos!

- Silêncio! - Mais uma vez, a voz de Diarmid MacDiarmid, sem ser alta, foi eficaz. - A chefia foi desafiada. Não me recuso ao desafio. Não retiro a sentença. Se eu morrer, a cabra morre. É quanto basta. Se Douglas triunfar, confio na vossa lealdade para com ele.

O robusto homem que tinha lançado o desafio não parecia muito satisfeito com o

rumo que as coisas levavam.

- Conservemos a mulher por agora e decidamos este assunto mais tarde.

Diarmid abanou a cabeça.

- Mau raciocínio. É assim que se desenvolvem as facções. E as facções geram a -deslealdade.

- Não há necessidade de lutar! - disse Rura. - Eu...

Alguém a esbofeteou. Foi uma bofetada pesada. Ela viu as estrelas e a pele latejou-lhe como se estivesse a arder.

- Guarda silêncio, cabra! - disse Diarmid. - Entraste num mundo de homens. Tens muito que aprender.

- A arma, *laird*? - Douglas olhava ansiosamente para Diarmid.

-O punhal, homem! Que mais poderia ser? Só preciso de um braço são para o empunhar.

- Derrota ou morte?

- Até à morte, apenas! Esqueceste da questão das facções, Douglas. Os mortos não conspiram. Agora vamos até lá fora para que um de nós dois possa sentir a chuva pela última vez.

Saíram para fora da casa. A chuva era ainda densa, mas o céu começava a iluminar-se a leste. Rura foi segura por duas mulheres. As roupas delas estavam em pedaços. E os seus corpos tresandavam.

Os homens formaram um círculo no áspero solo a menos de vinte metros do mar. As ondas bramiam no cascalho da praia e o vento soprava ruidosamente. Era um dia triste para se estar vivo... ou para se morrer.

Diarmid MacDiarmid e Douglas entraram para o círculo, cada um armado com um punhal, cada um com uma manta escocesa enrolada à volta do braço livre.

- Chamo todos aqui para serem testemunhas de que a hora e o local do combate não foram de minha escolha ou agrado! - declarou Douglas.

- Chamo todos aqui para serem testemunhas de que eu declarei a minha parcialidade e ninguém se queixou. Ainda assim, a minha sentença é desafiada e eu defendo-a!

- Estás pronto, *laird*?

- Sim, Douglas, estou pronto! E a chuva que me cai sobre o rosto sabe-me bem!

Os dois homens começaram a mover-se em círculos, cautelosamente. Douglas tentou uma ou duas fintas. Diarmid foi ligeiro e não pareceu hesitar.

- Ainda há tempo, *laird*, para acabarmos este assunto amigavelmente.

- Homem, o tempo já nos fugia quando tu atiraste o punhal. Como é que tu sentes a chuva, Douglas? Sabe-te bem?

Subitamente, Douglas investiu. O braço que sustinha a manta reforçou o golpe. Quando ele retirou o punhal, havia sangue na sua lâmina.

- Um toque! Um toque! - gritaram os assistentes.

Rura quis vomitar. Ela estava errada, e todas as outras tinham tido razão. Os homens eram verdadeiros destruidores. Sem ninguém mais para destruir, matavam-se uns aos outros. Obrigou-se a encarar Diarmid MacDiarmid. Os seus dentes estavam cerrados, os seus lábios contraídos numa horrível careta. Ele era um animal.

- Foi de fato um toque! - disse Diarmid. - O primeiro golpe foi de Douglas! O último... quem sabe?

Ele não se lançou ao ataque. Esperou.

Douglas pressentiu uma vitória fácil e rápida. Investiu de novo. Diarmid saltou para o lado, mas lentamente. O punhal rasgara-lhe a camisa.

Douglas estava agora confiante. O seu adversário era demasiado lento. O toque

inicial tinha-lhe tirado a fibra, a energia. Era a altura para uma vitória rápida. Ele investiria de novo e o *laird* pararia o golpe ou saltaria para o lado. E depois ele, Douglas, rodopiaria sobre si e o punhal já estaria enterrado no coração do *laird*.

Investiu, esperando o golpe de parada.

Diarmid MacDiarmid não fez a parada. Saltou no ar, bem alto. O punhal encontrou a sua perna. Mas, enquanto descia do seu salto, o corpo pareceu distender-se, o braço pareceu alongar-se e o seu punhal cravou-se, inteiro, no pescoço de Douglas.

O robusto homem balançou-se loucamente, os braços caíram-lhe ao lado do corpo. O punhal escapou-se-lhe dos dedos. O sangue escorria-lhe dos lábios.

- Mais um por MacDiarmid... - murmurou ele. - A chuva... - Depois tombou.

Diarmid manteve-se de pé por um momento, respirando pesadamente. Depois olhou para Rura.

- Cabra dos infernos, agora és verdadeiramente minha mulher. Sara a minha ferida.

CAPÍTULO XIV

Mesmo nos seus dias mais prósperos, na parte final do século XX, o minúsculo porto de mar de Tobermory nunca tinha ultrapassado os mil habitantes. As suas casas de pedra tinham juntado o mar à terra erna, confundindo-os como se procurassem conforto ora num, ora na outra, para as eternas fúrias do vento e do mar. Hoje em dia a população consistia apenas de umas poucas dúzias de homens, mulheres e crianças. Não ficariam ali por muito tempo. Não ficavam muito tempo em lugar nenhum porque, se ficassem, as exterminadoras acabariam por os encontrar. E logo a seguir o ar ficaria escuro com os helicópteros e haveria carros flutuadores fazendo corridas em Sound of Mull - carros flutuadores cheios de dedicadas mulheres de negro, cujo objetivo era trazer a morte pelo fogo.

Diarmid MacDiarmid, como convinha à sua posição, ocupava a melhor das casas. Pelo menos era à prova do clima. Miraculosamente, ainda havia vidros em duas das janelas. As outras três estavam tapadas com madeira.

Depois do seu duelo com Douglas, Diarmid - todo manchado de sangue, horrível de se ver - tinha perguntado de novo se alguém entre os presentes queria contestar a sentença. Tinha um aspecto formidável, com o vento fustigando-lhe o cabelo e as barbas, com a camisa esfrangalhada e o sangue gotejando do braço ferido. Reinava o silêncio no grupo de pessoas que tinham testemunhado o combate. Ninguém de entre os presentes tinha pensado que ele poderia sobreviver. Na verdade, o homem tinha algo de sobre-humano. Alguns podiam desaprovar os seus métodos mas, mesmo assim, tinham orgulho nele. Orgulhavam-se de que o *laird* fosse um homem de resistência para além do comum.

Douglas foi despojado das suas roupas e armas - umas e outras eram preciosas - e Diarmid supervisionou a partilha. Depois, o corpo nu foi atirado ao enfurecido mar para desaparecer na célere maré baixa.

Contente com o fato de a questão se ter solucionado sensivelmente de acordo com os costumes, Diarmid voltou-se para Rura.

- Leva-me para casa, cabra. São só uns poucos passos. Tenho lá uísque e ligaduras e estou precisando de ambas as coisas.

Ele pôs o braço à volta do ombro dela e apoiou-se pesadamente.

Rura nada disse Seguiu as suas instruções e levou-o até à casa do *laird*. Quando a porta se fechou atrás deles, Diarmid soltou um profundo suspiro e caiu numa cadeira de madeira.

- Trata primeiro do uísque. Há um armário na cozinha. E eternas graças sejam dadas: lá tem uma garrafa de meio litro quase cheia. Traz dois copos. Se foste tão violentada como dizes, creio que te podes afundar num copo ou dois, também!

- Estás ferido - disse Rura. - Que é que me impede de te matar?

Ele riu.

- Muito pouco! Traz o uísque! Podes matar-me quando eu estiver bêbedo.

Rura encontrou o uísque e os copos. Quando voltou, Diarmid tremia.

- Tenho frio! Há lenha para a fogueira. Faz uma das grandes. A ocasião merece-o. Duvido que as tuas camaradas venham agora à procura de fumo. E, se vierem, quero lá saber! Estou cansado!

Rura acendeu a fogueira enquanto Diarmid servia as bebidas. Ele bebeu um pouco, deu um suspiro de contentamento e serviu-se de mais.

- Foi mau, Rura Alexandra?

- Que é que foi mau?

- O encontro em Loch Lomond...

- Bastante. Teria preferido morrer.

Ele riu de novo.

- Antes a morte que a desonra. Uma atitude muito correta... Poupa-me os pormenores. Não quero saber quantos homens tiveram a minha mulher antes de eu a possuir.

- Eu não sou a tua mulher!

- Bebe um pouco de uísque, Rura Alexandra. Tu és minha mulher. Hoje lutei por ti e matei por ti. Não podíamos dar-nos ao luxo de perder o Douglas. Mas eu lutei e matei. Tu és a minha mulher.

- Eu matar-te-ei!

- Provavelmente. Mas agora és minha mulher. Bebe.

Ela bebeu. O uísque tinha um travo horrível mas soube-lhe maravilhosamente.

- A vida - disse Diarmid servindo-se de mais uísque - está cheia de surpresas. Tu estavas presente quando a minha mulher e o meu filho morreram. Lembras-te?

- Lembro-me.

- Eu odiei-te naquela altura.

- Eu odeio-te agora.

- Temos de ver isso! - gemeu. - Raios partam este maldito braço. Ultimamente tem sofrido castigos de mais.

Ele tentou erguê-lo mas não foi capaz. O sangue escorreu para o chão, no espaço deixado livre pelas suas pernas.

- Limpo-te o braço e ligo-o?

- Ainda não. Bebe mais uísque e decide se me vais matar ou não.

Obedientemente, Rura bebeu. Sentia-se bem com a presença do uísque e da fogueira que começava a arder, mas estava ainda medonhamente gelada.

- Como é que vocês procedem normalmente com as mulheres que fazem prisioneiras? - perguntou ela com pouca firmeza.

- Ah, bom! Essa é uma dupla questão, sabes? Normalmente dividimo-las em duas classes: mulheres e exterminadoras.

- Não consideram as exterminadoras como mulheres?

- Não explicitamente. Qual a mulher que no seu perfeito juízo se dedicaria a matar homens?

Ela suspirou.

- Evitas -a resposta! _

- Não, não a evito! Temos falta de mulheres. Temos sempre falta de mulheres. Fazemos incursões em busca delas. A maior parte das vezes conseguimos ver-nos livres bastante rapidamente desse disparate de homossexualidade que lhes foi ensinado. A vossa sociedade faz-lhes lavagens ao cérebro convencendo-as a acreditar que o amor lésbico é o melhor, mas os corpos delas sentem de modo muito diferente. E os corpos aprendem muito rapidamente.

Rura estremeceu.

- Isso também é lavagem ao cérebro!

Diarmid riu. .

- Não ao cérebro. Aos seios e à vagina. O cérebro foi uma conquista muito tardia no processo evolucionário. Emprenhe-se uma mulher, Rura Alexandra, e ela sofrerá uma significativa mudança. O cérebro conta muito menos que o ventre. As tuas exterminadoras podem queimar homens. Mas não podem queimar as reações biológicas. Dá-me mais uísque. Não gostarias de me assassinar enquanto eu estiver sóbrio, não é?

Ela voltou a encher o copo dele e o seu também.

- E quanto às exterminadoras?

- Saúde! Exterminadoras! Bom, elas realmente não são mulheres e não deixam de ser mulheres na realidade. - Ele riu amargamente. - Tornamo-nos num povo cruel, Rura Alexandra. Vimos já muitas mortes. As exterminadoras retiram a sua força de uma filosofia de destruição. Se as apanharmos vivas, o que não é frequente, concedemos-lhes, normalmente, o seu último desejo... depois de os homens se terem divertido.

Rura atirou o seu copo ao chão.

- Porcos! Selvagens! Sádicos!

Ele sorriu.

- E homens também... Diz-me! A tua defunta amiga não gostou, por acaso, de matar o meu filho? Interessa-me o assunto. Responde-me!

- Isso foi... isso foi diferente.

- Sim?! - De novo Diarmid riu. - Tens muito que aprender. Eu ensinar-te-ei. Ensinar-te-ei nas urzes, nas urzes e na cama. Aprenderás o que é ser mulher. Quem sabe - talvez até me venhas a dar um filho.

- Porco! Nunca irei para a cama contigo por minha livre vontade!

- Então irás à força! Ou matar-me-ás! - Ele tirou o punhal e atirou-lho aos pés. - Estás treinada, tens uma arma. Eu estou ferido e sem armas. É agora a tua oportunidade. É agora! É enquanto o uísque faz de nós loucos que tens a tua oportunidade.

Rura olhou para o punhal. Agarrou nele. Tinha ainda manchas de sangue. Sangue de Douglas.

- Dá-me outra bebida! - disse ele tranquilamente. - Estou cansado, mas cair no esquecimento da morte é sempre uma coisa difícil de enfrentar.

Ela serviu a bebida e estendeu-lha. Sem se desfazer do punhal.

- Saúde, Rura Alexandra. Não sou mais do que um imundo animal e matei por tua causa. Talvez isso tivesse sido um erro que tu estás prestes a rectificar.

Ele largou o copo e olhou-a fixamente. Num desespero, Rura investiu com o punhal. Quase negligentemente, ele afastou o braço dela. O punhal rolou para o chão. Rura caiu de encontro a ele na cadeira.

- Amo-te! - disse ela, sem saber o que estava a dizer. - Amo--te! - A sua cabeça descansava no peito dele. Sentiu-se cansada, imensamente cansada. Podia sentir o odor do suor, do sangue e das roupas ressuando chuva.

Ele acariciou-lhe o cabelo.

- As pessoas - disse - são as coisas mais curiosas que já se viram. Acho que precisamos um do outro, eu e tu. E esta é a mais triste piada do universo.

CAPÍTULO XV

Os acontecimentos do dia tinham-se acumulado em Rura até que ficara demasiado exausta, demasiado traumatizada para pensar coerentemente. De qualquer modo, conseguiu limpar a ferida de Diarmid e ligá-la. Ele teve de lhe ir dizendo exatamente o que era necessário fazer; e ela obedeceu às suas instruções mecanicamente, como um automato. A ferida não era grave. O punhal tinha rasgado a carne, mas o músculo não parecia ter sido seriamente afetado. Diarmid fê-la coser os bordos da ferida com agulha e linha enquanto bebia o que sobrara do uísque. Veio a noite e com ela a chuva mais pesada. O vento e a chuva açoitavam as paredes da vivenda, mas o fogo na lareira ardia firme e brilhante e restava ainda uma abundante quantidade de madeira. Na cozinha, Rura encontrou um cesto de aveia, algum leite condensado e carne de veado. Diarmid mostrou-lhe como se devia diluir o leite até à exata proporção, ensinou-a a cozer os flocos de aveia e fazendo uma papa suficientemente boa para ser comida. Depois, disse-lhe como se improvisava um assado de veado na fogueira.

Ela não sentia fome e achou a comida intragável. Mas, de um modo ou de outro, forçou-se a engoli-la, sentindo as necessidades do seu corpo.

Diarmid observava-a divertido.

- Comida quente. Isto é um luxo na nossa vida. Espera até termos de viver nas urzes durante dias, sem fogueiras para cozinhar. Ficarás surpreendida com o que és capaz de comer em situações dessas!

- Acho que estou incapaz de me surpreender com o que quer que seja - disse ela tristemente. - Sou uma traidora e muito provavelmente sou louca. Devia ter-me servido do punhal em ti e logo a seguir em mim própria.

Diarmid roía o seu pedaço de veado. Devorava avidamente como um lobo. E, no entanto, havia uma dignidade peculiar nos seus movimentos.

- Que vantagens teria isso trazido?

- Teria resolvido dois problemas, os nossos problemas.

- Certo! - anuiu ele. - Ter-nos-ia posto fora do alcance de qualquer problema. Mas já o podias ter feito naquele dia, na encosta do monte, e não o fizeste. A força da vida arde em ti, Rura, tal como arde em mim. Somos ambos filhos das trevas noturnas, desejosos de ter perante si o nascer do Sol.

- E chegará a haver algum dia um nascer do Sol?

- Provavelmente não.

- Então para quê continuar a lutar? Porque defender esta causa sem esperança?

- Porque eu sou um homem. Não estou para ser declarado obsoleto por um montão de homossexuais de peito chato que pensam que uma droga é o substituto da vida natural.

- Eu amei mulheres! - disse ela, e na sua voz havia algum desafio. - Amei-as e ainda as amo. Amo-as porque são gentis e graciosas. Têm uma sensibilidade, uma intui-

ção que é estranha aos homens.

- Até as exterminadoras?

- Até as exterminadoras. Eu fui uma delas. Conheço-as.

- Não, boneca, tu não foste uma exterminadora. Treinada para matar, sim. Mas sem desejo real de o fazer. A vossa exterminadora verdadeira, a vossa profissional gosta de matar. Dá-lhes força, eletriza-as. Proporciona-lhes o grande orgasmo.

- És revoltante!

- Sim, Rura, sou revoltante. Mas também sou uma autoridade no capítulo das exterminadoras. Já vi muitas em ação Podia contar-te coisas que te fariam vomitar.

- Não acreditaria nas tuas mentiras.

- Nem precisas. Muito em breve verás a verdade... Disseste que me amavas, Rura. Então, por que raio me havias tu de amar?

Ela estava confusa.

- Não sei. Eu disse isso?! Não sabia que tinha dito.

- Negas, então?

- Eu... eu... - ela começou a chorar.

- Isso mesmo, menina. As lágrimas são algo de maravilhoso para restabelecer o sistema. Deixa sair tudo. Gostaria de poder chorar agora. Gostaria realmente.

- Por que é que não me deixaste morrer?

- Bom, vejamos, Rura, essa é uma pergunta embaraçosa. Podia ter-te feito em pedaços mas não o fiz. - Diarmid passou-lhe a mão pelo cabelo. De repente, pareceu muito cansado. - Talvez porque tu tiveste o meu filho nos braços. Talvez porque o deitaste docemente ao lado da mãe. Ou talvez porque houvesse em ti um brilho... Não tem importância. Não tem realmente importância nenhuma. Precisamos um do outro, ao que parece, e isso é o suficiente... Vem, espalha alguns gravetos na fogueira e deitamo-nos juntos para tentar aquecer. Nem eu te seduzirei, nem tu te servirás do punhal em mim. Dormiremos e tentaremos esquecer o mundo que nos destrói a ambos. Achas uma troca justa?

- Sim, Diarmid, essa é uma troca justa!

Durante a noite, Diarmid gemeu e tremeu e sentiu dor no seu braço. Rura apertou-o bem a si, acalmando-o, tentando mantê-lo quente. foi uma longa noite. A chuva parou um pouco antes do raiar do dia. Depois, Diarmid mergulhou num sono tranquilo Quando acordou, parecia ter refrescado. Rura sentia-se ainda cansada. Sentia uma grande fadiga de espírito...

CAPÍTULO XVI

A manhã resplandecia no ar puro de cristal. O Sol brilhava num incomparável céu azul. Era como se o dia anterior - aquele ontem de tempestade, de trevas, de desastre e degradação - nunca pudesse ter existido.

Sob pacientes instruções, Rura tinha cozinhado presunto de salmoura e batatas para o desjejum. A refeição foi regada com água da nascente. Foi uma refeição agradável. Ajudou a combater a fadiga.

Rura inspecionou a ferida de Diarmid. Parecia ir bem. Não conseguia perceber como é que tivera coragem de juntar a carne, cosendo-a como se não passasse de um pedaço de tecido rasgado.

Mas a rigidez tinha afetado a ferida. A rigidez e a dor. Diarmid crispava-se enquanto ela gentilmente lhe banhava o braço.

- Espero que mais ninguém queira rivalizar com o Douglas. Não acho que esteja em condições de andar por aí a saltar de punhal na mão... Rura?

- Sim, Diarmid?

- Não podes continuar a vestir isso que resta do teu danado uniforme. Não é nem prático nem de boa política.

- Eu sei.

Ele respirou profundamente e tentou que a sua voz parecesse casual.

- Tenho comigo a trouxa de Flora... e de Ewan também, já que falamos nisso. Encontrarás as coisas de Flora na cozinha. Ela nunca teve muito. Nunca houve muito para ter, também. Mas pode ser que encontres lá alguma coisa que possas vestir.

- É isso que tu queres? - perguntou ela. Sentia-se paralisada. Aquele homem era insensível. Como podia ele humilhá-la daquela maneira? Como podia ele tratá-la como uma fêmea de momento, à sua disposição? Porque era um porco, eis como. Um porco sem sentimentos, sem imaginação.

Ele apercebeu-se do olhar na face dela.

- Não, garota. Não é isso que quero. Nem era isso que Flora haveria de querer, imagino eu. É muito simplesmente aquilo que é necessário!

- Pode ser necessário para ti! - disparou ela. - Mas não é necessário para mim.

- És minha mulher, agora.

- E então?

- Então, as minhas necessidades são as tuas.

- Isso é o que vamos ver.

Ele ergueu-se da cadeira e bateu-lhe. Um golpe de mão aberta. Não uma bofetada. Os dentes rangeram-lhe na cabeça, a face ficou imediatamente em fogo e ela estatelou-se.

- Rura Alexandra, vê se entendes isto. Flora foi uma grande mulher. Sofreu e suportou muito. Ela não se queixava. Carregou o filho através de todo o comprimento e

largura da Escócia, durante muitas ações Aprendeu a despir os mortos, a destruir o inimigo. Deu leite do seu peito a uma camarada que estava a morrer de fome. Finalmente, deu a sua vida pela minha. Quando te peço que uses as suas roupas, concedo-te uma grande honra. Talvez demasiado grande. Mas Flora teria compreendido, se tu não o compreendes.

Havia lágrimas nas faces dele. Lágrimas correndo como ribeiros, caindo-lhe pelo queixo. Rura esqueceu a sua dor, a sua humilhação e maravilhou-se com as lágrimas. Os porcos não sabem nem podem chorar.

- Lamento!

- Não me carregues com o fardo dos teus lamentos, garota. Eu tenho os meus próprios. Veste qualquer coisa. Não interessa como te fica. O que importa é que tu sejas vista não como uma exterminadora, mas como uma mulher livre.

- As vossas mulheres são então livres? - Ela arrependeu-se daquelas palavras no próprio momento em que as acabou de proferir. Não lamentava a questão, mas apenas a ocasião em que ela se formulara. Não se deve ferir um homem que chora, mesmo se ele nos esbofeteou primeiro.

- São livres para serem mulheres. É quanto basta.

Rura ergueu-se e recompôs-se.

- A noite passada disseste que gostarias de poder chorar.

- Parece que o meu desejo foi atendido. Satisfaz-te com o meu momento de fraqueza. Goza-o plenamente. Duvido que o voltes a ver.

- Nunca tinha visto lágrimas nos olhos de um homem - disse Rura.

- Então aprende alguma coisa com elas, cabra! Aprende alguma coisa!

Rura dirigiu-se à cozinha para abrir a trouxa de Flora MacDiarmid. Era uma pequena e triste trouxa. Um xale, dois kilts, quatro camisas rasgadas, um par de sapatos prestes a desfazerem-se, um pente de metal, um espelho, um minúsculo frasco de perfume, um broche de prata celta, um quadrado de seda e uma bolsa de couro com dois anéis de cabeio meticulosamente etiquetados.

CAPÍTULO XVII

Diarmid estivera ouvindo o rádio sintonizado no comprimento de onda do Regimento de Fronteira. Foi assim que soube que o carro flutuador de Rura não era o único a ter desaparecido. À parte as perdas conhecidas da operação do dia anterior, havia um outro carro flutuador que não conseguira regressar e não pudera sequer assinalar a sua posição. Assim, estava sendo empreendida uma busca exaustiva, uma busca que se estenderia ao longo de toda a cadeia montanhosa de Grampian. O Regimento de Fronteira estava em alerta total e seriam cobertos todos os lagos, vales e desfiladeiros. Era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada. Uma oportunidade para infligir mais danos ao Regimento Monstruoso.

Rura tinha vestido um kilt e uma camisa rasgada, o melhor que pudera encontrar. Olhou para si num espelho rachado e viu uma selvagem porca das Terras Altas. Que acontecera á esmerada exterminadora? Que acontecera à graduada com o Mamilo de Prata?

«Estou louca!», pensou ela. «Renunciei à civilização em favor da barbárie. Despossei uma causa perdida. Um dia destes, não muito longe do de hoje, vou morrer na urze. As minhas amigas, as minhas antigas camaradas, virão com a sua segurança, a sua dedicação, as suas espingardas *laser* e queimar-me-ão da face da Terra. E ainda rejubilarão com a minha destruição, com a morte de uma traidora. Por que é que sou assim? Que é que me faz atraíçoar a minha própria espécie, deitar-me com um porco, usar o uniforme da escravatura?»

Diarmid, de pé junto à porta da casa, observando-a, lia-lhe os pensamentos.

- É porque estás a descobrir que és uma mulher - disse ele. Nem mais, nem menos. As mulheres não são uma espécie, mas apenas parte de uma espécie. A guerra que as tuas amigas conduzem não é contra os homens, é contra a natureza.

Rura estava espantada.

- Como é que soubeste o que eu estava pensando?

- Pela expressão dos teus olhos. O modo como colocavas o corpo. Uma mulher não se teria apercebido, mas eu sim. Há uma sintonia perfeita entre homens e mulheres, Rura. Nunca poderá haver o mesmo tipo de sintonia entre mulheres.

- Que é que tu sabes de mulheres... mulheres verdadeiras? Apenas conheceste... - Ela parou.

- Selvagens porcas das Terras Altas?! - Ele teve um sorriso pálido. - Elas também têm seios e carne macia e formas arredondadas. Elas são magras porque muitas vezes passam fome, envelhecem rapidamente porque há por aí muito que as envelheça. Mas são mulheres, mulheres verdadeiras. Por vezes têm a sorte de conhecer alguma coisa do amor. Concebem filhos, encontram talvez uma breve realização pessoal e depois morrem. Vi-as viver, amar, conceber e morrer. Sei algo acerca das mulheres... As roupas ficam-te bem, melhor do que as do negro tecido de morte.

- Eu... - Rura vacilou. - Eu acho que ela me odeia. Eu... eu pude senti-lo quando vesti as roupas dela...

Ele abanou a cabeça.

- Tudo quanto resta de Flora está dentro de mim. Essa Flora não te odeia... apenas ao mundo que te fez. Tudo o que tens para te lembrar Flora é uma mulher angustiada com um punhal na mão. Mas eu tenho mais, muito mais... garota, isto não pode ser assim. Este gênero de conversa é para quando as noites são longas e a chuva se abate sobre nós e há uma fogueira que nos facilita o adormecer. Mas agora temos à nossa frente uma manhã brilhante, o Regimento de Fronteira anda para o Norte e há muito que fazer.

- Que queres dizer com isso?

- Estive ouvindo a vossa emissora. O teu não foi o único carro flutuador a ter desaparecido. Talvez fosse o meu povo a tê-la apreendido. Talvez não fosse. De qualquer forma, as guardadoras estão aproximando-se do Norte e nós temos de fazer o melhor que pudermos para lhes dar as boas-vindas. Temos o teu carro e temos algo melhor que as bestas. Vamos tentar que o teu povo entenda que lhe podem sair caras as aventuras nas Terras Altas.

- Vão precisar de um piloto. Têm um piloto bom?

- Sim, Rura, temos. Temos-te a ti.

Ela olhou fixamente para ele, incrédula.

- Estás à espera que eu vá pilotar o carro para vocês poderem destruir mais camaradas minhas?

- Exatamente isso!

- Não o farei!

- És minha mulher. Eu lutei por ti. Tu amas-me. Vais fazê-la.

- Não o farei!

Diarmid suspirou.

- Então, Douglas morreu por nada. Vamos ver se nos entendemos. Rura, eu lutei e matei por ti. Tens de te ajustar à nossa primitiva psicologia. Tu és minha mulher. Eu sou o *laird* de um clã. Se te recusares fazendo isto, não te matarei. Entregar-re-ei ao clã. O que eles farão de ti é coisa que não me importa grandemente, embora já o tenha visto antes... Tu dirás que eles são animais e eles o são. Somos todos animais. Os animais têm o direito de sobreviver, se puderem. Tu és um elo, um elo bastante forte no momento, na sua cadeia de sobrevivência. Assim, tu pilotarás o carro flutuador, ou muito em breve estarás a desejar que Douglas tivesse vencido e te tivesse sido concedida uma morte rápida.

- Não sentes nada por mim? - gritou ela. - Não te importas com o que possa me acontecer?

- Importo-me! - disse ele. - Importo-me muito. Mas é meu dever servir o meu povo, zelar pelos seus interesses, tão bem quanto puder e for capaz. Não há regras na guerra. A cavalaria pertence a uma época em que a raça humana não estava em perigo.

- Eu disse que te amava? - disse ela, já gritando. - É mentira. É uma maldita mentira. Menti a mim própria. Não há ninguém para amar, nada porque continuar a viver.

Diarmid riu amargamente.

- Vivemos para suportar a dor ou vivemos para a evitar. No teu caso, estás agora tentando viver para a evitar. Vais pilotar o carro flutuador.

- Muito em breve - disse ela calmamente - matar-te-ei e depois matarei a mim própria.

- É muito provável. Foi um pensamento que me ocorreu quando te vi em Mull.

Será de pouca consequência. Mas, enquanto isso, vais levar alguns de nós de volta ao Loch Lomond e vamos tentar repetir a cena.

CAPÍTULO XVIII

Na véspera, o Loch Lomond tinha sido um local escuro, hostil e turbulento. Hoje, era um lago de grande beleza, de calmas águas azuis sob um calmo céu azul, ilhas que pareciam ter sido pintadas no cenário por um romântico do século XIX, montanhas vestidas nos matizes ricos e subtis do Verão.

Na véspera, o Loch Lomond tinha presenciado morte e selvajaria, a degradação do espírito humano. Seria possível que o fosse presenciar, de novo, hoje? Seria sempre assim até que o último homem estivesse morto?

Rura estava cansada, desesperadamente cansada. Não era só uma fadiga do corpo, mas uma fadiga que penetrava todo o seu ser. Não lhe restava qualquer traço de força de vontade, qualquer resistência, nada. Era como se ela fosse um automato. Como se Diarmid - não, não apenas Diarmid, mas tudo o que acontecera desde o Dia da Exterminação -, a tivesse afundado, tomado o controle dela, transformando-a numa criatura sem convicções, sem objetivo e sem autonomia.

Ela tinha trazido o carro flutuador de volta ao calcinado campo de morte. Ela tinha trazido o carro flutuador com Diarmid e dois dos seus homens mais hábeis, armados com espingardas *laser* e granadas. Quis vomitar. Ia repetir-se tudo de novo. Ela sabia o que ia contecendo. Era o encontro do ódio com o ódio; a horrível e insensata aniquilação pelo fogo.

A erva queimada, as cinzas das tendas não tinham sido perturbadas. Mirage e Robin continuavam na mesma posição em que tinham caído. Mirage, de cara no chão, a cabeça semi-queimada; Robin, de costas, uma seta entre os seios, outra seta no estômago e moscas passeando sobre os seus olhos vazados. Era obsceno. Será que a morte tinha de ser sempre obscena? Talvez sim. Talvez que o seja sempre que se trate de morte pela violência ou morte pelo ódio.

Rura saiu do carro flutuador, cometeu o erro de ir até bem perto das suas companheiras da véspera e sentiu uma violenta náusea.

«Perdoem-me», suplicou ela em silêncio, enquanto tentava dominar os vômitos, enquanto o seu corpo se convulsionava, enquanto as lágrimas rolando-lhe pela face se misturavam ao vômito «Perdoem-me, Mirage, Robin, como eu vos perdoo. Somos todos apanhados na medonha máquina da destruição. Não fazemos guerra contra os homens, nem eles contra nós. Todos fazemos guerra contra nós próprios. É para isso que estamos a caminhar para o suicídio racial. Eis o valor dos nossos lindos ideais. Está um dia lindo, embora vocês não o saibam. Está um dia lindo e vocês estão aí deitadas, horivelmente mortas e há mais morte para vir. Perdoem-me. Eu juntar-me-ei a vocês. Se não for hoje, será algum dia, muito em breve. Mas o Sol continuará a brilhar, os pássaros cantarão ainda e talvez, no fim, a Terra fique de novo limpa e pura. Perdoem-me. Todos somos culpados, mas as nossas culpas são diferentes.»

À luz do dia elevava-se vapor do seu vômito. Não havia sequer qualquer dignidade

no sofrimento.

Diarmid ignorou-a. Estava atarefado, conferenciando com os seus companheiros. O carro flutuador devia ser deixado à vista, no campo. Rura seria uma armadilha, o bode expiatório. Despiram o corpo de Mirage, um corpo pálido e delgado. Depois atiraram a túnica por cima da cabeça de Rura. Diarmid ajudou-a a vestir as mangas. Ela deixou-se subjugar, flexível como uma boneca, de olhos sem ver, face sem expressão. Eles ataram-lhe as mãos e ligaram-lhe as pernas. Ela sentou-se na erva perto do carro flutuador.

Diarmid veio sentar-se perto dela.

- Eu confio em ti - disse ele. - Mas eles não... Eu preciso da confiança deles.

- Por causa disto - disse Rura sem olhar para ele -, odiar-te-ei para sempre.

O gosto do vômito perdurava ainda na sua boca, um travo azedo. e amargo.

Diarmid suspirou.

- Amor e ódio. Cada um engendra o seu gênero próprio de violência, o seu gênero próprio de miséria... Queres um pouco de água?

Ela queria, mas disse:

- Não quero nada... Não já chega me degradares? Por, que é que me fazes representar o papel de traidora ainda mais uma vez?

- Já não és uma exterminadora, Rura. Por isso já não as podes trair.

- Belo rasgo de lógica! Vai ajudar-me dormindo em paz.

- Reza por milagres! - disse Diarmid. - Ou o que resta da Humanidade dormirá em paz muito brevemente... Sabes o que eu desejo acima de tudo? Quero uma coisa bem simples. Quero um mundo onde homens e mulheres possam olhar uns para os outros em liberdade e em felicidade, onde eles se possam enriquecer mutuamente, onde cada um possa oferecer ao outro algo de belo. Sou louco.

- Sim, és louco... Gostaria de beber um pouco de água.

Ele levantou-se, foi até ao carro flutuador e trouxe-lhe uma velha garrafa de vidro - velha, porque o vidro estava arranhado, tornando-o grosseiramente opaco como se a sua superfície tivesse sido açoitada pela areia. - Ela bebeu da garrafa, avidamente. A água estava tépida, mas tinha um sabor doce. Maravilhosamente doce.

- Esta garrafa - disse Diarmid - é como um talismã. Encontrei-a um dia, há muitos anos, à beira-mar. Estava pensando em matar-me. Pensava em fazer-me ao mar e nadar para oeste, até já não ser capaz de nadar mais. Depois vi a garrafa, trazida pela maré. Tinha uma rolha, um pedaço de cortiça. A garrafa balançava nas ondas, para cá e para lá, até que finalmente foi arremessada à praia, quase aos meus pés. Havia algo dentro dela. Tirei a rolha e esquadrinhei o interior da garrafa com um delgado pedaço de madeira. Isto foi o que encontrei. - Ele tirou um papel dobrado do bolso e estendeu-lho. Lê!

O papel estava velho, teso e manchado. Rura segurou-o entre as mãos ligadas. Sentiu-o como se ele se fosse desfazer ao seu toque, mas conseguiu desdobrá-lo.

- «A ti» - leu ela -, «estranho e amigo que eu nunca conhecerei, lego este indigno pensamento de um indigno espírito. Viemos todos das trevas e a elas teremos todos de regressar. Enquanto há luz, ama alguém, acredita em alguém, tenta alcançar algo. Os homens e as mulheres são criaturas transientes, mas o gênero humano persiste. A flor, o fruto e a semente são um só. Acaricia a flor, colhe o fruto e espalha a semente. Estranho, nada mais tenho a dizer-te - excepto que és minha irmã, meu irmão e meu amigo.»

Diarmid pegou no papel, dobrou-o com extremo cuidado e guardou-o.

- Não há assinatura - disse ele. - Quem foi ele, ou ela? Que acontecera? Não importa... Hoje, com um pouco de sorte, Rura, destruiremos algumas das nossas irmãs. Fi-

carei satisfeito por enfraquecer o inimigo, triste por matar pessoas. Não tem importância. Tudo o que importa é que o gênero humano persistirá.

Um dos homens de Diarmid estava sentado dentro do carro flutuador. A escotilha estava aberta e Rura podia ouvir uma voz estranha, de timbre muito alto. -

- Que é que ele está fazendo?

Diarmid esboçou um sorriso invernoso.

- Fergus é um grande imitador de fêmeas. Está transmitindo um apelo de angústia. Não me parece que tenhamos de esperar muito.

CAPÍTULO XIX

Elas vinham a subir o lago a alta velocidade - duas baratas metálicas polidas, correndo para a destruição. Vinha um helicóptero detector com elas. O helicóptero circulou ociosamente, talvez a uma altitude de quinhentos metros.

Diarmid estava agachado no carro flutuador. Os dois outros tinham-se escondido e jaziam esparramados nas cinzas do acampamento, razoavelmente camuflados de porcos mortos. Mas eram porcos capazes de uma instantânea e devastadora ressurreição com espingardas *laser* e granadas.

Não corria qualquer brisa; e o ar cheirava já a morte iminente. Rura tinha apenas segundos para tentar fazer alguma coisa. Mas que podia ela fazer? As suas mãos estavam ligadas, as suas pernas atadas, não tinha arma e Diarmid estava entre ela e o rádio. Só havia uma coisa a fazer. Correr até à borda de água, gesticular, tentar avisar os carros flutuadores para se afastarem. Diarmid precisava do elemento surpresa. Se ele ou os seus homens a matassem, os carros ou o helicóptero poderiam vê-lo. Se eles não a matassem, havia ainda uma oportunidade.

Mas se ela conseguisse avisar os carros flutuadores, isso seria provavelmente o fim de Diarmid MacDiarmid. Se a Deusa quisesse, seria também o fim de Rura Alexandra. A vida nada valia quando as únicas possibilidades eram matar, ser morta ou trair.

Rura começou a correr. Estupidamente esqueceu-se da curta corda à roda dos tornozelos. Caiu. Sem saber muito bem como, conseguiu levantar-se e começou a arrastar-se até aos limites do lago, nos minúsculos e grotescos passos que a corda permitia. Acenou com as mãos atadas, esperando que os carros flutuadores interpretassem corretamente o seu gesto, esperando que vissem que ela estava tão presa que mal se podia mexer.

«A qualquer momento, agora», pensou ela, «a minha cabeça vai ser queimada. A qualquer momento, agora, passará a haver uma paz eterna. Mas talvez Diarmid tivesse planejado isto assim. Talvez ele pensasse que isso distrairia a atenção da armadilha.»

Já não foi capaz de continuar a pensar. Não podia pensar. Voltou a cair, voltou a levantar-se, acenou, tentou correr e caiu de novo.

Ficou no solo, sem fôlego, observando os carros flutuadores que executavam uma curva cheia de estilo, deslizando sobre o lago, sobre o acampamento queimado. O tempo parecia ter abrandado a sua marcha, quase até parar de todo. O helicóptero suspenso no céu parecia uma gigantesca ave de rapina. Os carros flutuadores tocaram o solo a poucos metros de distância dela, lançando cá para fora as figuras negras das exterminadoras de fronteira.

- Recuem! - gritou Rura - Recuem! Saíam daqui para fora! O barulho do helicóptero e os motores dos carros flutuadores, desacelerando, engoliram a sua voz.

E depois, tudo se transformou num filme sincopado em cenas, numa série de foto-

grafias, cada instantâneo tirado, revelado, destruído, segundo a segundo.

Havia uma moça loura, com um lindo cabelo louro. A primeira a sair do primeiro carro flutuador. Uma moça ávida, balançando a sua espingarda, inspecionando o campo, registrando tudo. Instantâneo um. Depois as outras saltaram para fora, logo a seguir a ela. Instantâneo dois. Depois saíram as do segundo carro. Instantâneo três.

- Recuem! Recuem!

Era tarde demais.

O cabelo louro incendiou-se, a face escureceu e exalou vapor.

Um grito de angústia foi queimado numa garganta já morta. Caíam as guardadoras de fronteira, cortadas, queimadas, contorcidas. O pesadelo da destruição revelava-se. Um carro flutuador explodiu. O helicóptero registava tudo, filmava lá do alto, flutuando, esperando, observando.

O ar ficou sufocante com o odor a carne queimada. Rura sentiu de novo ânsias de vomitar, mas não havia tempo para luxúrias. Pôs-se de pé e tentou dar sinal ao helicóptero detector.

Foi recompensada com um disparo de laser. A terra perto dela ficou luminosa, expedindo centelhas de chama e fumo para o límpido céu. Ela caiu, tossindo, enjoada.

Um dos homens de Diarmid ergueu-se e tentou atingir o detector.

Foi instantânea e incandescentemente enviado para a Terra de Omissão. O outro teve mais sorte. Conseguiu disparar antes de, ele também, ser atingido com o feixe. Havia um som diferente vindo do motor do helicóptero. Antes tinha zumbido monotonicamente. Agora pulsava. O helicóptero ganhou um pouco de altura e tentou sair dali. Diarmid saiu do carro com a sua espingarda *laser* em riste. Friamente, assestou a mira no helicóptero, que explodiu e caiu como uma pedra no lago. O último instantâneo registrado foi uma grande pancada na água, salpicando tudo. Glóbulos de água na luz do sol. Rura desmaiou.

Sentiu frescura no seu rosto. umidade. Água. A água da vida. Quis sentir-se desiludida por dar consigo ainda viva. Mas estava satisfeita. Satisfeita e envergonhada. Abriu os olhos.

Diarmid tinha-a levado até à borda de água e banhava-lhe a fronte. Ela sentou-se demasiado depressa. O mundo começou a girar. Ela caiu para trás, fixando os olhos numa nuvem escura. Não, não era uma nuvem escura. Era a face de Diarmid de encontro ao céu.

Ela viu de novo aquele filme sincopado. Cabelo louro em chamas. Corpos caindo, calcinados.

- Assassino! Maldito assassino!

- É uma palavra tão boa como qualquer outra - disse ele suavemente. - Matar é assassinar, destruir o milagre único que é um ser vivente. Eu só assassino aquelas que estão tentando assassinar uma espécie. Qual é então o maior crime?

Rura descobriu que estava de mãos e pés livres. A espingarda de Diarmid estava ali perto - suficientemente perto, talvez, para dela se apoderar.

Ele leu-lhe os pensamentos.

- Vais ter muitas oportunidades de me matar. És a minha mulher. Não posso estar sempre a vigiar-te. Não posso estar acordado sempre que tu estás acordada... Sabes que é que eu vou fazer agora? Vou tomar banho no lago. É uma coisa estúpida porque o helicóptero teve tempo de avisar pela rádio antes de eu o abater. É uma coisa estúpida porque tu estás aqui e este local está pejado de armas... Rura Alexandra, tu vacilaste, vacilaste e vacilaste. Destróis a ti própria com a indecisão. Decide-te, criança. Mas deixa-me nadar primeiro. A chuva fez-me bem quando tive de matar Douglas. As águas do Loch Lomond far-me-ão bem, quer eu em seguida viva ou morra.

Ele começou a despir-se. Ela observava-o. Enquanto ele tirava as suas calças axadrezadas, ela precipitou-se para a espingarda.

Rura pôs-se de pé.

- Assassino!

- Tal e qual! Eu sou um assassino. Será permitido ao assassino nadar antes de ser executado?

De pé, à luz do Sol ele encarava-a. Ela olhou para as formas do seu corpo, para a pujança daqueles ombros morenos, para as cicatrizes ainda não curadas, para o golpe na sua perna, para os pontos no seu braço - pontos que ela tinha feito. E para as estranhas coisas masculinas penduradas entre as suas pernas.

- Assassino!

- Então, Rura? Vais-te tornar também numa assassina? As guardadoras de fronteira não vão levar muito tempo a chegar. O meu corpo morto será um certificado de lealdade. Mas deixa-me nadar primeiro.

Ele voltou-se de costas para ela e caminhou para a água.

Ela tentou fazer que o seu dedo apertasse o gatilho. Não conseguiu. Praguejou e chorou. Depois arremessou a espingarda ao chão e começou a arrancar de si as roupas. Recusava-se a pensar mais. Tinha passado o tempo todo pensando.

Nua, seguiu Diarmid em direção ao Loch Lomond. A água cortou-lhe a respiração. Estava fria, Mais fria do que tinha imaginado. Exultou com a frescura, avançando para águas mais profundas, seguindo Diarmid.

- Amo-te! - disse ela. A água fê-la engasgar-se e tossir. - Amo-te e não quero pensar mais. Diarmid, ajuda-me. Faz o meu cérebro parar de pensar. Impede-o de qualquer maneira.

Ele nadou em direção a ela, tocou-a, tomou-a nos braços.

- Não te posso impedir de pensar, mas posso abrir-te a porta ao sentimento.

Ele beijou-a e afundaram-se ambos. No instante seguinte, tossiam e babavam-se e regressavam à superfície das águas.

- Regressemos! - arquejou ele. - Regressemos! Agora eu sei que tu és verdadeiramente minha mulher e por isso temos ambos de viver. Saíamos os dois daqui antes que as mulheres dos infernos venham reclamar os nossos corpos.

Nadaram para terra e estenderam-se por momentos, deixando que o sol e o ar os secassem.

- Ama-me! - pediu Rura. - Quero abrir-me a um homem. Ama-me, por favor. Este lugar está tão cheio de presença da morte! Deixemos nele algumas recordações de vida.

Diarmid deitou-se sobre ela, acariciou-a e amou-a.

Não foi como a violação do dia anterior. Não foi como dormir com mulheres. Não foi igual a nada que ela já tivesse experimentado antes.

Era quente, era perturbador, era excitante, era humilhante, era orgulhoso.

Ela começou a chorar.

- Não é estranho, isto? - soluçou ela. - Deixei de sentir medo... Desapareceu a solidão, e não tenho medo.

CAPÍTULO XX

Depois tinham fugido ao vento, por sobre as águas do lago estreitando-se, a alta velocidade. Para longe do local de morte, destruição e amor.

Um dos carros flutuadores das guardas estava danificado, mas o outro não tinha sido tocado e estava quase cheio de combustível. Diarmid escolheu este último de preferência ao de Rura, que tinha naquele momento esgotado mais de metade da sua provisão de combustível.

Enquanto Rura voltava a se vestir com as desbotadas roupas de Flora MacDiarmid e fazia o melhor possível por secar o cabelo, Diarmid empreendera uma sombria ronda pelos cadáveres, recolhendo armas não danificadas e amontoando-as na traseira do carro flutuador. Finalmente destruíra o veículo de Rura e o outro danificado, com granadas. Haveria pouco para ver quando a próxima patrulha exterminadora chegasse. Talvez aceitassem de bom grado a teoria de uma mútua aniquilação. Talvez não. Tudo dependia das informações que o detector tivesse podido divulgar antes de ter estourado no céu. De qualquer modo valia a pena arriscar. Diarmid queimara dois ou três dos cadáveres, por forma a torná-los inidentificáveis. Felizmente, uma brisa ténu e levava para longe de Rura o horrível cheiro de carne queimada, erguendo-o acima das árvores, dissipando-o por entre os montes.

Diarmid tinha-a chamado depois de tudo terminado e ela tinha ido até ao carro flutuador, tentando não olhar para nada. Não queria experimentar a enjoo do conhecimento. Agora ela estava comprometida com a sobrevivência do Homem. Ou de um só homem? Não queria saber. Não queria saber realmente. À medida que os quilômetros voavam, Diarmid descontrai-se. Ele tinha esperado uma investigação rápida. Isso não acontecera. Talvez o helicóptero não tivesse tido tempo de dar informações precisas. Talvez a patrulha mais próxima estivesse longe de mais. Não importava. O que tinha importância era que ele e Rura estavam a avançar para norte, à velocidade máxima, e cada minuto que passava, sem um helicóptero no céu ou um carro flutuador no lago, aumentava as suas possibilidades de sobrevivência.

Aquilo que tinha importância para Rura, agora - não pensando na tragédia, na traição ou na morte -, era o milagre que tinha acontecido dentro dela. Era como ter saído de um longo e escuro túnel para a luz do dia. Era como neve desaparecendo num degelo. Era como ver o mar pela primeira vez.

Uma parte dela pilotava o carro flutuador, eficientemente, mecanicamente. A outra parte resplandecia. Um homem - aquele homem a seu lado - tinha apagado vinte anos de condicionamento. Ele tinha feito amor com ela e, enquanto o sêmen pulsava excruciante e maravilhosamente através da sua vagina, ela vira a expressão dos seus olhos e apercebera-se da dissolução de Rura Alexandra e Diarmid MacDiarmid. Restavam apenas o homem e a mulher. Não o homem violador e a mulher objeto sexual. Apenas homem e mulher. Natureza palpitando de alegria. Natureza, deusa das esta-

ções e das colheitas. Natureza, senhora da vida, morte e nascimento.

Rura já não acreditava na supremacia das mulheres. Nem acreditava na supremacia dos homens. Acreditava apenas na inevitabilidade da vida. A realização pessoal e natural em todos os seres viventes.

- Diarmid, para onde vamos? Queres que volte a oeste, para Mull?

Ele abanou a cabeça.

- Pagamos um alto preço, Rura. Compramos o resto do dia só para nós. Vira a nordeste. Vamos subir para Loch Tay e perder-nos nas montanhas. Vamos fazer um piquenique, e bronzear-nos e fingir que o mundo é jovem. Gostarias de fazer isto?

Ela riu. Como era possível que risse depois de tanta tragédia? Ela não sabia, desconhecia o porquê, mas rira. Talvez fosse apenas a vida rejubilando com a vida.

- Serão momentos para gravar na memória - disse ela. E, subitamente, ficou triste.

- Será um tempo para lembrar quando já não houver luz do Sol e quando todos os horizontes no mundo obscurecerem.

- Para com isso, pequenina. Haverá escuridão dentro em breve, a seu tempo. Mas agora, à nossa frente, estão as horas brilhantes.

O Loch Lomond ficara para trás e o carro corria sobre nascentes de cristal, através de desfiladeiros onde a austera paisagem das Terras Altas era trocada pela riqueza dos espargos, fetos, juncos, flores selvagens e ervas de um verde luminoso. À frente deles expunha-se o Loch Tay, um quilómetro de largura, vinte e cinco quilómetros de comprimento. Saltavam peixes na luz do Sol. Salmão ou truta. E a grande extensão de água parecia chegar ao fim do mundo. E as montanhas, em cada um dos lados, pareciam grandes animais, dirigindo-se para as alturas.

Havia uma ilha no lago e nela havia ruínas de pedra, magníficas, belas, coroadas por trepadeiras, corroídas pelo tempo. Eram as ruínas de um convento fundado no século XII, assim dissera Diarmid.

Rura aterrissou no solo da ilha. Enquanto os motores morriam, ela deixou-se ficar sentada, quieta, ouvindo o silêncio. Não havia mais nada para além do vento, do Sol a brilhar e da solidão. Num instante de clarividência, ela soube que tinha chegado ao mais belo local e ao mais belo tempo que jamais conheceria na Terra.

Saiu do carro flutuador e deixou-se ficar ali de pé, não chorando, mas com lágrimas correndo-lhe em fio pelo rosto. Diarmid pôs um braço à volta dos seus ombros.

- Todos nós devíamos ter algo de belo para lembrar - disse ele. - Não são muitos os que o conseguem. Nós estamos entre os felizardos.

Subitamente, ela sentiu ciúmes. - Trouxeste Flora aqui?

- Há muitos lagos na Escócia. Há muitas ilhas bonitas.

- Trouxeste Flora aqui?

- Sim, trouxe Flora aqui!

- Envergo as roupas dela. Serei só uma substituta? Estás tentando trazer de volta os mortos?

O braço dele enlaçou-a mais.

- Trouxe Flora a este lugar, sim... e Ewan Tu envergas as roupas dela, é verdade. Mas não estou tentando ressuscitar mortos. Os mortos desapareceram para sempre! Vamos para qualquer outro lugar. Não te quero ver perturbada por fantasmas imaginados!

- Não. Vamos ficar... De que forma amaste Flora?

- Temos de falar de Flora? - Ele parecia exasperado.

- Sim. Como é que a amaste?

- Como um homem ama uma mulher, é tudo. - A sua voz soava dura. - Amei-a com ternura. Amei-a com desejo. Amei-a com pena. Vi-a dar à luz e houve alegria.

Vi-a morrer e houve um vazio... Vamo-nos embora, agora. O dia está ficando amargo.

- Não - disse Rura, ainda de lágrimas nos olhos e no rosto. Preciso compreender, eis tudo. Também eu amo Flora porque ela te amou.

Ele foi até à beira da água.

- Ewan costumava arremessar pedras à água. Às vezes conseguia fazê-las saltar cinco vezes.

- Eu posso ser como Flora - disse ela - mas nunca poderei ser como Ewan.

Ele abraçou-a de encontro a si, tão estreitamente que ela mal podia respirar.

- Um dia - disse ele com grande intensidade -, um dia, poderás vir a dar-me um filho. Não apenas um substituto para Ewan, tal como tu não és uma substituta de Flora. Mas, um dia, talvez possa haver um filho. É pedir-te demasiado?

- Poderei dar-te uma filha. Isso terá importância?

- Aceito com amor o que é dado com amor. É tudo quanto há a dizer acerca disso.

- Então - disse Rura - aceita-me.

CAPÍTULO XXI

Recordando aquelas poucas horas - as horas brilhantes - passadas na ilha do Loch Tay, Rura apercebeu-se verdadeiramente de que aquelas tinham sido as horas mais maravilhosas da sua vida. Melhores que tudo o que ela tinha imaginado, muito melhores que tudo quanto ela esperara. Ela tinha descoberto, aproveitado e saboreado a tarde dourada da sua vida. Ela tinha sorte, uma dolorosa sorte. Tantos que viviam e morriam sem chegarem a conhecer a auréola da realização e o resplendor crepuscular do arrebatamento.

Estava uma tarde serena; serena e abafada, adivinhando a iminente tempestade. A tempestade viria com certeza. Mas enquanto não vinha, o mundo era inteiramente belo. Uma tal beleza não era para ser desperdiçada.

Diarmid apanhou trutas nos bancos de areia à volta da ilha. De pé na água, com as mãos caindo vagamente, esperou que o desprevenido peixe chegasse suficientemente perto para lhe aplicar um golpe. Depois, com um movimento destro e longamente praticado, arrastou o peixe de dentro de água para terra seca. Quando já quatro trutas dançavam uma prateada sarabanda de morte, Diarmid voltou para a praia e acendeu uma fogueira pequena.

Ao diabo com os helicópteros e os carros flutuadores! Sem saberem explicar porquê, tanto Diarmid como Rura sabiam que aquela não era ocasião para os anjos da destruição. Era apenas um tempo para a magia, para as breves horas, que são tudo aquilo que os apaixonados podem esperar.

As trutas foram cozinhadas em paus fendidos, estendidos pacientemente sobre o fogo. Facas, garfos e pratos teriam sido uma incongruência. O peixe foi colocado em folhas e delicadamente dissecado por dedos. Saborearam-nos, como nunca haviam saboreado peixes antes. Tinham sabor de tempo roubado.

Depois, Rura e Diarmid nadaram no lago. Depois, fizeram amor.

Foi uma confirmação. E depois, deixaram-se ficar deitados juntos, exaustos, de olhar preso no céu, de olhar preso nas montanhas, descobrindo os tracos de musgo e líquenes nas pedras do convento arruinado, ouvindo os sons emaranhados das moscas, das abelhas e das libélulas, sabendo que cada um daqueles momentos ficaria encerrado no âmbar da eternidade.

O Sol começava a afundar-se sobre os montes. Diarmid suspirou e sentou-se.

- Rura Alexandra, eu aceitei-te. E tu aceitas-me realmente?

- Deves saber a resposta.

- Penso que sei a resposta. Mas amanhã, ou no dia a seguir, posso ter de matar de novo. Posso vir a ter de matar aquelas que outrora foram as tuas irmãs, mesmo as tuas amantes. Podes aceitar isso? Não haverá um fim para isto até que os homens gozem, novamente, dos direitos do Homem, ou até que o último de nós tenha sido extraído da história pelo fogo.

Rura ficou silenciosa por um pouco. Depois disse:

- Eu traí as minhas amigas. Não posso trair a minha raça. Respondi-te?

Ele beijou-a.

- Foi uma boa resposta... Duvido que tu e eu venhamos a morrer de velhos, Rura. Portanto, lembremos e entesouremos o que se passou entre nós... Infelizmente é hora de voltarmos para Mull. Retomo os meus deveres.

Rura fez recuar as lágrimas.

- Eu ainda estou descobrindo os meus.

Quando entraram no carro flutuador, a magia da tarde foi cortada como que por uma faca. O carro flutuador continha um enorme sortimento de armas. Continha também um grande carregamento de recordações, amargas e assustadoras. E, de qualquer modo, apesar do ar condicionado, retinha ainda o ténue odor do incêndio. Os olhos do espírito de Rura já não conseguiam ver musgo, pedras antigas e trutas prateadas. Ela apenas conseguia ver corpos humanos, homens e mulheres, queimados pelo ódio, obscenos na morte.

Diarmid pressentiu a sua disposição e falou apenas quando necessário. Os motores do carro flutuador zumbiam dentro da vida. De semblante pálido e com uma perícia automática, Rura manejava os comandos. A máquina elevou-se suavemente, afastou-se, balouçando, da ilha encantada e descreveu uma longa curva de turbulência ao longo das macias águas do lago.

Diarmid era o navegador. Ele não precisava de mapa. Conhecia os montes e os desfiladeiros da Escócia como um homem conhece instintivamente o relevo da região onde nasceu e vive. Ele guiou Rura através de Glen Lyon, sobre Rannoch Moor - desolado até no Verão -, dirigindo-se para o mar, levou-a ao longo da antiga estrada de Glen Coe, agora já quase totalmente obliterada pelas ervas, fetos e pequenas flores silvestres.

Foi em Glen Coe que Rura rompeu o seu deprimente silêncio.

- Lembro-me do nome - disse ela. - Recorda algo de horrível na história escocesa. Sabes do que se trata?

Diarmid esboçou um sorriso pálido.

- O Glen of Weeping: há muito tempo costumavam chamar-lhe Glen of Weeping. Era o lar do ramo MacDonald. Glen Lyon, que acabamos de atravessar, era o lar dos Campbells, penso eu. Os Campbells vieram para Glen Coe como amigos, mas recuaram à vista das pistolas inglesas. Pediram e aceitaram a hospitalidade das Terras Altas da Escócia. Depois, passadas duas semanas, bem cedo numa manhã de Inverno, começaram a abater os MacDonalds. Alguns destes conseguiram fugir para as montanhas. Mas houve uma tempestade de neve e a maior parte deles pereceu.

Rura sentiu calafrios.

- O Desfiladeiro das Lágrimas. É um bom nome para um vale tão desolado. Essa história tem um final feliz?

Diarmid tocou o peito dela levemente, beijou-a.

- Rura, meu amor, os finais felizes são para as crianças... Não, não tem um final feliz, tal como não pode haver um final feliz para a nossa história.

Ela olhou-o, tentando não pensar nas espingardas *laser* amontoadas atrás dele.

- Pelo menos temos alguma felicidade para recordar.

- Sim, nós temos sorte. Possuímos umas poucas horas das quais podemos dizer: Naquela altura, fomos verdadeiramente felizes.

A estrada pavimentada de verde através de Glen Coe descia para o Loch Linnhe e para o mar. Quebravam-se ondas nas praias pedregosas, douradas na luz de fim de dia...

Sound of Mull estava a pouco mais de trinta quilômetros de distância. Rura desceu, quase aterrissando à borda de água.

- Quero respirar! - disse ela. - Quero provar o sal, no vento do mar. Importas-te?
- Também eu terei prazer em prová-lo.

Ficaram por uns momentos na praia, de pé, fixando o ocaso, inspirando profundamente, observando o Sol a transformar-se numa bola vermelha, pronto a cair para além da fronteira do mundo.

Rura estremeceu.

- As estrelas vão sair em breve. Adoro olhar para as estrelas, mas elas me dão medo. Fazem-me sentir tão pequena!

Diarmid riu, pôs o seu braço à volta dela.

- Que estranho par somos. A mim, as estrelas confortam porque me fazem sentir pequeno... Vem, temos de regressar a Tobermory. O meu povo já ali ficou tempo de mais e amanhã temos de mudar-nos. Sou um mau general. Esqueço os meus deveres. Esqueço que a segurança reside na mobilidade.

Será sempre assim durante os nossos períodos de vida, Rura. Nós somos o povo desalojado. Somos a maior causa perdida que o mundo já conheceu. O teu povo (desculpa, elas já não são o teu povo), as poderosas mulheres não pararão por nada menos que a total exterminação. Nós não pararemos por nada menos que a paridade para os homens... Uma causa perdida, de fato.

- Tenho frio! - disse Rura. - Regressemos a Tobermory. Lá, pelo menos, podemos abraçar-nos em frente a uma bela fogueira... Como está o teu braço?

- Viste-o! Os músculos ainda trabalham. Seguraram-te!

- Fui parva. Devia ter-te deixado descansar.

- Somos ambos parvos e ambos descansaremos muito em breve. Ainda bem que o meu braço continua a doer. Faz-me lembrar que estou vivo... Para Tobermory, então. E amanhã, mudamo-nos.

Voltaram ao carro flutuador. Rura levou-o a velocidade de cruzeiro até à margem marítima do Loch Linnhe, sempre descendo, passando a ilha de Lismore e voltando depois a noroeste, para Sound of Mull.

Aperceberam-se de que havia algo errado antes mesmo de descerem na praia de Tobermory. Da ilha elevava-se fumo em rolos dispersos. Havia dois carros flutuadores estragados na vila. Havia dois carros flutuadores e o silêncio dos mortos. O nauseabundo cheiro do incêndio.

Pássaros do mar adejavam e batiam as asas dum lado para o outro por entre os mortos. As guardadoras de fronteira tinham vindo e tinham ido e não restava nada vivo em Tobermory.

O povo de Diarmid tinha morrido de armas na mão. Arcos, bestas, espingardas *laser*, punhais e fundas. Até as crianças tinham lutado. Mas a força atacante tinha sido demasiado forte. À excepção dos pássaros do mar, não restava nenhum ser vivo em Tobermory.

- Bom! - disse Diarmid calmamente. - Não só sou um mau general, como sou agora um general sem tropas.

- Como podiam elas ter sabido? - perguntou Rura.

Diarmid encolheu os ombros.

- Outros na Escócia sabiam que eu tinha trazido o meu povo para Mull como refúgio temporário. Um deles deve ter sido apanhado e persuadido a falar. Já aconteceu antes. Fui estúpido em deixar a minha gente ficar tanto tempo no mesmo local. Mas nós precisávamos deste descanso e eu pensei... Eu pensei... - Ele cobriu o rosto com as mãos - Matei-os a todos com a minha estupidez! Não penso com a clareza suficien-

te. desde que Flora e Ewan morreram. Sou estúpido!

Rura tentou confortá-lo.

- Não te culpes. Vivemos numa era de estupidez. Todos o somos.

- A quem vou eu culpar? - gritou ele. - A quem, para além do homem que se presume deter o comando?

- Podia ter sido um acidente de acaso. Uma patrulha de rotina podia ter...

- Isto não foi obra de uma patrulha de rotina. Olha para os carros flutuadores destruídos, mulher. Devia ser, pelo menos, metade de um esquadrão. Olha para os corpos. Olha para os destroços. Elas sabiam exatamente para onde se dirigir.

- Bom - disse Rura suavemente -, está tudo acabado, agora. Não podemos desfazer o que foi feito. E tu, não te deves consumir na culpa e na dor. Ficamos apenas nós os dois, e a noite já vem descendo. O que havemos de fazer?

Diarmid recompôs-se.

- Se tens estômago para isso, temos de ir dar uma volta pelos mortos. As armas que valerem a pena, recolhemos. As roupas que ainda estiverem capazes de servir, recolhemos. Há gente nas Terras Altas que precisa imenso de ambas as coisas.

Rura estava nervosa.

- Não há tempo! - suplicou ela. - Em breve estará escuro. Devíamos fugir daqui. As guardadoras podem regressar.

Diarmid sorriu sinistramente.

- Senhora Dona Exterminadora, a senhora não conhece os costumes das suas próprias camaradas. O Regimento de Fronteira nunca ataca de noite. Nunca. A escuridão é o grande elemento igualizador. No escuro, um arco é tão bom como uma espingarda *laser*. Um punhal é melhor que qualquer um deles.

- Eu não sou uma exterminadora! - disparou ela.

- Está bem, então não o és! Bom, nesse caso tenho de te ensinar a sê-lo. Tenho de te ensinar a exterminar cabras dos infernos vestidas de negro. Bom, então tu não consegues encarar os mortos. Descobre uma casa para nós, Rura. Arranja-nos alguma comida e combustível. Faz-nos um bom fogo, e depois podemos abraçar-nos e adormecer como tu querias. Se houver pesadelos, afundá-los-emos em orgasmos. Duvido que os possamos afundar em uísque. Não há em toda a Escócia uísque que chegue para lavar o trabalho deste dia. Eu vou dar atenção aos mortos.

- Odeias-me? - perguntou Rura.

- Odeio a mim próprio. E tu tornaste-te parte de mim próprio. Serve-te a resposta?

- É a resposta que devo aceitar.

Rura encontrou uma casa que estava ainda relativamente operacional. Apanhou e reuniu alguns gravetos e fez uma fogueira. Encontrou carne de veado e até mesmo um pequeno pão bolorento e alguma manteiga rançosa. E numa casa meio queimada encontrou um pequeno frasco de uísque. Fez o melhor que pôde.

Quando Diarmid regressou das suas sinistras tarefas; havia calor e comida quente esperando por ele. Atacou a comida como um lobo, como se não comesse há dias.

- Sou um homem velho - disse ele, olhando-a na luz da fogueira. - Tenho trinta e sete anos e sou, provavelmente, um dos homens mais velhos da Escócia.

- Amo-te! - disse Rura.

- Então, também tu és louca! O relógio bate bem alto as horas. É pouco provável que qualquer um de nós veja outro Verão.

- Mais uma razão para que gozemos este! - disse ela com simplicidade.

- Um Verão é mais do que aquilo que a maioria das pessoas pode esperar da vida.

CAPÍTULO XXII

Começou a chover durante a noite. Diarmid, apesar do seu sofrimento e das feridas ainda não saradas, conseguiu dormir por períodos bastante longos. Rura estava cansada, mas não foi capaz de conciliar o sono. Não podia dormir por causa dos acontecimentos dos últimos dias, que tinham invertido todas as suas atitudes, que tinham feito dela uma estranha para si própria. Com certeza que não era Rura Alexandra quem, alegremente, tinha aceito o amor masculino, que se tinha aberto a um homem, enquanto, dos mortos jazendo ali próximo se elevava ainda vapor e fumo, enquanto moscas passeavam sobre os olhos vazados das guardadoras, enquanto a traição pairava invisível no triste ar de Verão?!

Não, não era Rura Alexandra. Era uma estranha qualquer, uma criatura demoníaca, possessa. Mas podia alguém admitir a possessão demoníaca numa tal idade da razão? Por favor, por favor, poderia a real Rura Alexandra vir à superfície e ser reconhecida?

Talvez não houvesse realmente Rura Alexandra. Talvez houvesse apenas um animal de seios doridos e vontade de viver, custasse o que custasse.

Olhou para o rosto de Diarmid dormindo. Um rosto rude, batido pelo tempo, quase grosseiro. Cabelo longo, barba mal aparada. Uma fronte cheia de sulcos. O rosto de um velho sobreposto ao rosto de uma criança. Não. Apenas o rosto de uma criança envelhecida.

Ela ainda podia matá-lo e regressar com honra. Não haveria ninguém para testemunhar contra ela. Ela podia regressar, abdicar do Regimento de Fronteira, retomar uma vida civilizada, rodeada por mulheres bonitas. Ela podia rejubilar-se, de novo, com a segurança de camas confortáveis, de conversas sofisticadas, de amor civilizado, de comida elegante. Só que viriam as recordações, fragmentos de uma beleza selvagem, ecos crus de paixão.

Diarmid gemia por entre o seu sono. O seu braço crispava-se. Ela olhou para os pontos que tinha cosido na carne viva. Não havia regresso. Havia apenas o desenrolar, até ao fim, de uma tragédia inevitável.

Que gênero de mulher fora Flora MacDiarmid? Teria ela, também, passado noites acordada, contando as horas, interrogando-se sobre a terrível persistência daquele dinossauro que era um homem?

Havia demasiadas perguntas e nenhuma resposta. Rura dormitou um pouco, antes do nascer do dia. O fogo morrera. A chuva tinha parado. O mundo parecia cheio de uma grande quietude.

Diarmid acordou, estendeu-se, gemeu por causa da rigidez do seu corpo, da dor no seu braço. Tocou nos seios de Rura, fê-las vibrar, acariciou-os, fez a vida surgir através da carne dela... destruiu todos os sussurrantes tormentos da noite.

- Romeu e Julieta! - disse ele - Há muito tempo atrás tive um livro de Shakespeare. Era do meu pai. Ele nunca teve tempo para me ensinar a ler, mas lia-me sempre as palavras. Esta peça era acerca de duas crianças que se amavam há muito tempo. As suas famílias estavam em guerra ou em vias de estar em guerra, tanto faz. De qualquer modo, Romeu e Julieta tiveram uns tempos difíceis e no fim morreram e as suas respectivas famílias decidiram que era bastante estúpido continuar a lutar.

- Eu conheço a peça - disse Rura. - As nossas famílias não deixarão de lutar, não o farão até que uma delas seja derrotada.

Diarmid sorriu.

- Nem nós somos duas crianças. Esta manhã senti-me velho de cem anos. O meu povo jaz morto lá fora e algumas do teu povo também. E a matança continuará. Nenhum de nós pode fazê-la parar. Nem sequer Curie Milford, que se sente confortavelmente em Londres e aliena uma turba feminina com palavras ocas. Tenho medo.

- Tu, medo?!

Ele sorriu amargamente.

- Achavas que não era possível, doçura? Alguém, já morto há muito tempo, disse um dia que a coragem é um tesouro insubstituível *Pode ser gasta, mas nunca repos-ta*. Creio que durante a minha vida gastei já uma quantidade razoável. E agora tenho medo.

Rura beijou-o.

- Não há que ter vergonha de sentir medo, Diarmid.

- Não estás entendendo, amor. A minha gente morreu ontem. Mas eu tenho alternativas. Posso meter mãos à obra e erguer uma outra frente de luta ou posso oferecer os meus préstimos a outro *laird*. Tenho também um carro flutuador, uma piloto especializada e mais armas à minha disposição do que já alguma vez tive. Diarmid MacDiarmid ainda pode ser uma força capaz de fazer gelar um pouco os corações daquelas que repartem dividendos em Carlisle. Mas tenho medo. Tenho medo de tomar decisões. O medo enfraquece a minha eficiência. Compreendes?

- Compreendo que ultimamente tu passaste por muito. Que tens feridas e estás cansado.

Diarmid apertou os seios dela com força.

- Continuas a não entender, Rura. Eu perdi tanto, e tudo o que me resta perder agora és tu!

Os dedos dele continuavam a magoá-la, mas ela tentou ignorar a dor.

- És tudo quanto me resta também. Aprendi a pensar em mim como numa traidora. Não achas que isso é tão difícil como tu começares a pensar em ti como num covarde?

O aperto diminuiu.

- Bom. Entendemo-nos um ao outro. O preço de umas poucas horas de paz numa pequena ilha foi mais alto do que eu imaginei. Estou cansado, Rura. Preciso me recuperar.

- E vais fazê-lo! Eu olharei por ti! - Ela riu. - É meu dever. Disseram-me que sou tua mulher! - Acreditas nisso?

- E tu és o meu homem?

- Pergunta por pergunta. Sim, sou o teu homem.

- Então tenho de acreditar no que disse.

- Bom, Rura, ouve a minha apreciação psicológica da situação militar. Temos aqui um desmoralizado ex-comandante de guerrilhas e uma exterminadora renegada. Estamos no pino do Verão, mas o Outono está a dias de distância e as neves do Inverno estão mais próximas do que pensas. Problema número um: sobreviver. Proble-

ma número dois: recuperar eficiência. Aceito e agradeço sugestões.

- Poderá uma exterminadora renegada sugerir que se requer tempo para recuperar a eficiência? Sei pouco acerca do Inverno escocês, mas tenho ouvido dizer que é muito severo. Eu sugeriria que o ex-comandante de guerrilhas e a exterminadora renegada encontrassem um refúgio seguro onde possam sobreviver ao Inverno e recuperar a eficiência na Primavera.

- A sugestão foi anotada. Anote-se também que é uma boa sugestão. De momento pouco valho e, quando o Inverno chegar, nenhum de nós nas Terras Altas vai valer grande coisa. Temos pouca energia para lutar. Estamos demasiado ocupados, tentando sobreviver. As guardadoras sabem disto. A sua mobilidade é afetada também, mas nada como a nossa. Em dias limpos, elas levam a efeito longas corridas, farejando o nosso fumo ou procurando caçadores de encontro à neve. Assim, Rura, vamos ter de ficar a norte do Great Glen, se queremos ter algumas possibilidades de sobrevivência.

- A norte do Great Glen?

- Sim, do Glen More. Corre no sentido nordeste, de mar a mar, através das Terras Altas, desde Fort William até às ruínas de Inverness. Nem mesmo as guardadoras se atrevem a aventurar-se para norte do Great Glen no Inverno. As tempestades de neve inutilizariam demasiados dos seus carros flutuadores.

- Fazes o Inverno parecer muito assustador.

- É assustador! Mata-nos mais que as exterminadoras.

- Mas agora é ainda Verão - disse Rura - e há muito tempo para sarar o teu braço e procurar um lugar qualquer para viver.

Diarmid foi até à porta da casa e abriu-a.

- Sim, é ainda Verão. Mas eu já sinto o odor do Outono. Cozinha-nos um desjejum. Utiliza tanta comida quanta queiras. Ela é mais do que a que podemos levar de Mull e a minha gente já não tem fome. Vou carregar o carro flutuador com tudo o que nos for possível usar e transportar. Quanto mais cedo nos afastarmos desta triste ilha, melhor.

Rura veio até à porta e ficou de pé, junto dele por uns momentos. Para a direita, ela sabia-o, eram os destroços de máquinas e pessoas. Não olhou para a direita. Olhou apenas para os lados do mar e da praia. Corria uma brisa em direção à terra. Respirou profundamente, tentando inalar limpidez e paz. Depois, voltou para dentro de casa para preparar o desjejum.

Sabia que teria de voltar a olhar para toda aquela destruição antes de deixar Mull: tinha de passar por entre os corpos de homens, mulheres, crianças e exterminadoras; tinha de perturbar as moscas, ratos e pássaros no seu divertimento causado por uma inesperada colheita. Mas forçou-se a não pensar nisso agora.

O importante era preparar o desjejum e depois desviar Diarmid, durante um pouco, daquela luta fútil. Já seria alguma coisa ter um Inverno sem medo e sem derramamento de sangue. Mesmo tratando-se de um Inverno escocês.

Obedientemente, ela cozinhou um farto desjejum. Havia flocos de aveia para a papa, ovos de vários pássaros selvagens, leite em pó e um pouco de sal. No carro flutuador havia também rações de rotina e rações de emergência, mas ela ainda não queria sair dali para ir até ao carro flutuador. Ainda não.

Assim, ela cozinhou papa salgada e uma espécie de ovos mexidos, encontrou uns biscoitos rijos e secos para dar um pouco de consistência à refeição.

Quando Diarmid regressou, comeu sofregamente, como se não comesse há muito tempo.

Rura não tinha fome.

CAPÍTULO XXIII

Vários dias depois encontraram o tipo de refúgio que convinha a Diarmid. Rura pensara que seria uma simples questão de encontrar uma casa arruinada a cinquenta quilômetros ou mais, a norte de Great Glen, na Escócia. Mas Diarmid instruiu-a acerca dos fatos da vida.

A casa teria de ser feita de pedra e capaz de resistir, pelo menos, a um ataque de surpresa de um só carro flutuador. Tinha de ser numa região arborizada, para que fosse difícil de ser detectada do ar e difícil de abordar por um carro flutuador e para que pudesse ser cortada madeira para combustível. Tinha de ficar perto de uma fonte de água fresca e perto do mar, por causa da pesca. Teria de estar situada perto de florestas de veados e charnecas de faisões, para aí se caçar. Ao mesmo tempo que tudo isto, a casa deveria ser compacta e confortável, para que duas pessoas nela pudessem passar o Inverno escocês sem gelar ou enlouquecer.

Para resumir: teria de ser um modelo de casa.

Surpreendentemente encontraram-na. Encontraram-na depois de revolverem quase todo o lado marítimo das Terras Altas de Noroeste. A procura cansou Rura e fortaleceu-a. Deu-lhe uma ideia acerca do gênero de vida que Diarmid levava desde que nascera. De noite dormiam em sacos-cama rasgados, sob uma remendadíssima tenda, que não era nem à prova de água nem à prova de vento. Já não viviam pelo relógio, mas pelo Sol e pelas estrelas. Quando o Sol descia, era tempo de dormir. Quando chegava a alvorada, era tempo de acordar. Era hábito de Diarmid partir para caçar à primeira luz do dia, Ele saía da tenda, levando uma besta e setas, deixando Rura drogada de sono, doída de desconforto. Às vezes, ele trazia uma lebre ou um falcão. Um dia tinha regressado com um jovem veado vermelho por sobre os ombros. Ensinou Rura a depenar e limpar aves, a estripar animais e peixe. A princípio, ela achou o trabalho revoltante. Mais tarde pareceu-lhe muito natural. Um dia, quando estava imunda de estripar trutas na margem de um rio, Diarmid tomou-a e fez amor com ela. As entranhas do peixe estavam ainda nas suas mãos, havia orvalho na relva e ela tinha frio, estava desalentada e esfomeada. Mas Diarmid deitou-se entre as suas pernas e ela ouviu os murmúrios da corrente da água e olhou para além da cabeça dele, para as formas das nuvens no céu. O tempo parou por completo e a experiência foi encerrada no cristal da memória para sempre.

E, um dia, encontraram a casa. Era uma casa maravilhosa, uma casa rara. Ninguém a tinha saqueado. Devia estar ali, amalhando pó e bolor, há uma centena de anos. Havia dois esqueletos no seu interior. Um, deitado numa cama, uma mulher, a julgar pelas roupas em pedaços. O outro jazia esparramado sobre uma mesa, um homem. Havia uma antiga pistola de mão em cima da mesa, enferrujada, inútil, com quatro balas por usar, soldadas pelo tempo na sua câmara, Havia também ratos. Ratos, aranhas e escaravelhos.

A casa ficava perto da morta aldeia piscatória de Applecross. Erguia-se numa pequena clareira, numa pequena floresta. Não muito longe, havia um regato. Não longe, ficava o mar, e não muito para além dele, ficava a ilha de Skye.

A casa era resistente, atarracada, firme. Paredes cinzentas de pedra, cinzento telhado de lousa. As janelas eram pequenas, mas algumas ainda mantinham os seus vidros de origem. A porta estava fechada e trancada. Diarmid teve de abrir caminho, esmurrando a porta. Houve turbilhões de pó na semi-obscuridade. Rura recuou, receosa.

Diarmid riu sardonicamente.

- Há velas e lamparinas no carro flutuador - disse ele. - Façamos luz aqui. E eu farei um fogo e afastarei daqui a vida selvagem. Não há de que ter medo, amor. As únicas coisas que tens a recear nas Terras Altas são o clima e as mulheres de negro.

No momento, com as luzes dos candeeiros iluminando os cantos escuros e com uma fogueira de lenha dispersando a umidade de décadas, a casa parecia quase jovial, se não fossem os dois tristes esqueletos no quarto.

- Que tipo de pessoas seriam eles? - interrogou-se Rura em voz alta. Ela tinha ultrapassado o choque inicial. Os ossos secos eram menos terríveis, menos reais que os corpos recentemente mortos pelo fogo.

Diarmid estudou-os.

- Gente desesperada num mundo em desespero! Talvez descobramos os seus nomes. De pouco uso nos será - a nós ou a eles. - Pelo aspecto, ele matou-a com a pistola e depois fez o mesmo consigo. Talvez estivessem doentes, talvez estivessem morrendo de fome, talvez tivessem visto algo do processo de trabalho das cabras do inferno... Vou levar os ossos lá para fora. Se não tens estômago para isto, sai e traz do carro as coisas de que precisamos para esta noite.

- Tu vais... Tu vais enterrá-las?

- Queres que o faça?

- Sim... Sim, acho que gostaria. Sou estúpida, Diarmid, e sei que nada os pode magoar agora, mas gostaria de pensar neles repousando juntos.

Diarmid abraçou-a por um momento.

- És estúpida, Rura, mas a Humanidade precisa de um pouco de estupidez... Não posso enterrá-las hoje. Há muito que fazer. Mas amanhã escavarei para eles um túmulo na floresta. Não vão precisar de muito. E tu dar-lhes-ás flores em troca do lar que eles nos deram.

Quando Diarmid tocou nos ossos, eles caíram para o lado. Rura saiu para que ele não visse as suas lágrimas. No fim, ele teve de arranjar um xale para segurar os ossos. Era, obviamente, o xale da mulher, úmido, facilmente despedaçável, quase já sem cor e com buracos onde os ratos e outras criaturas tinham trabalhado. Mas era qualquer coisa de pessoal e, por isso, adaptava-se à circunstância. Ele colocou os ossos muito cuidadosamente no xale, juntou as pontas, deu-lhes um nó e levou o leve fardo lá para fora, para a floresta. Colocou-o sob um alto pinheiro. Apenas precisariam de um túmulo muito pequeno. Menor do que ele teria pensado.

Enquanto isto, Rura iniciara o trabalho de transformação daquele mausoléu num lar. Primeiro, trouxe para dentro armas, depois comida, depois roupa e depois cobertores. Tal era a ordem das prioridades, refletiu ela tristemente. No momento havia tempo para explorar convenientemente a casa, embora ela não fosse suficientemente grande para garantir uma exploração extensiva.

Todos os aposentos ficavam ao nível do chão. Um quarto, uma sala, uma cozinha, um banheiro. Mas havia uma cave. No meio da sala havia um alçapão. A cave estava incrivelmente seca. Tinha sido usada como armazém para lenha e bens não utiliza-

dos. Provavelmente, também para comida.

Havia um baú na cave, um baú de aço, trancado. Diarmid partiu a fechadura. Dentro do baú estavam os restos de um vestido branco, talvez de um velho vestido de casamento, e um traje preto de homem. E debaixo deles havia livros. Todos os gêneros de livros. Uma história das Highland Clearances, um livro de astronomia, os poemas de Robert Burnes, os romances de Sir Walter Scott. Livros, livros, livros.

Rura contemplou-os com surpresa. Diarmid olhou-os melancolicamente.

- Quando as neves vierem e as noites forem longas - disse ele me ensinas a ler?

- Meu amor, ensinar-te-ei a ler.

Diarmid riu.

- Quem sabe, se o Inverno for longo, pode ser que eu tenha tempo de tornar-me um intelectual... Eu queria que Ewan soubesse ler. Enquanto ele viveu, eu tinha momentos de um otimismo louco. Pensava que ainda era possível lutar para chegar a alguma espécie de acordo, alguma espécie de paz que permitiria aos homens educarem-se e deixarem de viver como selvagens.

- E isso já deixou de ser possível?

- Rura, enfrenta os fatos. As mortes daqueles que amas são um grande estimulante para enfrentares os fatos. O País de Gales está pacificado, cada ano que chega reduz drasticamente o nosso número nas Terras Altas, a República de Anglia aumenta a sua força. O tempo está do lado dos robôs fêmeas de Curie Milford. O teu povo pode reproduzir-se assexuadamente ou usar a partenogénese!

- Elas não são o meu povo!

- Bem. Desculpa. As mulheres do Sul, então... Elas podem aumentar os seus contingentes à vontade por intermédio de ciências e habilidades que eu não compreendo integralmente. Nós só podemos crescer engravidando as nossas mulheres. E não temos muitas mulheres. O que está acontecendo no resto do mundo, não sei. Mas aqui, na terra onde eu vivo, o vento corre a favor da destruição.

Rura suspirou.

- Tenho de preparar alguma comida. Amanhã faremos desta casa o nosso lar.

- Tens também de verificar o nível de combustível no carro antes de eu o cobrir com ramos e fetos. Usamo-lo economicamente nestes últimos dias, mas acho que não sobra combustível para muitos quilômetros...

Rura entrou com ele e leu o contador de combustível. Chegava, talvez, para fazer cem quilômetros a velocidade moderada, média elevação, ou sessenta quilômetros num plano raso.

- Como é que ele vai aguentar o Inverno? - perguntou Diarmid. - Pouco sei acerca destas coisas.

- Aguentará bastante bem. São concebidos para suportar extremos climáticos.

- Louvadas sejam as engenheiras femininas. Quando a Primavera vier, se vivermos até lá, podemos viajar confortavelmente para a nossa destruição.

Rura voltou-se e olhou para a casa na floresta. O ar estava quente e era ainda Verão alto. Não obstante, começava a revelar-se a sutil promessa de Outono. Ela não estava preocupada com os problemas da próxima Primavera, nem sequer com os problemas do Inverno. Estava satisfeita, aceitando simplesmente cada dia que vinha. Cada um dos seus dias era um bônus. Um tesouro roubado à eternidade.

CAPÍTULO XXIV

Decrescendo, os dias seguiam-se uns aos outros rapidamente. Longas ervas desprendiam as suas sementes, amareleciam, abatiam-se sob a ação da chuva. O ar estava cortante e as noites frias. Folhas secas caíam das faias, carvalhos e freixos. As árvores perenes, sempre verdes, preservavam a sua ilusão de imortalidade.

A casa tornou-se um lar. Os seus anteriores ocupantes repousavam tranquilamente sob um metro de terra escocesa, a sua presença indicada apenas por um marco de madeira que começava já a criar líquenes. Tinham-se chamado Jenny e Duncan Lindsay. Rura tinha encontrado no baú algumas cartas dificilmente decifráveis - cartas que, como indicavam os seus conteúdos, tinham sido entregues pelo único serviço postal disponível na Escócia, os viajantes. Homens com setas e punhais que tinham arriscado as suas vidas para manter um determinado tipo de comunicação entre o decrescente número de clãs lutadores. Jenny fora originária do clã Murray. Duncan Lindsay tinha-se tomado de amores por ela e, com todo o esmero, tinha redigido um simples contrato de casamento em letras maiúsculas.

Rezava assim: «Eu, Duncan Lindsay, homem livre da Escócia, tomo Jenny Murray, mulher livre da Escócia, por esposa. Este casamento é válido até à morte que, pela graça de Deus, é certa em todos os tempos. Assinado: Duncan Lindsay.»

Ao que Jenny acrescentara: «Eu, Jenny Murray, de minha livre vontade aceitarei Duncan Lindsay em casamento. A minha descendência será dele apenas. Juro. Assinado: Jenny Murray, tornada agora por este ato, Jenny Lindsay.»

O papel estava rasgado, quebradiço, manchado. A escrita a lápis mal se conseguia ler. Para Rura, aquelas palavras eram as mais belas que ela algum dia lera. O documento era a coisa mais linda que ela já possuía.

Leu-a para Diarmid uma noite, à luz da vela.

Ele abraçou-a estreitamente e disse:

- Quando eu já tiver aprendido a escrever com mão firme, vou redigir também uma declaração assim, e tu assinarás nela o teu nome. Quem sabe, talvez, daqui a uns cem anos, alguém encontre o papel e se comova até à admiração.

- Ou até às lágrimas... - disse Rura.

Ele sacudiu a cabeça num gesto de negação.

- As mulheres do futuro não chorarão por nós. É mais provável que riam.

- A não ser que compreendam aquilo que perderam.

Diarmid riu, sarcástico.

- Não podem sentir a falta do que não conheceram. Num mundo sem homens, elas precisarão de nos recordar como algo de diabólico. Senão, como poderiam elas manter o orgulho, o respeito por si próprias?

Rura só lhe pôde responder abraçando-o com força.

Uma manhã, bem cedo, caiu geada sobre a terra. Foi na manhã em que Rura se

sentiu indisposta.

Ao desjejum ela tinha comido amoras, uma maçã, uma deliciosa truta fresca e pão fresco amassado com a decrescente provisão de farinha. Fora um desjejum maravilhoso. Não havia razão para sentir aqueles vômitos E, no entanto, ela saíra de casa correndo e vira o seu desjejum cair fumegando na relva coberta de geada.

Diarmid acariciou-lhe as costas e confortou-a. Ela não sabia o que tinha acontecido. Ele sabia. Já o tinha presenciado antes.

- Então, tu vais ter uma criança, Rura! Não é bom?

Ela estava espantada, horrorizada. E, no entanto, sabia que não se devia surpreender muito.

- Isto é gravidez?

- Isto é gravidez!

Ela sentiu calafrios e começou a tremer.

- Que é que eu faço? Que é que eu hei de fazer?

- Vais suportar isso, mulher. É melhor do que o que já suportaste. - Diarmid limpou o vômito e beijou-a. - Talvez seja um filho. Se soubesse que dia é hoje, havia de registá-lo. É uma data a lembrar. Mas tudo o que posso dizer é: Nos primeiros dias do Outono soube que a minha mulher ia ter um filho.

Um terrível pensamento atravessou o cérebro de Rura.

- Pode não ser tua esta criança, Diarmid. Aquele dia em Loch Lomond. Os teus homens... - Ela não queria realmente pensar no que acontecera naquele dia.

- Bem, é uma possibilidade. Não tem importância. A criança será minha. Eu formala-ei. Se eu viver, se tu viveres, educá-la-ei.

- Como é que sabes que estou grávida?

- Os teus seios estão maiores, a tua barriga aumenta. Tens vômitos. Estás grávida!

Ela estava aterrada e cheia de alegria. Sentia-se humilhada e cheia de orgulho. Era tudo muito estranho.

- Há alguma coisa que eu tenha de fazer, ou deixar de fazer? Preciso aprender alguma coisa? Desculpa-me. É tudo tão confuso.

- Treinaram-te para matar - disse Diarmid de modo seco - e não para dar à luz. É uma esplêndida ironia. Não te preocupes, pequena. Já assisti a partos antes. Posso fazê-lo de novo ..

Rura não foi muito apoquentada pelas náuseas matinais. Cerca de dez dias depois, elas desapareceram praticamente para reaparecerem apenas em raras ocasiões.

Rura descobriu um nome para a casa porque, tal como ela dissera, aquela era o tipo de casa que merecia ter um nome. Chamou-lhe Refúgio dos Lindsay em memória daqueles dois que jaziam enterrados na floresta. Ela mantinha o pequeno túmulo arranjado e encontrou flores tardias para colocar nele. Por vezes, ela descia até ao mar, à justa distância para um agradável passeio - e trazia de volta grandes conchas de uma só valva para formar uma cercadura para ornamentar à volta o túmulo. E começou mesmo a construir uma lápide com seixos de formas atraentes. Estava decidida a dar a Jenny e Duncan algo em troca do Refúgio. Arranjou um pedaço de pederneira afiada e passou uma manhã inteira riscando o nome em grandes e arrojadas letras na grande placa de pedra sobre a porta de entrada. Diarmid observava-a, divertido. Ele pensou que ela era uma criança - uma criança num corpo de mulher. Maravilhava-se com a transformação que a gravidez operara. Ela parecia simultaneamente mais nova e mais velha. .

Diarmid passava os seus dias caçando, pescando, procurando fruta e cortando combustível para o Inverno. Havia turfa e madeira morta em abundância. Desde que se aceitasse o risco de deixar elevar-se fumo no céu da noite, não havia grande peri-

go de gelar durante o Inverno. Era um risco aceitável. Ele não tinha conhecimento de que as guardadoras viessem até tão ao norte naquela tardia época do ano. E, além disso, havia sempre o carro flutuador. Ele tinha-o escondido sob pilhas de fetos e leves ramos de abeto vermelho a cerca de quatrocentos metros da casa, assegurando-se de que havia uma área bastante aberta para sair da floresta. Rura dissera que havia apenas combustível para cerca de cem quilômetros, mas isso seria, certamente, suficiente para um caso de emergência. Ela tinha-o ensinado a pôr em marcha os motores e a manobrar os comandos. Ele estava certo de poder manejar o aparelho, caso fosse necessário.

Rura passava os seus dias aprendendo a esquecer que um dia fora uma exterminadora, aprendendo a tornar-se numa mulher. Era um processo excitante. Era como se ela estivesse a despir a pele de uma pessoa superficial e a descobrir algo de bem diferente sob essa pessoa. Ensinou-se a si própria a coser e fez roupas para si e para Diarmid a partir das velhas roupas e dos materiais que tinham conseguido trazer de Mull. Aprendeu a cozinhar, de várias maneiras, a carne de veado, peixe, aves de caça e a carne do gado selvagem das Terras Altas. Aprendeu fazendo uso do sal da água do mar. Aprendeu a obter e preservar as gorduras e óleos animais. Aprendeu a esticar peles e a amaciá-las, o que fazer com as peles dos coelhos e das ovelhas. Aprendeu a conservar coroas de maçã para o Inverno, conhecer e colher os fungos, folhas e bagas comestíveis. Aprendeu a cantar as velhas canções que Diarmid amava, fazendo as coisas que lhe agradavam, quando ser passiva ou tomando a iniciativa e como corresponder para o excitar. Começou a sentir orgulho dos seus seios inchados, da sua barriga dilatada. Estes eram os indícios exteriores e visíveis da verdadeira natureza da feminilidade.

À noite, tal como prometera, ensinou Diarmid a ler. Ele aprendeu rapidamente a reconhecer as letras. Rapidamente, aprendeu a reconhecer as palavras mais curtas.

«O meu amor é como uma rosa vermelha, vermelha... »

Ele já conhecia aquela velha canção. Mas quando viu as palavras do poema no papel quebradiço e manchado de pontos castanhos, deu-se uma explosão de entendimento no seu espírito.

«E eu voltarei, meu amor, nem que sejam dez mil milhas.» Depressa começou a ler os romances de Sir Walter em voz alta, à luz da vela, enquanto estalavam gravetos na lareira e aguaceiros de fagulhas subiam pela chaminé para se dispersarem e morrerem na noite outonal.

O baú que fora pertença de Jenny e Duncan Lindsay continha tesouros para além da sua imaginação. O livro de astronomia deixou-o sem fala. As estrelas tinham sempre sido apenas coisas que estavam no céu limpo, suaves no Verão, duras como diamantes na fria claridade do Inverno.

Descobriu com profundo choque que elas eram sóis, tal qual o Sol que conhecia aquecendo a Terra. Teve conhecimento das distâncias estelares. Soube da existência de anos-luz e chegou à conclusão de que, dependendo da perspectiva, a Terra e os problemas do gênero humano podiam parecer muito pequenos, de fato.

O Outono chegou às Terras Altas bem cedo, um Outono excepcionalmente seco para a Escócia, frio e orvalhado à noite, anormalmente ameno e soalheiro durante o dia. Verão indiano. Diarmid sabia que aquele gênero de tempo se chamava Verão indiano, mas não sabia porquê!

Por vezes, sentia-se culpado por não se entregar à tarefa de erguer outra força de luta ou por não ir oferecer os seus préstimos a outros comandantes. Mas o ano ia já muito avançado para cumprir esses projetos. O Inverno escocês dava poucas chances de êxito às ações ofensivas. Normalmente, o Regimento de Fronteira contentava-

se com as patrulhas de rotina locais. Normalmente, os das Terras Altas contentavam-se em sobreviver, se pudessem. O Inverno escocês custava a Curie Milford outro Regimento de Fronteira.

O ilusório Verão indiano fascinava Rura. Adorava poder passear de dia pela floresta, observando os ricos veios da dourada luz do Sol penetrando quase magicamente nas verdes copas das árvores. Adorava poder deambular pela enseada - o mar não ficava a mais de três quilômetros da casa - procurando caranguejos encalhados na maré baixa, apanhando conchas, observando a luz do ocaso a brincar sobre as desoladas ilhas de Rona, Raasay e Skye.

Mas, mais que tudo, amava as noites em que ardia um fogo na pedra da lareira, quando a panela dos guisados chiava, aromatizada com a carne, os vegetais e os cogumelos, e Diarmid regressava para casa vindo dos montes. Aquele era um modo de vida que tinha centenas de anos de existência - ela sabia-o. Uma vida simples. Uma vida composta de caça e sobrevivência, calor e sentimento. Nessas noites, terminada a leitura e as canções, ela e Diarmid iam contando um ao outro as suas vidas até ali, tentando compreender-se, sedentos do conhecimento dos seus antecedentes, tentando esforçadamente reunir mundos estranhos.

Rura era a filha por partenogênese de Aimée Alexandra, distinta cirurgiã, criança partenogenética ela também. Aimée Alexandra tinha-se especializado em transplantes de coração e pulmões. Tinha prolongado dúzias de vidas úteis de mulheres na República de Anglia. Tinha dado um coração novo a Curie Milford. Depois, inexplicavelmente, tinha-se suicidado.

Tinha acontecido quando Rura tinha dezasseis anos e era já uma distinta estudante residente no Colégio de Emancipação Greer. Ironicamente, Aimée tinha desfeito o seu próprio coração com um *laser*. Ninguém sabia porquê. A explicação oficial dizia que o fato se devera a depressão causada por sobrecarga profissional. Porque ela tinha idealizado o Tratamento de Rejeição Alexandra, tinha-lhe sido concedido um funeral de Estado. Rura, que depois dos dez anos raramente tinha visto a sua mãe, tornou-se pupila da República.

Diarmid MacDiarmid era filho de Diarmid MacDiarmid, um chefe de clã das Terras Altas que não podia muito simplesmente compreender o que tinha acontecido no Sul. A República de Anglia, fundada muito antes do seu nascimento, era inexplicável. Um montão de mulheres jogando imbecis partidas, era o que aquilo era. Reuniu o seu clã e marchou em direção a Anglia, seguro na crença de que aquelas abomináveis mulheres se evaporariam ante uma resoluta força de luta. Foi derrotado e destruído em Edimburgo. A força de três centenas de homens das Terras Altas foi aniquilada por vinte mulheres guardadoras de fronteira. As guardadoras tinham carros flutuadores e armas *laser*. A força de Diarmid MacDiarmid não. O jovem Diarmid fora deixado com a sua mãe. Tinha oito anos de idade na ocasião.

Rura achou fácil compreender o gênero de vida que Diarmid seguira. Ela própria a estava a provar um pouco. Diarmid, pelo contrário, achava difícil encarar o tipo de mundo de onde Rura desertara. Ele sabia algo acerca de exterminadoras, uso de armas de fogo e estratégias de guerra. Mas as únicas cidades que ele vira eram cidades mortas onde se produzia metal, vidro, tecidos, utensílios, ferramentas e armas.

Uma cidade como Londres era um desafio e uma derrota à sua imaginação. Ele, que tinha passado a sua vida nas selvagens e vazias extensões das Terras Altas, não conseguia assimilar como é que um milhão de pessoas - um milhão de mulheres - podiam viver juntas em harmonia e em proximidade. A claustrofobia da vida citadina tê-lo-ia enlouquecido. Conseguia compreender as vastas distâncias interestelares melhor do que compreendia o fato de seres humanos, mesmo mulheres, aceitarem viver

- como lhe parecia - literalmente acumulados uns por cima dos outros em altíssimas torres que pareciam gaiolas que nem sequer para ratos eram convenientes.

Mas embora a sua experiência fosse limitada, a sua percepção não o era. Aquilo que ele acreditava - e acreditava nisso com uma feroz intensidade - era que as mulheres não podiam ser inteiramente humanas sem os homens. Esta era uma crença à qual Rura já estava mais do que metade convertida. Já não considerava os homens porcos, criaturas cujo único objetivo era subjugar e humilhar as mulheres, inibindo as suas necessidades criativas, fazendo-as sentir-se inferiores.

A vida com Diarmid fizera-a sentir orgulhosa. Alguém precisava dela quer como objecto sexual quer como pessoa. Alguém precisava dela o suficiente para arriscar a vida. Alguém precisava da sua vagina, do seu ventre, dos seus seios e do seu espírito. Alguém precisava dela até à morte.

Rura tinha sido amada por mulheres mas não assim. Não conhecera nunca tão intensas e exaustivas exigências. Nem conhecera nunca uma tal realização.

Os seus olhos abriram-se. Nunca conhecera nenhuma mulher que precisasse dela como Diarmid precisava. Nem ela precisara nunca de mulher alguma como precisava de Diarmid.

Enquanto o Outono escocês mergulhava em direção ao Inverno, enquanto a sua barriga aumentava e os seus seios cresciam duros,

Rura aprendeu que a felicidade era algo muito simples. Consistia em ser-se apenas fiel a si própria.

Sabia também que vivia num mundo em que tal felicidade não podia durar.

Rura Alexandra, em tempos exterminadora, tinha agora uma ambição bem simples. Queria viver o suficiente para trazer ao mundo o seu filho - não uma criança nascida por partenogénese ou por reprodução assexuada mas uma criança gerada pelo homem na raiva ou no amor - e vê-lo avançar na estrada da maturidade.

Uma ambição bem pequena, na verdade.

Mas, talvez, demasiado grande para ser realizada.

CAPÍTULO XXV

Bem cedo, numa manhã, clara chegou a neve. Era uma ligeira poeira, o cartão de visita do Inverno. Em breve viria mais neve. Em breve o Inverno viria para ficar. Rura sabia que os meses que se seguiriam seriam longos e difíceis, que a comida escassearia e que o Refúgio dos Lindsay seria isolado por uma gélida e solitária mão. Não se importava. Tinha Diarmid e tinha o filho no ventre. Não se importava. Diarmid havia de encontrar comida de algum modo. Havia de sobreviver ao Inverno, fosse como fosse. E na Primavera o bebê viria ao mundo.

Ela não podia estar certa de ser Diarmid o pai da criança. Só podia ter a certeza que o seu pai era um homem e essa certeza tinha de bastar. Deu por si recordando-se da ex-capitã da Guarda Galesa, aquela velha mulher batida pelo tempo que tinha aparecido numa manhã, há muito tempo, num outro universo, na margem do Serpentine. Rura sentiu por ela uma enorme pena, um dó desesperado. Começava a entender um pouco daquilo que a mulher sentira em relação à criança que começara a crescer dentro de si. Rura gostaria de voltar atrás no tempo de beijar a velha mulher e chorar o seu aborto, e prometer-lhe que, de um ou de outro modo, a raça do homem sobreviveria.

Ela podia senti-la na sua própria barriga. A raça do homem sobreviveria... Bem, aquilo era algo em que acreditar. Era algo em que se precisava de acreditar...

A neve transformou a floresta num país encantado. Minúsculos cristais de neve traçavam o perfil das árvores com um frio fogo, transformavam as agulhas dos pinheiros em delicados diamantes. Rura passeou por entre as árvores, encantada, ouvindo o silêncio e a quietude. Diarmid estava fora caçando veados vermelhos. Não com armas *laser*, das quais havia muitas, mas com uma besta. Ele dizia que era mais limpo.

Ao fim da tarde, ele voltava para casa com ou sem carne de veado, não importava. Ainda não importava. A comida ainda não era um problema. Ao fim da tarde, ele voltava para casa e haveria a intimidade feita da luz da lareira e carícias. De tal, era feito aquele reino dos céus.

Rura andava através da floresta, de espingarda *laser* na mão, maravilhando-se com a beleza limpa e fria da neve. Diarmid tinha-lhe dado instruções para nunca sair de casa sem uma arma, para nunca se encontrar numa situação em que não tivesse uma arma à mão para se defender. Mas vagueando pela calma floresta, sem que uma rajada de vento perturbasse a neve, ela odiava a espingarda *laser*, símbolo de destruição; achava difícil acreditar que vivia num mundo onde o conjunto de seres humanos se dedicava à exterminação de um outro grupo dos mesmos seres.

Olhou para trás para as suas pegadas na neve e teve consciência súbita de que todas as coisas da vida eram transientes. Naquela noite, ou talvez amanhã, a neve derreter-se-ia ou cairia mais neve; e as pegadas desapareceriam para sempre. Era assim com as pessoas, a menos... a menos que elas pudessem criar algo que lhes sobrevi-

vesse, e que, por seu turno, engendrasse vida. -

Subitamente, ouviu-se um barulho lá mais para a frente. Ela voltou-se num ímpeto, a sua mão apertou automaticamente a espingarda. A menos de trinta metros, enquadrado por dois pinheiros, estava parado um grande veado vermelho. Era um macho, com o característico pescoço largo e as largas hastes. Um animal magnífico. Tinha estado, evidentemente, a morder a relva, que irrompia em tufo pela neve. Mas naquele momento tinha o olhar pousado em Rura, calmamente, quase num ar de conspiração.

Ela olhou para os olhos do animal - uns olhos grandes, castanhos e expressivos, sem medo. Pensou em Diarmid, por aí a caçar o veado vermelho. Que é que ele não daria para estar ali onde ela estava, com o arco na mão e uma seta pronta a disparar!

Rura tinha visto muitos veados nas Terras Altas, mas este era, certamente, o maior deles todos. Maior que a vida. Um espécime soberbo. Devia ter em si mais de cem quilos de boa carne.

Retomou consciência da espingarda na sua mão. Seria tão fácil matar: Devia matar. Ela e Diarmid não comiam carne de veado há dias. Diarmid ficaria orgulhoso se ela levasse para casa um veado daqueles. Podiam fazer todos os festins que quisessem e ainda haveria veado para secar em longas e finas tiras e salgar para prevenir os dias em que a caça fosse má.

Ergueu a espingarda lentamente. O veado não se mexeu. Rura levantou a arma e fez pontaria. Mas depois viu a expressão dos olhos do cervo. Não era medo, parecia, mas sim uma pergunta. Uma muda pergunta.

Estranho. Ela só podia estar a imaginar aquilo. Segurou a espingarda firmemente mas não conseguiu matar. Tentou pensar no assado de carne de veado, mas não era capaz de associar os imaginários cortes de succulenta carne com aquela magnífica criatura.

Lentamente, baixou a espingarda. Ela e o cervo continuavam de olhos presos um no outro. Agora não parecia haver nenhuma pergunta nos olhos da criatura. Só um olhar que parecia querer indicar uma espécie de mútuo entendimento.

Rura apercebeu-se de um ténue ruído no céu. Um ruído familiar. Um ruído crescendo. O cervo agitou a cabeça, como emergindo de um transe. Depois desatou a saltar, as suas patas tamborilando monotonamente no solo, elevando finos aguaceiros de neve. Ficou fora de vista em alguns segundos.

Rura deu um profundo suspiro. Os momentos de encanto tinham sido despedaçados pelos rítmicos ruídos da realidade.

Olhou para cima através das árvores e viu o detector passeando devagar a uma altitude de menos de quinhentos metros. Que fazia um helicóptero ali tão a norte, naquela época do ano? Estaria a detectar alvos para um bando de carros flutuadores? Estariam as cabras a menosprezar o hábito e a prudência para levarem a sua guerra até à região noroeste das Terras Altas, mesmo sendo Inverno?

Subitamente sentiu um medo pavoroso. Não por si, mas por Diarmid. Rura estava a coberto da floresta. Desesperadamente, esperou que Diarmid não estivesse exposto em campo aberto. Ela sabia exatamente qual seria o seu aspecto a uma altitude de quinhentos metros. Um estranho e maltrapilho inseto, arrastando-se num doloroso vagar sobre a erma e branca paisagem.

A neve deixara de ser um cristalino milagre. Era agora um inimigo. Um traidor, expondo o perseguido aos perseguidores... Ele seria um alvo fácil para o detector. Não seria sequer preciso chamar os carros flutuadores. Ele não podia ir enfiar-se na urze - só encolher-se contra a neve e tentar trocar uma seta por um raio *laser*.. Elas des-

ceriam à procura dele, com o riso nos lábios.

Rura tremia, tremia impotentemente de medo. Tentou disciplinar-se, impedir-se de pensar. Não podia perder o controlo.

Depois lembrou-se de mais outra coisa. Os vestígios da fogueira da noite passada ainda ardiam lentamente na pedra da lareira do Refúgio dos Lindsay. Diarmid tinha-lhe dito que apagasse as brasas antes de sair de casa. Mas a manhã estivera gelada e saía tão pouco fumo das brasas que ela foi tentada a deixá-las queimar por si, para que a casa estivesse um pouco mais quente quando ela regressasse.

Mas até mesmo uma delgada coluna de fumo se ergueria no ar como um poste de sinalização naquela serena e brilhante manhã. «Oh, estúpida porca! Oh, cabra sem miolos!» Rura insultava-se a si própria, futilmente.

O helicóptero continuava a circular e começara perdendo altura. Teria visto alguma coisa? Que teria visto?

«Por favor, Deusa, então se viu algo, permite que elas desçam o bastante! Permite que eu as varra com um simples disparo! Malditas árvores! Maldita, maldita floresta! Não consigo ver o helicóptero agora. Não consigo!»

Mas conseguia ouvi-lo a circular. Girou duas vezes, regressou brevemente e por duas vezes ao alcance da vista. Mas não ao alcance do *laser*. Rura chorou de medo e frustração.

À medida que o som dos motores do helicóptero se desvanecia molemente na direção sudeste, Rura começou a correr de volta para o refúgio dos Lindsay. Por duas vezes escorregou e caiu na neve. Da segunda vez torceu o tornozelo.

«Se continuo assim», pensou ela, desprezando a si e à sua vulnerabilidade, «acabo por perder o bebê!»

Aquele pensamento acalmou-a. Fê-la dominar-se e começar a pensar com clareza.

Enquanto a casa se ia tornando visível, ela viu que havia, de fato, um delgado rasto de fumo elevando-se da chaminé, uma pluma branca ondeando no ar sereno. O seu humor decaiu. Certamente, o helicóptero tinha visto o fumo, se andava à procura desse tipo de coisas. E isso seria... A menos que... Mentalmente, Rura colocou-se num helicóptero e desceu o olhar para o Refúgio dos Lindsay. Fumo branco de encontro à neve branca. Vê-lo-ia ela? Resposta: não. Mas aquela era a resposta que ela queria...

Onde é que o helicóptero andara a circular? Não parecia ter andado à volta da casa. Parecia que tinha girado sobre o retalho de floresta mais perto do mar, mais perto do local onde ela estivera parada. Mas porque é que o teria feito?

O carro flutuador! Talvez a camuflagem não fosse tão boa como Diarmid pensara. Rura apressou-se para a floresta para ver. A camuflagem estava ótima. A neve tinha ajudado. Não, o helicóptero não podia ter dado com o carro flutuador. Talvez estivesse apenas a lançar o olhar para um grupo de veados. Era algo de agradável em que acreditar. Uma coisa confortável.

Rura fez lentamente o caminho de regresso ao Refúgio dos Lindsay. Ia deprimida.

Diarmid também devia ter visto ou ouvido o helicóptero. Se assim fosse, ele decretaria, provavelmente, o abandono daquela zona e a partida para a procura de um outro local para viver. Se ele soubesse que o helicóptero tinha andado às voltas por sobre a floresta, certamente decidiria partir. Para ele, os helicópteros apenas queriam dizer uma coisa.

Rura não queria deixar o Refúgio. Era o primeiro lar a valer que ela conhecia. Era o lugar onde ela conhecera muito amor. Era o sítio onde a sua barriga e os seus seios tinham crescido em tamanho e em orgulho. Era o lar que lhes fora legado, a ela e a Diarmid, por amantes mortos...

Nenhum outro local, nenhuma outra casa podia algum dia significar o mesmo. Porque ali ela tinha entendido verdadeiramente o que era ser mulher.

Entrou em casa, arremessou a espingarda no chão e ficou de olhar fixo nas brasas da lareira. Ela não queria voltar a mudar-se. Queria que o seu bebê nascesse ali. Queria que o Refúgio dos Lindsay alcançasse a plenitude.

Fez um acordo consigo própria - um pacto com um demônio feminino. Se Diarmid tivesse visto o helicóptero, ela contar-lhe-ia o que tinha acontecido. E aceitaria as consequências.

Mas se Diarmid não tivesse visto o helicóptero, então, não haveria uma causa real para o preocupar indevidamente. O helicóptero podia ter andado a circular porque apetecera à piloto andar às voltas. Podia ter circulado porque aquele era o ponto mais setentrional da patrulha e marcava o ponto de regresso para a base. Podia também ter circulado por causa do fumo elevando-se da chaminé de uma casa em ruínas...

Diarmid só voltou ao anoitecer. Tinha conseguido matar um veado muito pequeno, muito jovem. Deixou-o cair no chão com um ar de, realização pessoal.

- Como é que te correu o dia, amor?

- Bastante bem. Passei pela floresta e passei muito tempo a pensar na minha felicidade.

Ele beijou-a.

- Persegui este danado animal por quase dez quilômetros. Uma criatura bastante perversa. Andou movendo-se num grande círculo. Quando finalmente tive oportunidade de desferir um disparo decente, estava a pouco mais de um quilômetro de casa. Só foi preciso uma seta e foi tudo.

Rura pensou no magnífico cervo que avistara. Em comparação com ele, o veado de Diarmid era um pigmeu.

- É um belo veado! - disse ela.

Ele riu.

- Fazes-lhe muita honra. Esta manhã vi um cervo que devia fazer quatro deste. Eu estava perto do mar, com o som das ondas ressoando nos meus ouvidos. De outro modo te-lo-ia ouvido chegar. Passou bem dentro do alcance, também... Vamos fazer uma bela fogueira, garota. Vem aí outra noite bem fria, parece-me.

Talvez o cervo que Diarmid vira fosse a criatura maravilhosa que ela encontrara na floresta. Evidentemente, Diarmid não tinha visto o helicóptero. Nem poderia tê-lo ouvido, provavelmente pela mesma razão por que não tinha ouvido o cervo.

E assim Rura não disse nada. Voltou a acender a lareira enquanto Diarmid se assegurava de que as aberturas das janelas não deixariam escapar nenhuma réstia de luz lá para fora. Depois começou a cozinhar a pescada e a enorme lagosta que Diarmid trouxera do mar no dia anterior.

Com a escuridão, o vento tinha começado a soprar. O seu rumorejar nas árvores lembrava o marulhar do mar. O fogo estava de novo bem aceso, com gravetos cuspidos e estalando, faúlhas subindo pela chaminé e quentes sombras dançando no quarto.

Aquela casa nas Terras Altas era um contraste gritante com a civilização de ar condicionado e aquecimento central existente na República de Anglia. Era um contraste gritante e um contraste maravilhoso. Era um pequeno e mágico cosmo um lugar onde um homem e uma mulher se podiam ajustar emocional e fisicamente e encontrar as suas verdadeiras personalidades.

Rura queria viver no Refúgio dos Lindsay todos os dias da sua vida.

CAPÍTULO XXVI

Na manhã seguinte veio mais neve. Não muita, apenas uma poeira de cristais, pequenos e secos, mas a suficiente para realçar a imagem invernosa da floresta sem dificultar demasiado os movimentos. Diarmid, convencido que o Inverno estava a assentar cedo demais, odiava a neve. Para ele, a neve significava diminuição de caça e fome. Ele sofrera já demasiados Invernos escoceses para se deixar impressionar pela beleza anti-séptica da floresta, pela grandeza deserta dos montes.

Tirou a pele do veado que matara e cortou cuidadosamente a sua carne. Depois saiu de novo para a caça. Muita carne teria de ser seca, selada e empacotada num esconderijo de neve, se o Inverno estivesse para ser tão longo como ele pensava. Secar carne era fácil, embora o processo fosse árduo. É preciso cortar-se a carne em tiras o mais delgadas possível, depois pendurá-las para secar ao sol e ao vento, se o tempo estiver bom. Se o tempo estiver mau, pode ser usada uma pequena fogueira para a seca, embora alguma desta carne seca pelo fogo acabe sempre por se estragar antes de ficar corretamente desidratada.

Rura foi para a floresta declaradamente para apanhar combustível e gravetos para o fogo. Mas isto foi apenas uma desculpa para permitir a si própria deambular por entre as árvores, exultando com a sua beleza, sonhando acordada.

Ela tinha criado um vício secreto. Construíra utopias imaginárias onde as pessoas não tinham de passar as suas vidas tentando arranjar comida suficiente para sobreviver ou tentando matar-se umas às outras. No seu espírito, ela criara um mundo onde não havia guerra entre as mulheres e os homens e onde podia, em paz, dar à luz o seu filho e vê-lo crescer para tomar uma determinada parte criativa no avanço da Humanidade.

Era agradável passear na floresta, sonhar ideais e recolher madeira. Era também agradável antecipar as intimidades da noite comida partilhada à luz da lareira, livros partilhados à luz da lareira, amor partilhado à luz da lareira.

Regressou ao Refúgio dos Lindsay com madeira e material de ignição suficientes para durar para uma fogueira e meia. Era este o seu alvo habitual - estar sempre um pouco à frente, contra os dias de tempestade e doença. Contra os dias em que a neve seria demasiado alta, demasiado densa para se aventurar a sair, quando os elementos a aprisionassem, e a Diarmid, naquele baluarte de paraíso feito de paredes de pedra.

Estava num tipo de devaneio típico quando chegou em casa. Não tinha esquecido a visita do helicóptero da véspera, mas tinha-a empurrado para os compartimentos recuados da sua memória. Era algo que ela não queria investigar. Era uma intromissão. Se assim não fosse, ela teria reparado nas pegadas na neve que conduziam até à porta...

Entrou no Refúgio dos Lindsay e viu as cabras do inferno, as mulheres de negro,

apontando-lhe as suas espingardas *laser*.

- Descontrai-te, porca. Ou então, arde e sê maldita! - A guardadora que falara era muita jovem. Cabelos dourados, olhos azuis. Excitamento e antecipação estampavam-se no seu rosto. Ela queria matar.

Rura deixou cair a madeira que trazia e ficou imóvel. Sentiu pena, muita pena, da jovem exterminadora. Depois sentiu raiva. Ninguém tinha o direito de invadir o Refúgio.

- Volta-te para a parede, porca - continuou a exterminadora jovem. - Mãos por cima da cabeça, na parede, pés afastados. Tenta não respirar. Isso põe-nos nervosas.

Rura sentiu mãos sob os seus braços, sentindo a sua cintura, as suas ancas, e mesmo o espaço entre as suas pernas. Outrora, o toque de uma mulher tinha sido familiar, aceitável. Agora era estranho.

- Volta-te, carne de porco!

Enquanto a outra, a exterminadora de cabelo escuro, continuava a cobri-la com a espingarda, a mais jovem apalpou os seus seios e a sua barriga. Agarrou com força cada um dos seus seios, como se o quisesse arrancar.

- Então?! Um no saco! Bom, prenhe de porcos, acabou-se a festa.

A exterminadora recuou, fechou o punho e atirou um murro no estômago de Rura. Rura caiu de joelhos, dobrada sobre si própria, gemendo, arquejando. A exterminadora agarrou-lhe os cabelos, puxou-lhe a cabeça para trás e olhou com satisfação para a dor presente no rosto de Rura. .

- Onde está ele, porca?

- Não sei.

A exterminadora segurava ainda o seu cabelo. Levantou-se um pé que a chutou. Rura gemeu, tentou bloquear a dor.

- Onde está ele?

- Caçando... caçando por aí.

A exterminadora cacarejou e, segurando-lhe os cabelos, atirou Rura a todo o seu comprimento para o chão.

- Nós esperamos... Ele gostará de ter visitas.

Rura ficou deitada no chão, arfando, tentando dominar a dor, tentando pensar. Habitualmente, Diarmid não regressava antes do cair da noite. O que lhe dava tempo, para fazer alguma coisa. O quê, é que ela ainda não sabia. Mas alguma coisa faria.

A outra exterminadora falou, A sua voz era mais gentil, talvez porque ela era mais velha.

- Criança, tu não precisas de morrer. Se nos ajudares, não precisas morrer. Podemos reabilitar-te, talvez até deixar-te dar à luz o teu filho... Como é que te chamas?

«Já é alguma coisa», pensou Rura. «Elas não sabem. Pensam que eu sou apenas mais uma mulher das Terras Altas... Como podiam elas saber? Estive em Carlisle por tão pouco tempo.»

Veio outro pontapé.

- Nome! - exigiu a outra que apreciava infligir castigos.

- Jenny Lindsay.

Riso.

- Este deixou de ser o teu refúgio, Jenny Lindsay... O porco, o teu homem, qual é o nome dele?

- Duncan.

A de cabelo dourado falou para a mais velha. - Duncan Lindsay. Está na lista, Garnet?

- Não, não está na lista.

- A caçada foi fraca. Só connosco. Não é o Ballantrae, nem o Hamilton ou o Mac-Diarmid. É apenas um estúpido caseiro que ainda pensa que vive num mundo de homens. Bom, suponho que é melhor que nada. É uma cabeça. Outra cabeça para o recorde antes que o Inverno feche a caça. Ela voltou-se para Rura. - Põe-te de pé, amante de porcos. Quando é que ele regressa?

- Não sei.

A Cabelos Dourados esbofeteou-a. - Tenta saber. É menos fatigante.

- Não sei.

A Cabelos Dourados estava quase a esbofeteá-la de novo, mas a outra exterminadora interveio.

- Já chega, Willa. Chama Carlisle, dá-lhes a nossa posição e diz-lhes que pontuamos. Diz-lhes que voltamos a nos comunicar quando decidirmos regressar ou quando apanharmos o porco.

Willa a de cabelos dourados, pareceu ficar desapontada. Saiu de casa, presumivelmente para onde tinham deixado estacionado o carro flutuador.

A de cabelos escuros levantou-se.

- Bom, Jenny Lindsay, este é um dia triste para ti.

- Sim! - disse Rura como que paralisada.

- És bonita. Apesar dos trapos, és bonita. - Ela baixou a espingarda *laser*. - Já viste alguma vez uma grande cidade cheia de gente, Jenny?

Por um momento, Rura Alexandra, Mamilo de Prata, sentiu-se tentada a rir. Mas lembrou-se do seu papel.

- Não, nunca. Sou apenas uma pobre moça das Terras Altas, tentando viver em paz com o seu marido.

- Ele vai ter de morrer, Jenny. Isso não pode ser evitado. Mas tu podes não morrer, se tiveres uma amiga...

- Não tenho amigas.

Garnet veio na sua direção.

- Podias ter uma amiga... Se tomasses um banho, se tivesses boas roupas, podias parecer ainda mais bonita. Gostarias?

- Sim! - disse Rura suavemente. - Gostaria!

- Com a amiga certa poderias até ficar com o teu bebê.

- Gostaria muito disso! - disse Rura.

Garnet aproximou-se. Pôs os seus braços em volta de Rura.

- Beija-me. Depois eu saberei, pela maneira como me beijares, o quanto desejas viver.

Rura vacilou e depois concentrou-se em ser Jenny Lindsay.

Jenny, pensou ela, teria ficado tremendamente embaraçada com as carícias de uma mulher. Estranho, porque assim estava Rura, que tinha beijado muitas mulheres.

- Nunca beijei uma mulher! Não assim. - Rura perguntava-se se ainda seria suficientemente forte e ágil para se travar de razões com aquela exterminadora e agarrar numa espingarda antes da outra regressar. Duvidara. Havia uma dor ritmada no seu estômago, no lugar onde ela tinha sido esmurrada e chutada. Mas tinha de tentar. Era a única coisa fazendo.

Garnet riu.

- Então, agora é a hora de experimentares, doçura. Não sabes que as mulheres são mais fogosas que os homens? Elas podem amar, amar e continuar a amar muito depois de os homens estarem esgotados.

Beijou Rura na boca segurando-a bem, com um braço à roda da sua cintura, acari-

ciando-a. Rura tentou corresponder de algum modo, enquanto, sub-repticiamente, movia o seu joelho para o poder atirar contra a muleta da exterminadora.

Não lhe foi permitido completar o movimento. Garnet era por demais experiente para cair nesses truques. A mão que tinha estado a acariciar Rura desferiu um breve e mesquinho murro no estômago ainda dorido. Rura gemeu e dobrou-se. Enquanto caía, a guardadora balançou a cabeça de Rura à exata velocidade para fazê-la bater na borda da mesa. Rura caiu num feixe, inconsciente por um momento, contorcendo-se. Depois tomou de novo consciência da dor. Dor na cabeça e no corpo. Estava deitada no solo com os olhos fechados, tentando recuperar a respiração, tentando pensar.

- Por isso - disse suavemente a exterminadora - mereceste um tratamento especial.

Rura ouviu passos e depois a porta a fechar-se. A outra tinha regressado .

- Carlisle avisa-nos para não ficarmos muito tempo. Querem que comuniquemos de duas em duas horas. Perguntam se queremos apoio. Estão dispostas a mandar um helicóptero.

- Ora, que disparate esse de Carlisle. Não precisamos de helicóptero: Se perdermos a luz do dia, ficamos aqui.

- Que é que aconteceu à criança? - A exterminadora chamada Willa riu. - Tem um ar infeliz!

- Ela está infeliz. Tentou fazer-se de esperta. Levanta-te, carne de porco. Isto te ensinará a não te meteres com uma verdadeira mulher.

Rura pôs-se de pé hesitantemente, agarrada ao estômago, tentando em vão expulsar a dor.

- Voltamos ao ponto zero, animal! - disse Willa. - Quando é que ele, o narigudo, regressa?

- Eu... eu não sei.

A guardadora levantou o braço como que para bater de novo em Rura.

- Ao anoitecer. Um pouco antes de anoitecer. É quando ele, normalmente... - A sua voz arrastava-se.

- Ora bem. Nós esperamos. O bebê vai entreter-nos, não vais, bebê?

- Tenho uma ideia! - disse Garnet , Ela voltou-se para Rura. Faz uma bela fogueira. Ficaremos todas satisfeitas e aquecer-nos-emos juntas.

Willa sorriu.

- Muito fumo. Sim, muito fumo. Com sorte, ele há-de vê-lo. Com sorte, o fumo há-de trazê-la.

Rura estava a começar a recuperar as suas capacidades. Uma fogueira. Sim, uma grande fogueira. As cabras pensavam que isso faria regressar Diarmid. Tinham razão. Mas a fogueira agiria também como aviso. E Diarmid perceberia. Ele tinha já vivido o suficiente para não se deixar engodar por duas cabras como aquelas. Perceberia que havia algo de errado no Refúgio dos Lindsay e estaria a postos para fazer alguma coisa. Essa era a oportunidade de Rura quando elas soubessem que Diarmid estava perto e a sua atenção estivesse dispersa por uns poucos e preciosos momentos. Havia um punhal na prateleira por cima da lareira e um atizador de ferro junto à pedra do fogão. Com o punhal ou o atizador ou até só com as próprias mãos, haveria uma oportunidade de fazer alguma coisa. Tinha de haver.

E assim, ela encheu a lareira com gravetos e ficou a ver as chamas elevando-se e começando a rouquejar na lareira. Sentiu o calor do fogo trazendo-lhe o suor ao rosto, aos braços e aos ombros? Ou seria o medo?

Lá fora houve um latido estranho. Rura relanceou o olhar pela janela. Não havia

nada à vista a não ser a neve e as árvores e a fria luz do Sol.

As exterminadoras afastaram-se da janela e da porta, com as espingardas prontas a disparar.

- Que barulho é este, porca? - perguntou Garnet em voz baixa. De novo se ouviu o latido.

Rura manteve inexpressivo o seu rosto.

- Veado. Veado do monte. Por vezes, os machos comunicam-se assim uns com os outros.

Mas aquela não era a voz de veados. O som não era suficientemente rude. Era Diarmid avisando que estava perto e á mão.

- Não consigo ver nada! - disse Garnet. - Se te estás armando em esperta de novo, bebê, queimo-te. Veados a se comunicar! - Franziu a cara com desprezo mas não descreditou de Rura por completo.

Repetiu-se o som; soava agora mais perto.

Willa foi até à porra, abriu-a cuidadosamente e olhou furtivamente lá para fora.

- Vou dar uma volta por aí. Cobre-me.

- Tem cuidado, Willa. Esse veado pode ter cheiro de porco.

A exterminadora voltou-se para Rura. - Deita-te de cara no chão, ali ao pé da parede. Não te mexas. Ficarias surpresa com o tempo que se leva a morrer com o tipo certo de queimadura.

Rura foi até à parede mais afastada e deitou-se obedientemente.

Se ela ia fazer alguma coisa, era agora a altura própria para tentar. Mas a exterminadora estava à janela do outro lado da sala. Antes que Rura lhe pudesse chegar já ela a teria cortado em duas. O atizador... Era ainda uma possibilidade. Mas estava tão longe. Rura começou a avançar para ela prudentemente. Rezou para que houvesse barulho, uma distração Mas agora, lá fora, apenas se ouvia o silêncio. E ali dentro só existia o estalar da madeira na lareira.

Garnet continuava à janela, perscrutando o exterior. Pelo modo ansioso como ela olhava de um lado para o outro, Rura imaginou que a outra exterminadora estivesse de momento fora de vista. Tinha-se aproximado quase um metro da lareira. Mais dois metros e alcançaria o atizador. O calor da madeira rouquejando era agora mais intenso. Feria-lhe os olhos mas ela continuava a avançar.

De fora veio um flébil som de pancada seguido por um grito terrível, agudíssimo, morrendo num som de gorgulhar. Depois, quase imediatamente, fez-se silêncio. Depois recomeçou a voz do veado.

Garnet recuou passo a passo de ao pé da janela, pálida e tremendo. Olhou para Rura e notou o movimento furtivo dela.

- Para, amante de porcos, ou eu asso essa coisa aí dentro do teu ventre... Então aquilo era um veado! E imagino que acabamos de ouvir Willa rindo de prazer... Levanta-te, suína. A menos que faças exatamente o que eu te digo, queimo-te de modo a que leves uma semana a morrer.

Rura ergueu-se. Conseguiu sorrir.

- Os veados selvagens podem tornar-se cruéis quando provocados! - disse ela como que por acaso. - Especialmente os machos.

Garnet teve um riso sinistro.

- Então vamos caçar esse espécime... Vais sair pela porta, bebê. A minha espingarda vai estar apontada às tuas costas. Vais chamar esse...Esse veado selvagem. Vais dizer-lhe que a menos que ele se entregue desarmado, até eu contar até dez, tu morrerás queimada. E quando eu digo queimada, quero dizer, de fato, queimada. Nisso sou perita.

Rura riu. Havia uma raiva terrível na maneira como ela ria. E havia orgulho.

- Pensas que caio no teu jogo, cabra? Começa a queimar. O homem que está lá fora é Diarmid MacDiarmid. Ele foi á caça com uma besta. Agora, penso eu, já deve ter uma espingarda *laser*. Queima-me e verás o que acontece. Eu não levarei muito tempo a morrer. Tu, pelo contrário, verás que os minutos podem parecer horas, e as horas anos.

A exterminadora afastou-se da janela, estupefata - MacDiarmid? O próprio?

- O próprio! - Rura esqueceu a sua dor, esqueceu o seu medo. - Um homem que vale um esquadrão inteiro de guardadoras de fronteira. Acertaste no alvo.

Houve um som de vidro partido. Garnet voou para a janela. Enquanto o fazia, a porta abriu-se com estrondo, arrombada, e Diarmid irrompeu, de espingarda *laser* nas mãos. Registou tudo num olhar fotográfico de segundos.

- Larga a espingarda, cabra! Não te mexas, não respires, não fales!

Garnet ficou gelada. De espingarda apontada na direção errada.

- Larga-a!

Ela deixou-a cair. Diarmid permitiu-se a olhar para Rura.

- Pega no brinquedo da senhora, minha querida. Temos de afastá-la da tentação.

Rura pegou na espingarda.

- Diarmid, estás bem?

- Estou ótimo. E tu?

- Estou bem, agora!

CAPÍTULO XXVII

A exterminadora tinha sido amarrada como um animal, os pulsos ligados aos tornozelos. Sentou-se dobrada sobre si no chão, com o queixo nos joelhos. Diarmid olhou para ela quase benevolmente.

- Tens sorte! - disse ele de maneira agradável. - Já viveste mais do que a maioria das exterminadoras que eu tenho encontrado. Se a tua conversa for instrutiva, podes merecer uma morte rápida. Interessa-te a proposta?

Garnet não disse nada. Mas encontrou o olhar dele, a sua expressão carregada de repulsa.

- Por favor! - disse Rura. - Por favor, Diarmid! Chega de mortes. Tu e eu já trouxemos a destruição a muita gente.

- Pequena, queres desarmar-me, Temos aqui uma ave canora. Deixemo-la cantar. Quero saber como é que estas guardadoras descobriram onde nós vivíamos. Isto não foi uma patrulha de rotina. Elas não vêm tão para norte nesta altura do ano... a não ser que já tenham o seu alvo .

- Elas tinham um alvo. Passou por aqui um helicóptero ontem e circulou sobre a floresta. Acho que elas viram fumo.

- Viram fumo? - Ele estava desconcertado.

- Eu... Eu. não apaguei a fogueira. Estava tão gelada e ela deitava tão pouco fumo! Pensei que as brasas fossem mantendo a casa quente até... - Ela não pôde continuar.

- Por que é que não me contaste isso do. helicóptero?

- Porque... - Rura estava já a chorar. - Porque eu não queria deixar o Refúgio. Sabia que se contasse do helicóptero, ou se tu o tivesses visto, nós teríamos de partir. Esta casa é o nosso lar. Eu... eu queria que o nosso filho nascesse aqui.

- Rura, a criança não pode nascer aqui agora. Deves saber isso: Puseste em risco as nossas vidas por causa de um capricho fútil, um pequeno luxo. Foi bem pateta, isso!

A exterminadora falou.

- Rura! O teu nome é Rura... Rura Alexandra, acho eu. A Graduada com o Mamilo de Prata, julgada morta mas presentemente convertida a amante de porcos. É uma grande piada essa! - E desatou a rir histericamente.

Diarmid baixou o olhar para ela.

- Tem calma. Não é essa a canção que eu quero ouvir.

Garnet riu mais alto ainda.

- Então, agora não me podes amaldiçoar antes de me matares. A senhora porca não ia gostar disso!

- É o que pensas! - disse Diarmid. - E estás a arriscar o tempo que te concederam.

- Sei que a morte está próxima - retorquiu ela - e não me interessa pedinchar mais

uns minutos de vida!

- Bem dito! Nem todas as exterminadoras são assim tão corajosas.
- É evidente que a que tu transformaste em porca não é.
- A coragem manifesta-se de diferentes formas, cabra dos infernos! "- Ele ergueu a espingarda *laser*. - Parece que não é preciso prolongarmos á conversa.
- Por favor! - soluçou Rura. - Por favor! Não a mates. Ela já não pode fazer mais mal.

Diarmid olhou Rura com profundo espanto.

- Então não devo matá-la? Devo deixá-la voltar ao Sul com instruções para mandar mais guardadoras para gáudio de Diarmid MacDiarmid? - Havia sarcasmo na sua voz.
- Ela e a outra que morreu não estavam lá fora a tramar a nossa destruição?
- Ela já não pode fazer mal - disse Rura cansada. - Se a deixares ir a pé, sem armas, ela levará muito tempo regressando a Carlisle... se tiver a sorte de chegar lá. Não precisas matá-la e não custa nada dar-lhe uma pequena oportunidade de sobrevivência.

- Esta exterminadora significa algo para ti? - Ele estava confuso.
- Só a quero deixar viver, é tudo. Não tens de a matar. A Escócia fá-lo-á. O mundo em que vivemos matá-la-á por ti.

Garnet riu de novo, horivelmente.

- Conta-lhe como eu te abracei, querida. Diz-lhe que nos beijamos Conta-lhe como eu te toquei. Diz-lhe o quanto gostaste.

- Não a ouças - disse Rura. - Não percebes o que é que ela está tentando fazer?

Subitamente, Diarmid pareceu descontrair-se.

- Amor, temos mais com que nos preocupar, para além dos desvarios de uma exterminadora que chegou ao fim dos seus dias... Achas que há outros carros flutuadores aqui por perto?

Rura abanou a cabeça.

- Este é o único, estou quase certa... A outra cabra comunicou-se pelo rádio com Carlisle. Carlisle ofereceu-se para mandar um helicóptero para apoiar, mas não mencionaram carros flutuadores.

- Elas pediram o helicóptero?
- Não. Mas deviam comunicar com o centro de duas em duas horas.
- E fizeram-no?
- Não!
- Podias fazê-lo tu?
- Ia fazer uma enorme confusão. Não sei o código de identificação delas nem sequer o seu processo de chamamento. - A cabra podia-nos informar acerca dessas coisas.

- Não o faria.

Diarmid sorriu sinistro.

- Isso depende da maneira como ela for encorajada.
- Diarmid, não vale a pena.
- Não? Talvez tenhas razão. Muito provavelmente acabaríamos por criar uma situação ainda mais desagradável. - Voltou-se para Garnet - Onde é que está o teu carro?
- Encontra-o, porco!

Ele riu.

- Sou um homem nascido livre, cabra. Tu, pelo que sei, foste manufaturada, de um ou de outro modo. É preciso um homem e uma mulher para fazer gente como eu. Criaturas como tu saem de uma linha de produção... Bom, não será muito difícil encontrar o carro. Vocês tiveram de vir pelo lago e pelo vale, e não iam se dar ao traba-

lho de vir a pé de muito longe... Rura, foi apenas em atenção a ti que fui gentil com esta cabra do infernos. Enquanto eu não regresso, junta todas as coisas que gostarías de levar contigo. Se o carro flutuador delas tiver mais combustível que o nosso, vamos usá-lo. Quando eu voltar queimaremos esta casa, deixando dentro dela o corpo da guardadora morta. E, uma vez que é essa a tua vontade, vamos deixar esta ir a pé até ao Sul. Duvido que ela vá longe.

- Não podemos queimar o Refúgio dos Lindsay. - Rura estava horrorizada. A casa tinha significado tanto!

- Podemos e fá-lo-emos - disse ele friamente. - As que vierem depois destas podem muito bem acreditar que as guardadoras levaram a bom termo a sua tarefa. Eu dei-te a vida desta criatura que pretendia matar-nos. Dá-me o direito de planejar a nossa sobrevivência. - Ele abraçou-a por um momento e beijou-a. - Haverá um outro lar onde tu poderás dar à luz o teu filho.

- Pode haver uma outra casa - disse ela -, mas não outro lar. Este era o lar. Tivemos a nossa oportunidade.

Através da janela, ela viu que a neve começara de novo a cair.

CAPÍTULO XXVIII

O carro flutuador estava carregado, a casa ardia. A guardadora morta estava lá dentro, a viva estava deitada na neve, atada e tremendo.

Rura viu os seus sonhos e esperanças serem reduzidos a fumo. E não só os seus sonhos. Ela pensava no pequeno túmulo na floresta, delineado pelas conchas e seixos...

«Adeus, Duncan e Jenny, adorados fantasmas. O vosso lar foi o nosso lar. Aqui amamos e conhecemos a felicidade. Mas, agora, todos os nossos sonhos estão a arder e o mundo é bem escuro .»

As paredes ficariam. Os barrotes estavam em chamas e o teto abater-se-ia, mas as paredes ficariam. Daí a pouco, quando as brasas tivessem ardido lentamente até à morte, far-se-ia silêncio. O calor dissipar-se-ia, a neve cobriria as ruínas. Na Primavera, o musgo, os líquens e as flores selvagens começariam o seu trabalho. À medida que os anos fossem passando, a floresta iria rastejando até cada vez mais perto do Refúgio dos Lindsay, acabando por o engolir em verde. A floresta permaneceria sempre, mas a floresta não podia recordar.

Diarmid cortou as cordas que ligavam Garnet. Ela lutou para se pôr de pé, caiu, levantou-se, caiu de novo e conseguiu, finalmente, manter-se de pé. Flocos de neve caíam na sua túnica negra, e ficavam ali apesar do calor do corpo.

- Bem, guardadora - disse Diarmid -, estás ainda viva. Tenho a certeza de que o fato nos surpreende aos dois. Se te agrada caminhar até ao Sul, podes começar a fazê-lo . É uma longa jornada até Carlisle.

Garnet olhou para Diarmid e depois para Rura, sem compreender.

- Que é? - perguntou ela a Rura. - Que é que te faz ficar com este... este homem? Que é que destrói todo o teu treino, todos os teus valores e te obriga a aceitar uma forma de vida que só pode acabar em desgraça?

- Não sei! - disse Rura. - Chama-lhe condição feminina. Chama-lhe estupidez. Só sei que não há outra maneira de continuar viva.

- Volta comigo. Podemos alterar o registo. Regressa. Ainda há tempo.

Rura abanou a cabeça.

- Tenho pena por ti. Realmente, tenho pena de ti. Não sabes e nunca saberás.

Diarmid disse:

- Cabra, põe-te a mexer. Daqui a um minuto já terei a paciência e a caridade esgotadas".

Garnet olhou para ele. O ódio tinha-se afastado do seu olhar. Fora substituído pela incredulidade.

- Se eu viver, vou ter uma grande história para contar, isto é, se alguém quiser acreditar.

- Se conseguires atravessar a Escócia, aí sim, terás de fato uma história para con-

tar.

- Não me dás alguma comida ou uma arma?
- Não te chega a vida?
- Dá-lhe uma ração de emergência! - suplicou Rura. - Isso não fará mal a ninguém.
- Bom, então dá-lhe uma. Pode chegar-lhe até ao Great Glen... a menos que ela

encontre um esfomeado homem das Terras Altas.

Garnet pegou na embalagem de emergência, na qual conseguira ocultar um punhal.

- Obrigada, Rura Alexandra. Lamento muitas coisas.
- Todos nós lamentamos muitas coisas.

A exterminadora voltou-se e começou a afastar-se, coxeando um pouco á medida que a circulação lhe voltava dolorosamente aos membros.

Com um enorme rugido e um aguaceiro de fagulhas que se transformaram numa breve e maravilhosa nascente, no céu carregado de nuvens de neve, o telhado do Refúgio abateu-se; os últimos tesouros de Jenny e Duncan Lindsay foram consumidos.

Rura estava agora demasiado entorpecida para chorar. Para onde vamos? - perguntou ela.

- Para norte. Podíamos ir para leste, penso eu. Talvez fosse melhor para nós, mas também era melhor para as guardadoras... se elas teimarem em continuar a missão. Não, temos de ir para norte e procurar outra casa. Não vai ser muito difícil. O novo carro flutuador vai dar-nos muitos mais quilómetros que o velho... Vem, Rura. Vais sentir-te melhor quando tivermos encontrado outro refúgio.

Ela sorriu.

- Não será o Refúgio dos Lindsay!

- Não. Já terá já a sua história própria, sem dúvida. E nós vamos acrescentá-la. Embalaste tudo o que queres levar?

- Sim, o necessário. Armas, comida, roupa. E também uma ou duas recordações.
- Livros?

Ela assentiu com a cabeça.

- Livros... aquelas velhas cartas e os papéis do casamento. Parecem ser parte de nós, agora. Achas que sou louca?

- Não, querida. É o mundo em que vivemos que é doido. - Ele tentava animá-la. - Há um local a cerca de setenta quilómetros para norte, Lochinver, Fica num pequeno lago de mar e em dias limpos consegues olhar através do oceano ocidental até Lewis e as Outer Hebrides. Vais gostar de Lochinver. Num só dia pode-se andar por quase vinte lagos de água fresca. As trutas são boas como quaisquer outras na Escócia. E há florestas de veados e desfiladeiros que foram talhados num país de contos de fadas. Gostarias de ver tudo isto?

Ela abraçou-se de encontro a ele.

- Gostaria muito.

- Então, salta para o carro flutuador e levanta voo. Vamos por rota marítima. A ondulação é mínima, não há nada com que tenhamos de nos incomodar. Podemos estar em Lochinver antes de a noite cair.

- Há gente em Lochinver?

- Duvido, mas se houver, será a minha gente. E por isso, seremos bem-vindos.

Rura instalou-se no assento do piloto, verificou os instrumentos e ligou os motores. Enquanto o carro ganhava altura, ela lançou um último olhar para o Refúgio dos Lindsay. Através da ligeira cortina de flocos de neve viu uma pira fúnebre. Ardiam sonhos mortos.

Depois, balançou o carro e avançou por uma avenida de pinheiros até ao mar.

CAPÍTULO XXIX

Lochinver era tudo o que Diarmid tinha prometido - um localzinho lindo e desolado. Um aglomerado de casas arruinadas e nenhum sinal de vida.

Chegaram, vindos do mar, uma hora antes do anoitecer, e subiram pelo lago. Ninguém disparou contra eles. Não havia ali senão o ruído do mar e a deserta luz de um crepúsculo escocês.

Rura aterrissou o carro no local onde outrora tinha passado a rua principal e saiu. Tremia no frio e parado ar da noite enquanto fixava o olhar nas ruínas das casas e de alguns edifícios maiores, antissepticamente belos sob uma magra cobertura de neve. Todo o cenário era imensamente triste. Ali, há séculos atrás, tinha existido uma pequena e próspera comunidade. Ela tentou imaginar o local num fim de tarde outonal há muito tempo atrás. Luzes nas janelas das casas, fumo saindo de chaminés, crianças roubando uns últimos minutos de brincadeira antes de se deitarem, talvez o som de divertimento de um bar, mulheres completando as suas tarefas do dia antes de uma ou duas horas de descontração e depois o sono em camas quentes e nos braços dos seus maridos. Apaixonados abraçando-se estreitamente ao luar. Talvez um cão uivando à Lua...

Diarmid estava de pé atrás dela, um braço à volta dos seus ombros, sentindo os pensamentos que a percorriam.

- Era um mundo bem inocente outrora! - disse ele. - Os nossos antepassados tinham os seus problemas, sem dúvida, mas estavam seguros na ordem natural das coisas. Homens e mulheres davam-se bem juntos, nesses dias. Não teriam acreditado no pesadelo que se iria seguir... Vou procurar uma casa com telhado, ou parte de um telhado, e uma pedra de lareira. Volta para o carro flutuador, Rura, e mantém-te quente.

- Quero estar contigo!

- Tenho prazer nisso, também!

Encontraram uma casa com um telhado. Não tinha portas nem janelas, mas tinha um telhado e uma lareira.

- Traz comida e cobertores - disse Diarmid. - Vou à procura de lenha. Vamos assar-nos com o calor, comer até nos fartarmos e dormir como os mortos. Amanhã, trabalharemos no interior e havemos de encontrar uma casa que seja tudo aquilo que tu queres!

- Já tive a casa que era tudo o que eu queria!

- Há outras. A Escócia ainda não é tão pobre que não possa dar guarida aos seus.

Diarmid encontrou troncos de árvores que estavam cobertos de neve e apodrecidos pelo tempo. Era mais fácil quebrá-los que cortá-los, mas queimavam bem. Estavam e sibilavam e lançavam fagulhas pela chaminé acima, dando à casa uma aparência de vida. Os ratos, desacostumados de tal barulho e calor, fugiram precipitada-

mente. Rura cozinhou carne de veado, cogumelos e maçãs. Acharam a comida saborosa.

Dentro em pouco, dormiam completamente vestidos, em frente ao fogo esmorecendo, tapados com cobertores rasgados, deitados sobre peles de carneiro.

À primeira luz do dia, Diarmid levantou-se e distendeu os membros.

- Hoje - prometeu ele - vou encontrar para ti uma casa de que tu vais gostar.

Ela não acreditou. Mas, estranhamente, ele encontrou a casa. Era uma casinha muito pequena, dois quartos apenas. Não havia porta, nem cave e as janelas eram apenas buracos escancarados. Mas o telhado era firme, as paredes eram firmes e o chão de pedra estava demasiado estalado. Podia-se fazer alguma coisa dali. Não era como o Refúgio dos Lindsay, aromatizada de passado, com um conteúdo que lhe emprestava alguma identidade. Era apenas uma mera casa de pedra que tinha conseguido sobreviver. Antigamente, talvez tivesse sido o lar de um caseiro. Estava aninhada na floresta como o Refúgio dos Lindsay. E não ficava a mais de quatro ou cinco quilômetros do mar.

Diarmid matou um razoável número de surpreendíssimos ratos e acendeu uma fogueira suficientemente quente e suficientemente ruidosa para espantar o resto da vida selvagem de volta para a floresta. Rura transferiu para a casa as coisas que tinha trazido no carro flutuador. Armas, roupas, comida - o luxo de alguns poucos livros e uns frágeis pedaços de papel.

De noite, algumas das peles teriam de cobrir os buracos das janelas e outras teriam de ser dependuradas na porta de entrada até que Diarmid pudesse fazer alguma coisa. Aquele lugar teria de ser chamado «A Promessa de MacDiarmid», decidiu ela. Não tinha história.

Veio um degelo e a neve fundiu rapidamente. O degelo fez a floresta cheirar maravilhosamente, fê-la ter perfume de vida. O ânimo de Rura começou a aumentar. Diarmid tinha razão. Lar era o local que se podia transformar em lar. Em breve, ela poderia explorar a floresta e a costa, e em breve estaria ali como num lar:

Rura passou o resto das horas com luz a tornar a casa tão confortável quanto possível. Era surpreendente o que se podia fazer com algumas peles de veado e outras de carneiro. Não havia mobília. Tudo isso tinha desaparecido - saqueado ou queimado, mais provavelmente - há muito tempo atrás. Mas havia muita lenha e Diarmid tinha o seu punhal, um antigo machado e uma serra manual ainda mais antiga. A seu tempo, ele imaginaria alguma coisa. Entretanto, eles dormiriam nas peles, sobre um colchão de urze e erva seca, e comeriam sentados no chão. E não havia nisso grande dificuldade.

Enquanto ainda restava alguma luz, Diarmid foi pescar no lago mais próximo. Não se tinha ido há muito e quando voltou, trazia já meia dúzia de trutas castanhas. A fome, pelo menos, não seria uma ameaça imediata. Nos pequenos lagos abundava o peixe e ele tinha visto vários veados.

Enquanto cozinava a refeição da noite, Rura começou a sentir-se mais alegre. O vento assobiava através das coberturas temporárias da porta e das janelas, mas havia uma imensa lareira e a casa estava quente.

A República de Anglia, Londres, o mundo de mulheres, a irmandade de exterminadoras, o zelo fanático de Curie Milford - tudo isso estava muito longe. Diarmid parecia muito confiante de que as exterminadoras não se aventurariam até tão nortenhos paragens naquela época do ano. Rura estava satisfeita em aceitar aquela opinião. Começava a sentir-se segura de novo. Na Primavera, o seu bebê nasceria. Na Primavera, Diarmid tinha intenções de erguer uma nova força de luta ou de ir reunir-se a um bando qualquer de guerrilhas. Era uma causa desesperada, Rura sabia-o. Os re-

curiosos guerreiros da República de Anglia eram muito superiores ao que Diarmid imaginava. Comparativamente, os poucos homens livres da Escócia nunca podiam esperar infligir sérios danos à República. Tudo o que eles podiam esperar é que Curie Milford decidisse que era demasiado dispendioso anulá-los completamente. Uma esperança bem frágil. Curie Milford tinha pelos homens um ódio imutável.

Ainda assim, a Primavera parecia muito longínqua. Rura ficaria grata por um Inverno pacífico - uns poucos meses durante os quais ela poderia gozar a ilusão de que o Noroeste das Terras Altas era um santuário privado. Uns poucos meses que ela poderia passar a descobrir o que significa pretender a um homem. Ser um objecto sexual, algo possuído. Ser uma mulher em pleno, realizada, algo a ser acariciado e protegido.

Uma ambição tão pequena - mas mesmo assim, demasiado grande para ser realizada.

Dormiu bem nos braços de Diarmid. Ele murmurou por entre o sono e abraçou-a ferozmente. Ela conseguiu apanhar a palavra Flora, mas isso não tinha importância. Aquilo era também por Flora e por Ewan. Uma vez, quando Diarmid estivera agitado, ela tinha aberto os olhos e estudara a sua face à esmorecida luz da lareira. Uma face tão velha, marcada, batida pelo tempo, triste. E ainda assim, uma face tão jovem também, jazendo sob as marcas do tempo.

Veio a manhã. Tomaram o desjejum. Diarmid saiu de casa para caçar veados. Tinha de ser providenciada uma outra provisão de carne contra as geladas semanas durante as quais caçar seria quase impossível.

Estava uma manhã linda e clara. Fresca, mas não demasiado gelada. Rura decidiu que também ela iria caçar. Não com uma besta, mas com uma espingarda *laser*. Desta vez, se visse um grande cervo, matá-lo-ia. Disciplinar-se-ia de modo a não incorrer em luxos espirituais.

Diarmid já saía, talvez há uma hora quando Rura ficou finalmente pronta para sair. Ela tinha o *laser* completamente carregado que pertencera a Garnet. Perguntou a si própria como é que Garnet estaria se saindo com a sua jornada para o sul. Como se se tratasse de um crime, Rura esperava que ela conseguisse sobreviver.

Era já tarde na manhã quando Rura deixou a casa. Mal tinha percorrido uma centena de metros na floresta quando ouviu o helicóptero.

Circulou à volta da casa duas vezes e, depois, rumou para sul.

Por uns momentos, Rura ficou gelada de medo e descrença. Aquilo não era por acaso. O helicóptero sabia exactamente onde procurar.

Rura correu para o carro flutuador, ainda sem camuflagem, mas escondido sob os pinheiros. O emissor estava desligado como ela sabia que devia estar. Mas debaixo do emissor geral comum, havia uma pequena caixa negra e um fio que ia dela até à antena do carro. Flutuador.

Então era isso! Um transmissor automático. Rura ligou o emissor e percorreu os comprimentos de onda. Apanhou o sinal do carro flutuador, alto claro, em alta frequência.

Descarregou imediatamente o *laser* na caixa negra. Mas o mal já estava feito. Desta vez, também Diarmid vira o helicóptero. Voltou correndo para casa.

- Foi o carro flutuador - explicou Rura. - Tinha um transmissor automático enviando os nossos sinais para os seus detectores de direção... Desculpa, eu devia ter verificado isso.

Diarmid pareceu deprimido.

- Eu devia estar à espera de qualquer coisa assim. Elas têm estado perdendo muita gente nestes últimos tempos... Destruíste-a?

- Sim, mas o mal está feito. Elas podem seguir-nos o rasto. Diarmid olhou para o céu. Há muito pouco tempo, ele teria exultado com o bom tempo. Agora, detestava-o.

- O helicóptero vai voltar! - disse ele. - Provavelmente, esta tarde, abrindo caminho para um tropel de exterminadoras.

- Que havemos de fazer? - Mas Rura já sabia o que tinham de fazer. Tentar dar à casa a aparência de um lar tinha sido apenas uma triste perda de tempo. Com uma clareza terrível soube que teria de ser sempre assim. Onde quer que estivessem, mais tarde ou mais cedo, as exterminadoras viriam dar com eles.

- Embala tudo o que precisarmos! - disse Diarmid - Depois vamos mover o carro, aproximando-o mais um metro do mar. Temos de encontrar um local onde ele possa ficar razoavelmente bem escondido, mas onde haja uma clareira para correr para o mar a alta velocidade.

- Não queres partir agora?

- Não, Rura! Por amor dos outros nas Terras Altas, quero demonstrar às cabras do inferno que as operações levadas a efeito tão longe de Carlisle podem sair-lhes caras.

Não levou muito tempo a carregar o carro flutuador, Diarmid encontrou um local para o estacionar num aglomerado de pinheiros perto da orla da floresta. Havia uma pista limpa para Lochinver e para a superfície livre das águas. Quando terminaram esta tarefa voltaram para a vivenda, cada um carregando umas quantas espingardas *laser*. Voltaram à vivenda para esperar.

Diarmid acendeu uma fogueira. Desta vez, o anúncio era deliberado. Cozinharam truta e viram o Sol deslizar ao longo do céu. O ar tinha-se tornado quente, a luz do Sol dourada. Mais Verão indano.

Depois de terem comido deitaram-se juntos numa pele de carneiro, fora da casa, deliciando-se num luxo que não podia durar.

- Por que é que ficas comigo? Por que é que me amas? - perguntou Diarmid, acariciando-lhe o cabelo.

- Porque... - Rura falava com atrapalhão. - Porque tu és um homem, creio eu... Não sei. Deve haver muitas razões... Talvez o helicóptero não volte.

- Volta! - disse ele. - Volta!

Fizeram amor. Era uma coisa boa de se fazer, refletiu Rura, quando a morte estava tão próxima. Seria muito mais fácil morrer se se tivesse feito amor.

O helicóptero foi atencioso. Permitiu-lhes fazerem amor, acariciarem-se, cochilar um pouco, antes de chegar do Sul, zumbindo.

Foi Diarmid o primeiro a ouvi-lo. Saltou e pôs-se de pé agarrando numa espingarda *laser*.

- Rápido! Para dentro de casa. Que elas não vejam movimento algum. Vamos tentá-las.

- Tentá-las fazendo o quê?

- A descerem, a bisbilhotarem. Se conseguirmos suprimir o helicóptero, há uma chance de perturbarmos as suas fidelíssimas amigas. Não acho que o detector esteja investigando para um só carro flutuador, desta vez.

Já estavam dentro de casa, espreitando através das janelas, muito antes do helicóptero chegar. Vinha bem alto, bem fora do alcance dos *laser*, e flutuou bem por cima da casa. Diarmid praguejou. Não lhe parecia que elas estivessem tentadas a inspecionar mais de perto. Provavelmente ia postar-se no céu até que as exterminadoras viessem.

- Temos de ir provocá-las! - disse Rura ansiosamente. - Os carros flutuadores não

podem estar a mais de três ou quatro minutos de distância.

Diarmid ficou em silêncio por um momento, fixando sinistramente a inacessível máquina.

- Então elas não querem brincar. Vamos obrigá-las a isso. Rura, vou correr para elas mas não muito depressa, se é que quero abatê-las. Vou coxear como se estivesse ferido e levo apenas a minha besta. Elas têm bons binóculos. Verão um porco das Terras Altas preparado para ser queimado. Vão querer ferir-me antes de eu estar completamente a coberto pelas árvores. E por isso vão ter de descer realmente depressa. Espera até estares segura, completamente segura, antes de lhes atirares com o laser. Se não as deitares abaixo ao primeiro feixe, não haverá outra oportunidade.

- Diarmid, não! Por favor, não! Tentemos abatê-lo juntos!

- Com armas *laser* nas mãos? Elas não arredarão pé. E se tivermos as espingardas, elas apanhar-nos-ão a ambos. Rura, faz como eu te digo... e tem confiança.

Ele apoderou-se da besta e saiu passo a passo da casa na direção da clareira. Pareceu olhar à sua volta, incerto, por um momento, e depois começou a coxear, arrastando pesadamente uma perna. «Elas não vão morder a isca!», pensou Rura. «O helicóptero avisará os carros flutuadores e deixá-los-á abaterem-no.»

Mas o helicóptero, depois de uma breve hesitação, mordeu a isca.

Os seus motores gemeram e ele desceu velozmente. Saltou uma gota de fogo atrás de Diarmid. E depois estralejou uma outra à sua frente.

Rura olhava esgazeada e pálida através da janela. Os *lasers* iriam queimar Diarmid, mas o detector não estava ainda suficientemente baixo para Rura disparar através do metal e destruir os comandos do helicóptero.

Diarmid movia-se agora mais rapidamente, saltitando de um lado para outro, com línguas de fogo saltando à sua volta. O seu blusão derretia-se. Havia uma língua de fogo nas suas calças axadrezadas. O solo explodiu em chamas mesmo na sua frente. Rolando, ele sentiu as suas roupas em fogo.

Rura gritou - e teve justamente a presença de espírito necessária para desviar os olhos da contorcida figura e olhar para o helicóptero. Talvez estivesse ao alcance. Talvez não estivesse. Mas ela não podia deixar Diarmid arder daquela maneira. Correu para fora da casa na direção dele. Ele viu-a.

- Agora! - gritou ele. - Raios! Agora!

Ela levantou a espingarda, alcance máximo, campo estreito, queimadura máxima. Era tudo automático. Era tudo um lento movimento. Era tudo alta velocidade. Era tudo pesadelo.

Ela podia ver a cabeça da piloto do helicóptero. Podia ver duas da tripulação de espingardas, varrendo o solo abaixo delas, pretendendo tornar o local num inferno. Tinham-na detectado. As espingardas moviam-se na sua direção.

Depois, os motores do helicóptero tossiram e saiu fumo do seu vulnerável nariz .. A máquina girou loucamente, escrevendo estranhos sinais de fumo no céu. Algo caiu do seu interior - seria um corpo? Rura não se importava. Correu para Diarmid, rasgou o seu blusão em pedaços e atirou-o por cima dele, acalmando as chamas. Ele tossia, gemia e contorcia-se.

Algures lá por cima, o metal gritava pelo céu fora. A cerca de cento e cinquenta metros de distância, o provecto helicóptero caiu na floresta. Ouviu-se uma grande rotura, depois o silêncio, depois um triste silvo seguido por um cogumelo de fogo.

CAPÍTULO XXX

As pernas das calças axadrezadas de Diarmid estavam quase queimadas. Algum do tecido aos quadrados soltou-se facilmente, mas havia remendos colados à sua carne. Rura não se atreveu a puxá-los, com medo do que poderia encontrar debaixo deles. A parte superior do seu corpo não tinha sido tão gravemente atingida como as pernas, mas um braço pendurava-se mole numa manga incandescente. Ela tentou rasgar a manga.

- Não há tempo para me pores bonito - arquejou ele. - Leva--nos até ao carro flutuador. As cabras do inferno em breve estarão sobre nós se não nos movermos rapidamente.

Conseguiu pô-lo de pé. Ele lamuriou-se e depois abafou a lamúria. Ela colocou o braço são dele à volta do seu ombro e carregou com o peso do seu corpo, tanto quanto podia.

- Há analgésicos no carro flutuador, Diarmid.

- Eu sei. Vou precisar deles... Rura, eu ainda sou o *laird*. Se eu cair, se eu fraquejar, tu deves continuar. Isto é uma ordem. Não importa... Não importa o que tu possas pensar, mas tu trazes contigo o meu filho. Tu vais salvar a criança.

- Sim, Diarmid. Eu entendo. - Ela teria concordado com o que quer que fosse - com tudo o que ele quisesse.

Agora estavam entre as árvores, cambaleando de um lado para o outro, lentamente, mas progredindo alguma coisa. A face de Diarmid estava franzida com a dor. Os seus olhos estavam vidrados como se ele não fosse capaz de focalizar a visão. Mas o eu espírito permanecia claro.

- Foi um belo golpe, Rura. As cabras lembrar-se-ão de nós... Obrigado por me teres ensinado a ler.

Rura ouviu um carro flutuador. Arremessou Diarmid para os fetos úmidos, misericordiosamente frescos, e deitou-se quase sobre ele, escondendo o rosto, esperando a todo o momento sentir um *laser* a queimá-los até à Terra da Omissão.

O carro flutuador veio lentamente, balouçando de um lado para o outro por entre as árvores. Chegou muito perto, mas não suficientemente perto. Talvez a sua tripulação estivesse concentrada na procura do helicóptero. Quando se foi embora, Rura ergueu-se. Tentou levantar Diarmid, mas ele estava inconsciente. Rura gritou alto de desespero e medo. Depois esbofeteou-o com força. Não surtiu efeito. Abanou-o. Num desespero, deu-lhe um pontapé. Ele gemeu e abriu os olhos.

- Põe-te de pé! - Ela tentou ajudá-la, mas ele era demasiado pesado. - Levanta-te, Diarmid, por favor! - Sem resposta.

Ela voltou a pontapeá-lo.

- Põe-te de pé, imundo porco das Terras Altas! Não agentas um pouco de mau tratamento, cara nariguda? Pensei que te julgavas um homem!

Diarmid emitiu um rugido de raiva e conseguiu ficar de joelhos.

- Não chega, porco. Tenta com mais força!

Sem saber como, conseguiu pô-la de pé. Sem saber como, com o seu braço à volta dele, prosseguiram o seu passeio de ébrios.

Rura ouviu O som de outro carro flutuador , Mais uma vez atirou Diarmid para os fetos úmidos De novo, o carro flutuador passou - desta vez não tão perto.

Ela tentou acordá-la mais uma vez. Esbofeteou-o e deu-lhe pontapés. Finalmente, mordeu-lhe o lábio. beijou-o e viu as suas lágrimas caírem na face dele. Depois mordeu-lhe os lábios com selvajaria animal.

- Levanta-te, porco! Anda, raios! E chamas-te tu um homem! Fazes-me vomitar!

Ele agarrou-a com força, pôs-se de pé.

- Marcha, porco! Flora rir-se-ia de ti. Ewan esconderia a cabeça com a vergonha!

Diarmid tentou falar, mas as palavras apenas borbulharam na sua garganta. De novo, o ébrio passeio.

Mas o local do esconderijo do carro flutuador estava agora à vista. Rura reconheceu-o. Largou Diarmid e ele caiu. Depois, correu para o carro, ativou os motores e trouxe a máquina até bem perto. - Para de rastejar, escória. Será que tenho de ser eu fazendo todo o trabalho?

Ele olhou fixamente para ela sem compreender.

- Ora toma, porco! És mais fraco que uma mulher. Perdi o meu tempo!

Diarmid deixou escapar um enorme berro e saltou, ficando de pé.

- Vejo-te no inferno! - disse ele intensamente. - Vejo-te no inferno!

Sem saber ao certo como, ela empurrou-o para dentro do carro.

Depois tomou os comandos, levantou o carro e correu para Lochinver e para o espaço livre do mar.

CAPÍTULO XXXI

A tarde já ia avançada quando o carro flutuador passou a correr sobre o mar. Havia uma ligeira ondulação com a qual era fácil guiar a máxima velocidade. Para oeste, a trinta quilômetros de distância, os montes de Lewis eram baixos perfis fantasmagóricos. O Sol movia-se inexoravelmente na direção deles, como se fosse dispersar aqueles imateriais contornos com o seu toque de fogo.

Diarmid sofria a sua crise no assento traseiro do carro, consciente, mas imóvel. Fitava tristemente o nada. O ar condicionado estava trabalhando em plena atividade, mas o carro flutuador estava cheio do odor de roupas calcinadas e carne queimada. Era o cheiro mais terrível do mundo.

Rura combateu a náusea e forçou-se a pensar. Disporia ela do tempo necessário para atravessar trinta quilômetros de água? Não! Diarmid precisava de analgésicos e ligaduras. Além disso, se andasse outro helicóptero próximo da costa, a esteira deixada pelo carro flutuador manifestar-se-ia como um sulco branco cinzelado.

Ela decidiu virar a norte, abraçando a costa. Havia de encontrar uma pequena baía, a não mais de dez quilômetros de distância, e, depois, encontraria alguma espécie de esconderijo e desceria.

Teve sorte. Rodeou um promontório e encontrou uma minúscula enseada de areia prateada, praia acessível e rochedos moderadamente altos. Conduziu o carro flutuador bem junto aos rochedos, passando sob eles, e depois parou os motores. Vasculhou no estojo médico e encontrou as injeções analgésicas. Aplicou uma no braço de Diarmid e outra no ombro do braço queimado. Depois, como medida de prevenção, aplicou uma injeção no alto de cada uma das pernas.

Quatro injeções deviam tê-lo feito perder os sentidos. Mas ele mal pareceu ter dado por elas. Surpreendentemente, ficou lúcido.

- Então, afastaste-nos das cabras do inferno! A época dos milagres ainda não passou. Onde é que estamos?

- Não sei. A cerca de dez ou doze quilômetros a norte de Lochinver. Rodeamos um grande promontório.

- Ah! Deve ser o Point of Stoer, sem dúvida... Qual é o nosso aspecto vistos do céu?

- Acho que devemos ser difíceis de ver. Os rochedos dão uma boa cobertura do lado sul, e o topo do carro flutuador é quase da mesma cor que a areia... Diarmid, como é que te sentes?

Ele conseguiu sorrir tenuemente.

- Acho que gostaria de evitar o combate corpo a corpo neste momento. Não chora-
mingues, doçura. Eu só estou ligeiramente cozido.

- Vou ter de colocar ligaduras nas tuas queimaduras.

- Sim, vais ter de fazê-lo... Parece que me lembro de me teres chamado porco,

cara nariguda, escória...

- Diarmid, desculpa. Eu... eu tinha de fazer alguma coisa.

Ele voltou a cabeça para ela. Algum do seu cabelo tinha sido queimado. Nos seus olhos havia derrames de sangue. Um dos seus ossos maxilares aparecia sob a carne viva arranhada. Havia sulcos onde as lágrimas tinham lavado as cinzas da sua pele. O lábio inferior estava inchado e sangrento onde ela o tinha mordido. Tinha um aspecto terrível. Tinha muito a aparência de um homem.

- Bom. Fiz de ti uma mulher das Terras Altas. Isso já é alguma coisa. Estou satisfeito.

Ela beijou a fronte dele muito ternamente.

- Diarmid, vou estender um cobertor na areia. Se te conseguires deitar nele cortar-te-ei o tecido queimado e colocarei ligaduras nas tuas pernas.

- Está uma linda tarde! - disse ele. - Apetecia-me tomar um banho de sol. A dor está desaparecendo e sinto-me quase humano.

- Eu dei-te algumas injeções

- Ah, então foi isso.

- Deviam dar-te sono.

- Não tenho sono algum. Talvez venha mais tarde. - Ele riu sinistramente. - Disse-ram-me que, o meu pai era um homem forte e teimoso. Talvez ele me tenha passado essas qualidades. Tinha pouco mais para dar.

- Consegues pôr-te de pé? Consegues sair do carro flutuador?

- Chama-me imundo porco das Terras Altas e verás.

Rura pegou em peles e num velho cobertor e estendeu-os na areia seca, num lugar abrigado do vento por uma grande rocha arredondada. Diarmid saiu do carro flutuador, cambaleando como um ébrio, foi, vacilando, até às peles e deitou-se reconhecidamente. O ar estava quente, maravilhosamente quente. A areia refulgia sob a rica luz dourada de um Sol enfraquecendo.

Rura começou a trabalhar com o estojo médico. A extensão das queimaduras não era pior do que aquilo que ela tinha receado. Grandes fibras de carne saíram agarradas às vestes axadrezadas. Pulverizou as pernas dele com o aerossol antisséptico, depois untou-as com o creme antibiótico e ligou gentilmente as partes mais gravemente feridas. Depois, deu atenção à queimadura do braço já atrofiado e ao grande rasgão no peito. Se pudesse ter sido dado a Diarmid um tratamento especializado num hospital da República de Anglia, ele teria ficado como novo em dez dias. Mas condenado a permanecer nas Terras Altas de Noroeste, sem tratamento adequado, sem comida nem abrigo, era um homem moribundo.

Era um homem à morte. Até aí ela sabia. Teria de aprender a aceitar isso. O fator de saber colocava-se para além das lágrimas.

As injeções analgésicas cumpriram maravilhosamente a sua missão. Diarmid não se queixou quando a carne queimada se rasgou do seu corpo, quando o sangue jorrou das veias cauterizadas. Estava mais interessado no mundo à sua volta.

- Nunca me apercebi - disse ele - do quanto me é querido o som do mar. Os homens chegam e partem, mas o mar fica. É o berço da vida. Disseram-me uma vez que todas as coisas viventes nasceram do mar. Quando o gênero humano tiver abandonado a terra, o mar continuará a trazer vida nova. Haverá continuação para ti!

- Tens de descansar agora! - disse Rura. - Tens de ter um pouco de repouso.

Ele sorriu .

- Repouso! Haverá muito repouso dentro em breve. Temos de fazer planos, Rura. Trazes contigo o meu filho.

O ar continuava quente, mas o vento soprava agora mais forte. Não a muitos me-

tros do local onde Diarmid estava deitado, pequenas ondas de rebentação gravavam na areia novos e transientes perfis.

- Havemos de encontrar outro lar! - disse Rura. - Vais recuperar bem, caçarás veados e irás à pesca de trutas e salmões.

Diarmid ergueu-se e fitou o mar.

- Os homens chegam e partem, mas o mar fica... Abatemos o helicóptero delas, não abatemos?

- Sim, abatemos os helicóptero delas.

- Rura, quero que regreses. Ouve com atenção o que eu tenho a dizer-te. Quero que regreses. Se disseres as coisas corretas.. se fizeres as coisas certas... elas dar-te-ão as boas-vindas. Talvez te deixem dar à luz a criança. Se...

- Se... o quê?

- Se lebares de volta contigo o corpo de Diarmid MacDiarmid.

Por uns instantes, Rura não falou. Não havia mais nada para além do som das ondas, do firme e surdo murmúrio do vento.

Por fim, ela disse:

- Amo-te e deitar-me-ei a teu lado na morte como na vida. Não há mais nada a dizer, Diarmid. É como acabaste de ouvir!

- Com que então?! - Ele suspirou profundamente. - Então, a pequena exterminadora abusa das minhas feridas.

- Sou uma mulher das Terras Altas. Gosto e interesso-me pelo meu homem.

Ela sentou-se ao lado dele por um momento, segurando-lhe na mão, ambos em silêncio. Diarmid deitou-se de costas, movendo um pouco a cabeça, fitando o mar, as rochas e o céu. Parecia extremamente fascinado com o que via, como se visse tudo aquilo pela primeira vez.

- Acho que gostaria de ser uma rocha - disse ele pausadamente -, uma grande rocha na costa escocesa... Se uma rocha pudesse saber que é uma rocha, quer dizer... Eu resistiria cem mil anos, com o mar batendo-me e desgastando-me um pouco mais em cada ano, com o vento cantando à minha volta, com a neve e o gelo no Inverno e o calor do Sol no Verão. Sim, seria uma boa coisa ser uma rocha, com as focas brincando e os pássaros do mar gritando, muito tempo depois de a raça do homem ter desaparecido...

Rura disse:

- Diarmid, que havemos de fazer? Diz-me o que é que temos de fazer!

Ele pareceu não a ter ouvido.

- Sim, foi uma coisa terrível pôr as mulheres contra os homens, os homens contra as mulheres. Unidos, talvez pudéssemos ter sobrevivido. Fizemos erros tremendos, mas, unidos, poderíamos ter sobrevivido. Divididos, homens e mulheres cairão, com toda a certeza. Nem todos os vossos processos de reprodução assexuada e por partenogénese podem produzir uma raça suficientemente forte para construir uma civilização que sobreviva.

- Diarmid, por favor, diz-me o que tenho fazendo.

- Ah, sim! - Franziu-se-lhe a face no esforço de concentração. - Que fazer. .. Vai estar uma noite gelada. Talvez haja mais neve... Não temos abrigo, nem há... - Ele parou à escuta.

Uma tênue vibração, agora mais alta. O inconfundível e horrendo som de um helicóptero detector. Veio, lentamente, sobre o mar, pesquisando, obviamente, a costa. Rura arrastou Diarmid para trás de uma enorme pedra arredondada. Não houve tempo para pegar nas peles e no cobertor, mas, provavelmente, eles não pareciam ser nada de especial vistos do ar.

O helicóptero girou, movendo-se diretamente para eles. Mal podia deixar de tê-los visto, mas, incrivelmente, não os viu. Entrou pelo interior, e o som dos motores morreu.

Diarmid estava perplexo.

- Não consigo compreender. Tanta atividade a norte nesta época do ano?! Isto é novidade. Que é que a poderá ter causado?

- Talvez tenha sido Diarmid MacDiarmid a causar essa novidade disse Rura. - Este Verão conseguiste dar ao Regimento de Fronteira muito que lembrar.

Ele sorriu.

- Tinha-me esquecido. Parece ter sido já há tanto tempo... Que fazer?... Que é que podemos fazer, senão rumar ainda mais para norte? Dormiremos no carro flutuador esta noite, Rura. Amanhã estarei mais forte. Amanhã estarei inteligente. Amanhã encontrarei um lar onde tu possas me curar.

Rura receava o pensamento de um amanhã. Se ao menos se pudesse descarregar o *laser* na mola principal do relógio do tempo.

- Esta é a tua região, Diarmid. Eu sou uma estranha aqui... Até onde nos podemos deslocar para norte?

- Talvez mais uns cinquenta, sessenta quilômetros. Isso leva-nos até ao cabo Wrath... O fim do mundo, Rura... Selvagem, desolado, lindo. Rochedos erguendo-se em escharpa a trezentos metros do mar... Uma região erma... O fim do mundo... Talvez para lá do alcance dessas mesquinhas moscas de metal que zumbem através do pacífico céu.

- Consegues entrar no carro flutuador?

- Rura, fizeste um trabalho maravilhoso na minha pessoa. Não sinto dor, só uma ligeira leveza, como se tivesse bebido uísque.

Mas ele não conseguiu ficar de pé sozinho, e a respiração ecoava-lhe dolorosamente nos pulmões enquanto tentava içar-se para o carro.

- Queres que siga a costa?

- Não, doçura. Guia para o interior. A escuridão vem depressa quando se viaja para norte: Não gostaria de ser apanhado entre o oceano e uma parede de rochas.

O Sol estava muito baixo sobre o mar, quando Rura elevou o carro. Baixo, e agora já de um vermelho triste. Haveria, talvez, mais uma hora de luz do Sol, talvez um pouco mais.

Ela olhou para o Sol e para o mar por um instante, saboreando aquele esplendor desolado. Depois deu uma volta pela praia, procurando uma rota fácil para o interior.

CAPÍTULO XXXII

Novou durante a noite; não pesadamente, mas o suficiente para tapar as janelas do carro flutuador. Rura tinha conservado o ar condicionado em funcionamento durante toda a noite, mas a bateria estava falhando e não havia muito calor.

Durante a primeira parte da noite, Diarmid descansou, mal se movendo, de respiração pouco profunda, mas constante. Às primeiras horas da manhã veio a febre. Ele saltava e contorcia-se no assento, que tinha sido baixado de modo a ser quase uma cama. Saltava, contorcia-se, gritava e falava numa língua que ela não conseguia entender. Talvez a língua morta gaélica, supôs ela. Talvez ele a tivesse aprendido um pouco em criança.

Quando ele tremia, ela tapava-o bem com as peles de carneiro.

Quando ele ardia de febre, ela aliviava-lhe a roupas e ligava a ventoinha a toda a força.

O carro flutuador estava num promontório no cabo Wrath. Diarmid estava certo. Aquilo era o fim do mundo. Não havia nada lá fora, senão neve e terras cobertas de urze, e grandes rochedos que desciam até às negras profundezas do mar.

«O meu homem está morrendo», pensou ela tristemente, «e não há nada que eu possa fazer por ele... Sim, há algo que eu posso fazer por ele. Posso entregar o seu corpo ao mar e rezar para que ele se transforme num grande rochedo, que ficará para sempre numa praia escocesa qualquer, enquanto as estações voam como segundos, enquanto os pássaros giram ao longo de todas as manhãs de Verão deixadas no tempo. E, depois, como um animal, posso partir à procura de uma toca qualquer que me guarde pelo Inverno afora. E na Primavera poderei dar á luz um filho homem. Isto é tudo o que posso fazer por ele. E isto terá de ser o bastante.

Um pouco antes da alvorada, a febre pareceu descer. Desceu muito rapidamente, deixando Diarmid anormalmente frio. Ele acordou. Havia alguma dor nas suas pernas, mas não muita.

- Onde é que estamos, Rura?

- No cabo Wrath. Disseste-me para nos trazer até aqui.

- Disse? Pois disse. Uma decisão sensata. O cabo Wrath fica bem longe de Carlisle, é quase o ponto mais longínquo da Escócia... Tem estado a nevar. Pareces fatigada. Dei-te muito trabalho?

- Não estou cansada - mentiu ela - e deste-me pouco o que fazer.

- Que idade tens?

- Vinte.

- Perdoa-me!

- Perdoo-te porquê?

- Porque eu tenho quase o dobro da tua idade, Rura. Vi mais Estios, sofri mais Invernos. Tenho mais recordações. Desculpa-me.

- Não há razão para me pedires desculpa. Na Primavera dar-te-ei um filho. Isso deve amadurecer-me alguma coisa. O filho de Diarmid MacDiarmid tem de ser trabalhoso.

- Rura, nós amamo-nos. É estranho, não é? A exterminadora e o porco das Terras Altas. Amamo-nos e, portanto, não devemos enganar-nos um ao outro. Eu estou morrendo. E tu sabes disto!

- Sim, sei!

- Tarefa fácil é a minha! - disse Diarmid - Eu também sei disso... Mas dar-me-ia prazer... sim, dar-me-ia prazer que tu fizesses um sério esforço para viver. Achas que tens estômago para isso?

Ela sorriu e bateu levemente na barriga.

- Como podes ver, tenho estômago para isso.

- Ótimo. Ouve cuidadosamente. Não te tomarei muito mais tempo, Rura. Depois, quero que faças caminho pela costa leste e trabalhes cautelosamente para sul. Tenta encontrar um homem das Terras Altas ou uma força de luta. Eles precisarão de mulheres, eles precisarão de crianças. Compreendes?

- Compreendo. Será como tu dizes. Farei tudo para assegurar a vida desta criança.

- Então, melhor. Não há mais nada a dizer acerca disso. O Sol está a erguer-se, Rura. Se não houvesse neve nestas malditas janelas, eu poderia vê-lo nascer.

Rura saiu do carro flutuador e arranhou com as unhas a neve colada aos vidros. Diarmid viu o Sol nascer, grande e vermelho. Ele assistiu avidamente àquele momento, bebendo cada instante como alguém que nunca o tivesse visto antes ou que nunca mais o voltasse a ver.

- Fala à criança de mim. Conta-lhe tudo o que sabes. Diz-lhe que eu era um homem. Isso bastará.

- Dir-lhe-ei.

- Diz-lhe também que o amor vem raramente. Diz-lhe que o pai dele foi duas vezes abençoado.

Rura e Diarmid ficaram deitados juntos no carro flutuador por um breve momento. A dor, agora, tinha desaparecido completamente agora, mas ele só podia mover um braço. E utilizou-o bem. Acariciou o cabelo de Rura, sentiu os contornos da face dela, pousou a mão sobre a promessa de vida no seu ventre.

Passados alguns momentos, Diarmid ficou com sede. Rura saiu do carro flutuador e preparou-lhe uma bebida. Ficou surpreendida por ver que o Sol ia já tão alto. O tempo tinha passado tão velozmente!... Era quase meio-dia.

Estava ela a esgatanhar neve para uma pequena frigideira quando ouviu o helicóptero. Vinha do sul. Vinha baixo, muito baixo. Não havia possibilidade de deixar de ver o carro flutuador, exposto na terra de urzes pelos rochedos.

O helicóptero viu-o, circulou, flutuou e deixou cair qualquer coisa.

O carro flutuador explodiu. Rura correu para os destroços. Diarmid tinha sido atingido. Estava morto. Jazia na neve com os olhos fechados e um ar de profundo espanto na face.

Rura aninhou-se nos seus braços, embalou-o, murmurou-lhe palavras que ele nunca ouviria. Uma parte dela estava consciente dos acontecimentos. Sabia que o helicóptero tinha aterrissado. Sabia que havia alguém dirigindo-se para ela. Não importava. Diarmid estava morto. Ela acariciava-o, embalava-o e sussurrava-lhe palavras de grande ternura.

- Bom, porca. Foi uma longa perseguição. Terá valido o porco que está morto na neve?

Rura sentiu o punhal na mão. O punhal que ela aprendera a empunhar como mu-

lher das Terras Altas. Ergueu-se e encarou a exterminadora, A exterminadora armada com uma espingarda *laser* e a autoridade de Curie Milford da República de Anglia.

- Sim, cabra dos infernos, valeu a pena.

- Rura!

No exato momento em que a tenente Kayt assimilou aquela revelação, Rura atravessou-lhe o peito com o punhal.

Kayt ficou ali, vacilando, estupefata

- Rura!

- Rura MacDiarmid, cabra dos infernos. O meu nome é Rura MacDiarmid.

Os joelhos de Kayt falharam-lhe. Ela caiu na neve.

- Rura - arquejou ela. - Eu amava-te... eu amei-te!

Rura não ouviu, não se interessou em ouvir. Kayt resmungava e gemia, tingindo a neve de vermelho... Saiu alguém para a neve. Havia mais um *laser* com que se preocupar. Rura estava para além da preocupação.

Tomou Diarmid nos braços. Abraçou-o. Murmurou palavras ternas. Disse:

- Amar-te-ei até...

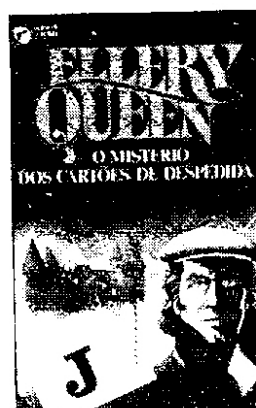
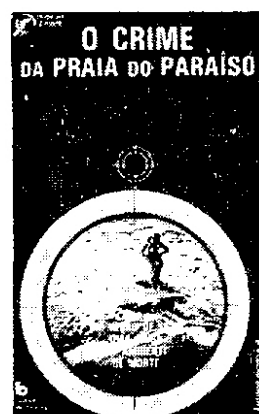
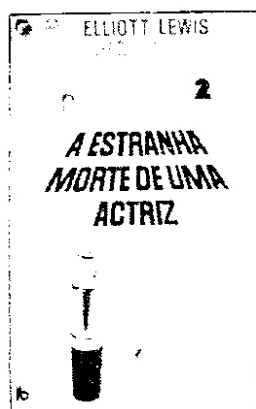
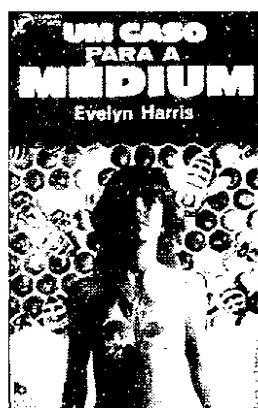
E depois veio a escuridão. A escuridão da eternidade.



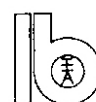
PARA OS APRECIADORES DO ROMANCE POLICIAL DE QUALIDADE



Clube do
CRIME



Uma série
nos



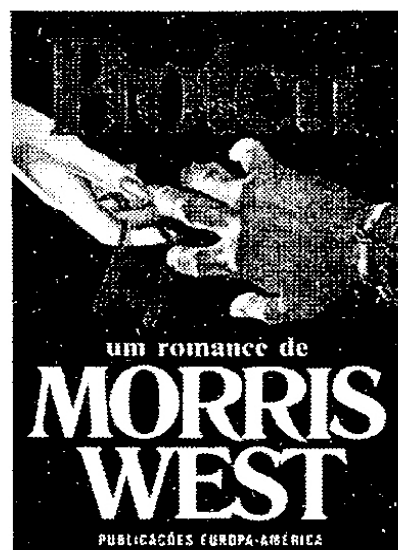
«Livros de Bolso
Europa-América»



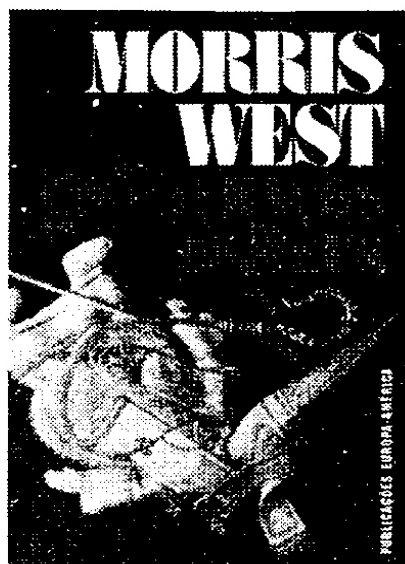
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

UM AUTOR CONSAGRADO TRÊS ROMANCES INESQUECÍVEIS

NA COLECÇÃO SÉCULO XX®



9 9 0 2 5 8 2



**Temas profundamente
humanos e actuais
A narrativa vigorosa
de Morris West**

 **PUBLICAÇÕES
EUROPA-
AMÉRICA**

Apartado 8
2726 Mem Martins Codex



**TODO O AMBIENTE, ACÇÃO E AVENTURA
DO VELHO OESTE**



**AS OBRAS-PRIMAS DO *WESTERN*
OS MELHORES ESCRITORES
UM LIVRO POR MÊS
UMA SÉRIE DE QUALIDADE EM
LIVROS DE BOLSO**



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

AS EXTERMINADORAS



Em pleno século XXV, quando os homens se reproduzem quer por partenogénese quer por processos assexuados, encontramos a *exterminadora* Rura Alexandra. A sua tarefa é ajudar na extinção dos poucos milhares de homens que restam. Mas atormentam-na a incerteza e a lembrança do sangue já derramado.

Diarmid MacDiarmid é um dos últimos chefes rebeldes sobreviventes. Em serviço de patrulha, Rura e duas outras *exterminadoras* caem numa armadilha. As suas companheiras são mortas; Rura, violada pelos homens de Diarmid, é depois levada à sua presença. Um e outro cairão num mútuo fascínio que lhes será fatal...

Antecipando-se às extremistas do Women's Lib, o autor apresenta-nos um mundo onde dominam as mulheres e os homens são meros joguetes e aparentemente nem sequer são precisos...

DO MESMO AUTOR NESTA COLEÇÃO:

KRONK
O DÉCIMO PLANETA
A PRISIONEIRA DO FOGO